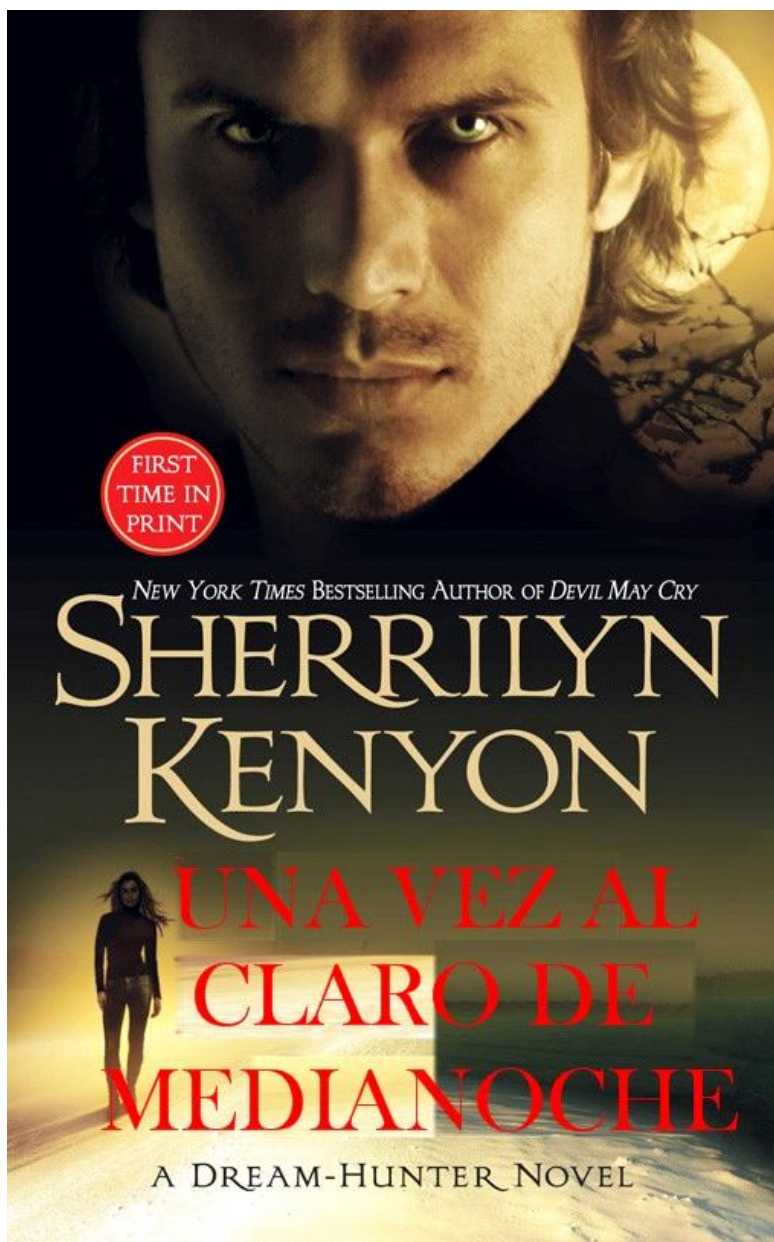




Disponibilização em Esp: Dark Hunter Love

Envio/Tradução: Sarah Gomes

Revisão: Ju

Revisão Final e Formatação: Meliodora Dumbledore

Projeto Revisoras Traduções



ARGUMENTO

Pensaste que Scrooge tinha razão antes que os fantasmas arruinassem sua vida e o deixassem vulnerável?

Em algum tempo Aidan O'Conner foi uma renomada celebridade mundial que deu a si mesmo e seu dinheiro sem querer nada em troca. Até que aqueles que o rondavam sem pedir. A amarga traição chegou a ele de todas as direções. Inclusive daqueles próximos a ele. Agora é um homem que não quer nada do mundo ou a ninguém que seja parte dele.

Até a noite que se encontra um estranho em sua porta detrás que tinha visto antes... em seus sonhos.

Nascida como deusa no Olimpo, Leta não sabe nada do mundo humano. Mas um desumano inimigo a conduz do mundo dos sonhos, ao interior da casa do único homem que ela conhece. Seus poderes imortais derivam das emoções dos humanos e a raiva e hostilidade de Aidan são o combustível que necessita para defender-se.

Uma fria noite de inverno que mudará as vidas de ambos.

Apanhados juntos por uma tormenta, os dois deverão fazer algo que juraram que nunca fariam. Confiar.

A maneira de vencer ao homem zangado é com a gentileza, ao homem mau com bondade, ao avaro com a generosidade e ao mentiroso com a verdade.

Provérbio Indiano

Parece bom, não é mesmo? Se ao menos as pessoas e a vida fossem assim tão estupidamente fáceis. Acredite, é preciso mais do que um biscoitinho amigável para domar um leão faminto. E é tudo sempre muito divertido até que alguém se machuque. Então é uma guerra.

~ Savitar - Deus Chthonian ~

PRÓLOGO

Dolor sorriu quando finalmente sentiu a chamada de seu anel de convocação. Durante incontáveis séculos tinha estado dormindo, maldito, esperando por alguém com testículos suficientes para lhe despertar. Como odiava à deusa dos Sonhos, Leta, por suas habilidades para lhe apanhar nesse destino. Para fazer de cão mulherengo um simples mortal. Agora a vaca o pagaria.

Mas primeiro tinha que pactuar com este patético mortal que tinha temporalmente o poder sobre ele.

Jogando a cabeça para trás, permitiu a sua parte consciente viajar através da escuridão até emergir como uma aparição ante seu convocador.

—Viu! Disse a você que funcionaria!

Dolor franziu o cenho ante o pequeno e redondo homem que tinha uns pequenos e brilhantes olhos azuis, óculos, e uma careca que brilhava sob as entristecedoras luzes fluorescentes. Sentava-se próximo a um homem alto que tinha o cabelo loiro muito curto. Seus olhos verdes eram ferozes e refletia loucura e raiva.

E aqueles olhos verdes se entrecerram e olharam suspeitosamente Dolor.

—Quem é?

Dolor bufou ante a estúpida pergunta.

—Você me convocou. Não sabe?

O humano ofegou quando o homem mais baixo subiu os óculos sobre o nariz com o indicador. Ficou de boca aberta quando olhou ao homem mais alto.

—Viu, lhe disse isso, Donnie. O livro de feitiços e o anel funcionam justo como Mark havia dito que o faria. Disse-te que Mark era um gênio em toda esta estranha matéria de ocultismo. Nunca tinha se equivocado antes. Agora lhe diga ao deus Dolor a quem quer castigar e ele o fará.

—Por um preço. — acrescentou Dolor, recordando-lhes que havia ali mais do que lhe trazer do êxtase, ler só as linhas do livro e levar seu anel junto. Agora mesmo, a maioria de seus poderes estavam ainda atados pela maldição de Leta.

O homem loiro cruzou os braços e lhe dedicou uma malvada e presunçosa careta.

—Que preço?

Dolor encolheu os ombros com indiferença como se o suposto preço não fosse nada.

—O preço da vingança—um sacrifício de sangue. Preciso que mate alguém para despertar-me de meu sonho.

O que se chamava Donnie assentiu como se estivesse de acordo com os termos. Um instante depois, tirou uma pequena lâmina do bolso traseiro e cortou a garganta do homem que estava a seu lado. O homem mais baixo tentou gritar, mas o corte era muito profundo para permiti-lo.

Dolor arqueou uma sobrancelha quando o homem mais baixo caiu ao chão, segurando o pescoço e arfando até que finalmente a morte o reclamou. Donnie simplesmente o viu morrer sem um simples sinal de remorso ou sentimento pela pessoa que tinha sido seu companheiro de cela durante os últimos dois anos.

Bem. Dolor necessitava a alguém desalmado assim para lhe ajudar.

Sorrindo, aplaudiu ao humano.

—Gesto encantador, mas não o que preciso.

Donnie curvou o lábio.

—O que quer dizer?

—Há um ritual, estúpido. Não retornarei sem...— Dolor vacilou em revelar por temor de assustar ao humano— certos requerimentos.

—E são...?

De novo, Dolor vacilou, mas não havia outra maneira de que o humano despertasse os poderes de Dolor.

Com um pouco de sorte o humano continuaria sendo desumano e frio.

—O sangue de alguém querido. Deve me oferecer alguém importante para você e deve recitar minha maldição enquanto o faz. Quando as palavras tenham efeito e eles estejam mortos, meus poderes se desatarão e serei capaz de entrar neste mundo.

Havia algo além disso, mas o humano não precisava sabê-lo até seu devido tempo.

O primeiro era o primeiro. Se Dolor podia conseguir esse sacrifício, o resto seria mais fácil... sempre que o humano fosse sério em sua vingança.

Donnie franziu o cenho ceticamente.

—Como sei que não está mentindo-me?

—Por que mentiria?

—Por que todos o fazem.

E ele sabia. Eram as mentiras e a decepção que tinham jogado esse pedaço de lixo na prisão. Dolor lhe dedicou um apaziguador, mas nada sincero sorriso.

—Certo, mas quero minha liberdade tanto como você.

Donnie bufou.

—Já vi este filme algumas vezes. Matará-me uma vez esteja livre, não é certo?

Dolor riu.

—Meu veneno não é para ti, pequeno humano. Tenho minha própria pessoa a quem sangrar. Por culpa dela, tenho que fazer com que você me dê primeiro as ordens. Depois e só então serei livre para

exigir minha própria vingança. Acredite-me, viverá muito tempo uma vez me tenha ido.

Porque viver com as ações que tinha tido que levar a cabo para liberar dor era a pior coisa que Dolor podia fazer por este humano e desde que ele era o deus da dor...

Dolor sorriu e esta vez sem fingir.

Donnie deu um passo sobre o corpo para aproximar-se da brilhante forma fantasmal.

— Estive esperando por isso muito tempo. Desde dia em que fui detido, estive tentando coisas, tudo o que pude e nada funcionou. O que quero mais que nada neste mundo é a meu irmão morto e quero que sofra inimagináveis misérias antes de morrer. Estamos falando de dor de proporções bíblicas. Do tipo que esteja gritando, pedindo piedade e me rogando que o mate para acabar com isto enquanto rio ante sua agonia. Pode fazê-lo?

—Essa é minha especialidade.

Donnie sorriu ante a loucura que flamejava no profundo de seus olhos.

—Então me diga o que tenho que fazer para te liberar. Farei tudo para ver sofrer e morrer a meu irmão, e quero dizer tudo.

Dois dias depois

Vestida com uma larga, e flutuante túnica grega, Leta despertou com um agudo grito. Levou vários segundos acostumar-se a seus arredores. Ainda estava em seu fofo divã, dormindo na sala dos espelhos no Olimpo.

Mas algo ia mal. Podia senti-lo. A escura mão do mal escorregava sobre seu corpo com um toque inconfundível.

Dolor, o mais vil de todos os deuses, tinha sido convocado de retorno ao reino humano o que tinha provocado seu próprio despertar. O deus da dor tinha sido capturado fazia séculos por Leta quem lutou

contra ele até que ambos estiveram sangrentos e esgotados. Havendo Zeus proibido Ihe matar de nenhuma maneira, viu-se forçada a Ihe apanhar de modo que nunca fizesse outra vez o que tinha feito a ela.

E uma vez tendo sido apanhado, pôs-se a si mesma em êxtase para sarar e esperar o momento que ele despertasse.

Agora alguém tinha pronunciado o que nunca se deveria pronunciar outra vez. Aspirando profundamente, permitiu que suas lembranças escondidas a assaltassem.

Malditos fossem! Os estúpidos humanos não tinham idéia do que tinham desatado. A dor não se contentaria atacando só a uma pessoa depois do que o tinham enviado. Não, era sanguinário e desumano. Dolor não respeitava nada, e ninguém era imune a Dolor.

É obvio, espreitaria e assassinará ao que Ihe enviasse, mas uma vez que o tivesse feito, Dolor retornaria ao que o tinha convocado.

Que os deuses tivessem piedade do convocador então. Sua tortura não teria fim.

Fechando os olhos, despertou seus entorpecidos poderes. Deixou que seus pensamentos fossem à deriva até encontrar ao objetivo de Dolor.

O objetivo Ihe dava as costas, mas inclusive embora ela podia assegurar que ele era alto e largo de ombros. Seu cabelo loiro era revoltado e ondulado caindo até a parte superior de seu pescoço.

Como uma deusa dos sonhos, podia sentir suas amargas emoções chamando-a. Eram tão fortes que podia as sentir como suas próprias.

—Claro.—disse ele, sua profunda voz cheia de malícia—.Não deixa de me assombrar como uma só mentira pode desfazer toda uma vida de bem.

E aí foi quando ela se deu conta de algo. Esse homem não necessitava a Dolor. Este vivia realmente dentro dele junto à Amargura e a Raiva. Tinham-no apertado comodamente contra seu peito e pelo que sentia não tinham intenção de deixar ir.

Então o ouviu...

Essa profunda risada que gelava o sangue.

—Leta...

Ela saiu de seu estéril divã para permanecer de pé sobre o frio chão de mármore. Um vento gelado colou a túnica contra seu corpo, expondo seus pés nus até os tornozelos. Isto fez com que as faixas de ouro sobre seus antebraços se congelassem. As paredes a seu redor eram brancas sem nenhum quadro, cortinas ou algo que rompesse essa estéril qualidade.

Ainda assim, sentia a presença do deus da dor.

—Onde está, bastardo?

Dolor apareceu atrás dela. Antes que pudesse mover-se, agarrou-a pelo cabelo e puxou apoiando o dorso da cabeça dela contra seu ombro.

—Não acreditaria que podia ter me apanhado para sempre, verdade?

Ela tentou lutar, mas ele a liberou e se desvaneceu.

—Isto não acabou, Dolor.—disse ela, sua voz carregada com o peso de sua determinação.

Sua risada encheu a habitação.

—Não, não o tem feito. Você atou a esta maldição e antes que isto acabe, pagará por isso. Agora se me desculpa, tenho um humano ao que torturar e matar.

Ela sentiu-o retroceder todo o caminho descendo por sua coluna e não havia nada que pudesse fazer para detê-lo. Por decreto de Zeus, suas próprias emoções lhe tinham sido drenadas. Ainda assim sentia algo... Restos possivelmente de emoções do passado?

Não estava segura.

Mas uma coisa era certa, não ia permitir a Dolor ferir outra alma se pudesse impedi-lo. Isto era um voto solene que se feito e era o único que manteria. Tanto tempo como houvesse vida em suas veias, brigaria.

E quando se moveu para diante, o objetivo de Dolor se voltou no espelho para olhá-la.

Leta congelou-se quando viu as feições da cara do homem. Era

tão formoso como um imortal. Através da névoa que separava o Olimpo do plano humano, pôde ver cada curva e linha de seu perfeito rosto. Pronunciadas sobranceiras elevando-se sobre uns olhos de um verde pálido. Abrasando com inteligência, mostraram-lhe uma alma que estava manchada pela traição. Uma completamente desprovida de confiança.

E em um simples momento, sentiu sua pena no interior de seu próprio coração. Ele queria confiar em alguém. Queria alcançá-lo. Mas tinha esquecido como.

Só e frio, era a dor personificada.

Inclinando a cabeça, ela se deu conta de algo. Essa dor que ardia tão violentamente em seu interior era exatamente o que necessitava para vencer a Dolor. Se podia canalizá-lo, fundiria-se com seus poderes e lhe daria a vantagem. Não havia emoção mais forte que a raiva...

Ele já tinha sido ferido o bastante...

Isso não importava. Ela não podia ver sua dor como própria. Dolor devia ser derrotado a todo custo e se esse humano pagava o preço, o que? A vida e alma de um, nunca valeriam mais que a vida e a alma de muitos. Aidan O'Conner seria seu sacrifício e seu passado seria finalmente vingado. Dolor seria derrotado por sua mão e posto a descansar para toda a eternidade.

CAPÍTULO 1

Leta estava completamente desconcertada pelo mundo humano quando ficou olhando dentro dos espelhos ao seu redor que lhe mostravam os acontecimento diários que aconteciam no reino do homem. Seu olhar ia de um espelho a outro enquanto tentava encontrar sentido as piscantes imagens de pessoas de todo o mundo. Começava a suspeitar que tinha cometido um horrível engano ao colocar a si mesma em êxtase enquanto esperava que Dolor despertasse. Tudo tinha mudado.

Tudo.

Tinham complicado geringonças, máquinas que nem sequer começava a enestender. E os idiomas tinham mudado muito... Tinha que centrar-se para enestender as palavras pronunciadas rapidamente, que eram adivinhações com coloquialismos e jargões que escapavam a sua compreensão. Doía-lhe a cabeça do esforço de tudo isso.

—Dê a si mesma tempo.

Ela voltou-se para encontrar a seu irmão mais velho M´Adoc atrás dela. Para uma criatura cujas emoções tinham sido brutalmente arrancadas, sentia que seu coração se comovia ante seu redor. Era uma débil alegria que lhe recordava como se sentiria à verdadeira felicidade. Mas as emoções fantasmais eram melhor que não ter emoções.

Alto e ágil como ela, M´Adoc tinha o ondulado cabelo negro e olhos de um azul tão pálido que quase era transparentes.

Estendeu-lhe a mão.

—É bom ver-te outra vez, irmão.

Houve o mais sutil abrandamento em seu olhar quando tomou sua mão e ela a levou aos lábios.

Leta se estremeceu quando uma espontânea e inesperada imagem sua sendo torturado a atravessou. Inclusive depois de centenas de anos, ainda podia ouvir seus gritos.

E os seus próprios.

Como se conhecesse seus pensamentos, M´Adoc a atraiu a seus braços. Embalou sua cabeça em sua mão e sustentou seu rosto contra o ombro. Leta ofegou quando lhe aconteceu o conhecimento das mudanças do mundo e como funcionava.

—Impuseste-te uma tarefa hercúlea, irmãzinha.—sussurrou contra seu cabelo—.Deveria haver ficado com o resto de nós e não te isolar.

—Não podia.

Tinha sido muito doloroso vê-los todos sem emoções quando recordou a maneira em que tinham sido antes que Zeus os castigasse. A única emoção que Zeus lhes tinha deixado era a dor, de modo que pudesse controlar e castigar aos deuses do sonho, e essa dor sem fim tinha alimentado um buraco em seu interior.

Era um frio mundo o que tinha estado forçada a viver e isso mais que nada era o porquê de só se contentar dormindo através da eternidade.

Ela se separou de M´Adoc de modo que pudesse encontrar o olhar.

—Tenho que lhe deter.

—Ele não é o único deus da dor. A dor impregna tudo em nosso mundo e no do homem.

—Sei. Mas ele é o sofrimento definitivo. Não é suficiente com que faça gritar a suas vítimas. Destrói-as, mente, corpo e alma. Não esteve ali, irmão... não o viu.

Ainda assim, ele se estremeceu como se pudesse de fato ver suas lembranças.

—Todo mundo faz o que sentem que têm que fazer. Respeito-te por suas escolhas. Não quero dizer que esteja de acordo com elas.—seu olhar se aguçou antes de voltar a falar—.Dolor te matará se tiver oportunidade.

Ela deixou que um lado de sua boca se curvasse em uma espécie de amargo sorriso.

—Bom. Desfrutarei da briga de maneira que possa desfrutar ao sentir seu coração em meu punho quando lhe arrancar a vida.

M’ Adoc inclinou a cabeça para ela.

—Então te deixo com seus planos de vingança... exceto por uma coisa.

-O que é?

Seus olhos eram fascinantes.

—Não é a dor que nos infligem o que nos destrói. É a dor que deixamos dentro de nossos corações o que o faz. Não deixe que a raiva dos humanos se converta na tua. Pode se tornar louca se o fizer—.E com essas sábias palavras, desvaneceu-se.

Leta deixou escapar um profundo suspiro enquanto considerava o que lhe havia dito. Sabia que tinha razão. Mas sabê-lo e fazê-lo eram duas coisas completamente distintas. Precisava da raiva de Aidan. Ela a queria.

Fechando os olhos, centrou-se no objetivo.

Aidan.

Estava dormindo em sua cama, sonhando que estava perdido em meio de uma ensurdecadora tormenta. A chuva cortava dolorosamente contra sua pele enquanto seguia adiante caminhando fastidiosamente. Respirava com dificuldade, seu rosto contraído pela raiva.

Leta estava desconcertada por suas ações. Por sua vontade em continuar inclusive quando os relâmpagos golpeavam a terra, evitando-o apenas. A estática das explosões fazia com que seu cabelo se elevasse e revoasse ao redor de suas duras feições. Era uma feroz determinação o que o levava a continuar adiante. E antes que ela se desse conta do que estava fazendo, tinha passado através do portal e entrado ao seu lado no sonho.

Ele congelou no lugar como se a advertisse. A fria chuva penetrava a pele dela, esmagando o cabelo contra seu corpo enquanto ela o olhava curiosamente. Neste estado, todas as emoções dele estavam abertas para ela. Podia sentir cada gota de sua raiva, sua traição.

Sua insaciável necessidade de vingança.

Estava tão perto de seus próprios sentimentos que isto alimentava seus poderes e trazia suas emoções de volta com uma claridade tão ardente, que ardia.

Ele descruzou os braços de seu peito enquanto ficava ante ela com esses gelados e agudos olhos.

—Quem é você?

—Uma amiga.—sussurrou ela, contagiada por um calafrio do vento que começou a soprar contra eles.

Ele riu amargamente.

—Não tenho amigos. Não quero nenhum.

—Então estou aqui para te ajudar.

Ele bufou a modo de brincadeira.

— Ajudar-me a fazer o que? Congelar-me? Ou está planejando me manter ainda nesta tormenta para se assegurar que os relâmpagos me matem?

Leta estalou os dedos e a chuva se deteve instantaneamente. As nuvens rodaram por cima enquanto se apartavam para mostrar ao sol. Os raios iluminaram a desolada paisagem e a pintaram de brilhantes cores verdes e amarelos.

Aidan não estava assombrado.

—Bonito truque.

Era um homem difícil de impressionar e sua enfastiada mordacidade a fazia perguntar-se que lhe tinha acontecido para causá-la. Ela secou suas roupas e cabelos.

—Por que convocou a chuva?

—Não convoquei merda nenhuma.—grunhiu ele— Estava me ocupando de meus próprios assuntos quando caiu sobre mim. Tudo o que estava tentando fazer era conseguir atravessá-la.

—E agora que se foi?

Ele olhou para o claro céu azul sobre eles

—Retornará. Sempre o faz e te golpeia quando menos se espera.

Ela sabia que não estava falando só da tormenta.

—Deveria encontrar refúgio.

Ele bufou ante ela.

—Não há nenhum. A tormenta o derruba e te deixa nu no furacão, assim Para que preocupar-se?

E ela tinha pensado estupidamente que *ela* estava amargurada. Então de novo, fora do mundo dos sonhos, só podia sentir uma pontada do que sentia agora. Inclusive assim a sua não era nada em comparação com a dele. Sua amargura avançava tão profundamente, que lhe escaldava a língua com seu sabor.

Mas debaixo essa hostilidade sentia uma crua vulnerabilidade. Algo sobre ele tinha sido esmagado e ainda assim lutava para sobreviver inclusive embora ele não o quisesse. Isto alcançava o sofrimento de seu próprio coração e fazia com que quisesse tocar-lhe.

Sem um segundo pensamento, deu um passo adiante para estender a mão a sua bochecha.

Ele gemeu igual a um gato antes de apartar-se.

—Não me toque.

— Por que não?

—Não quero sua falsa amabilidade. Claro, sorrirá e será tão doce comigo até que confie em ti, mas no minuto em que não lhe dê tudo o que quer no instante em que pedir, se voltará contra mim e tentará me esmagar. É igual a todos no mundo. Ninguém importa exceto você.

E com isso, deu a volta e se afastou caminhando.

Leta cruzou os braços enquanto o via pôr distância entre eles.

OH sim tinha mais que suficientes emoções amargas ali para derrotar a Dolor. Pouco sabia o deus que sua atual vítima ia ser sua queda. Aidan possivelmente parecesse insignificante para o deus, mas sua determinação e espírito seriam o combustível que ela necessitava para vingá-los a ambos.

E igual a Dolor, ela não mostraria nenhuma clemência ou debilidade. Ninguém ia evitar que lhe destruísse. Por uma vez Dolor ia saber exatamente o que era ter a alguém que fosse por ele e lhe

deixar tremendo no chão, rogando por uma misericórdia que nunca chegaria.

Não podia esperar...

CAPÍTULO 2

Era outro maldito dia no inferno, no que concernia a Aidan O’Conner. Tudo estava igual, e ele gostava assim.

Pelo menos era o que tinha esperado até que o celular começou a tocar. Agarrando-o da bancada do café da manhã, olhou o identificador de chamadas. Ao princípio não respondeu, mas era seu agente, Mori, e se não respondia, Mori se preocuparia como um cachorrinho neurótico com infecção de urina precisando fazer xixi na neve.

Definitivamente não precisava disso em sua vida, e muito menos no humor em que se encontrava nestes momentos.

Aidan abriu o telefone com o queixo ao mesmo tempo em que baixava o volume do estéreo, que estava soando com um CD do Bauhaus.

— Olá, Mori.

— OH, Aidan, está aí. Estava preocupado por ti.

Sim, claro. A única coisa pela que se preocupava Mori era de onde viria seu próximo cheque. O bastardo era como todos outros que Aidan tinha conhecido. Avaro, interessado em si mesmo e narcisista, e queria uma parte da carne do Aidan.

Definitivamente o tom choroso fez ferver algo dentro do Aidan.

— Tenho outra oferta para ti, A. Oferecem até trinta e cinco milhões de dólares e uma parte significativa dos benefícios, e me acredite, com os co-protagonistas que estarão neste filme haverá suficientes benefícios para fazer que inclusive um Scrooge como você sorria.

Aidan recordou uma época em que se engasgou e morreu ante semelhante oferta. Um tempo em que esse dinheiro tivesse sido um sonho incrível.

Mas como todos seus sonhos, esse também tinha sido brutalmente destruído.

— Disse que não estou interessado.

Mori se burlou.

— Claro que está interessado.

— Não, Mori. Não estou.

— OH, vamos, não pode seguir te escondendo no topo de sua pequena montanha. Cedo ou tarde terá que voltar para mundo real. E este seria a volta ideal. Pensa quanto dinheiro estará jogando fora se disser que não.

Aidan pôs o CD na canção “Crowds” e deixou que lhe recordasse por que não estava interessado em voltar para Hollywood... Nem a nenhum lugar fora do Knob Creek, Tennessee. Não gostava de gente e odiava a idéia de voltar a fazer outro filme.

— Muito obrigado, mas não. Com cem milhões de dólares em minhas contas bancárias, nem sequer tenho que voltar a sair daqui outra vez.

Mori fez um profundo som de desgosto com a garganta.

— Maldito seja o inferno, Aidan. Estive tanto tempo longe da ação que tem sorte que alguém te queira por qualquer preço. Inclusive a imprensa te tem esquecido neste momento.

— De verdade?— disse, baixando o olhar à mesa de café, onde estavam atirados montão de jornais que havia trazido fazia uma semana quando foi ao supermercado. Seu rosto estava por toda parte.

— Engaçado, mas parece que sou objeto das fofocas dos periódicos. Estão especulando com tudo, desde se tive um acidente de carro que me desfigurou, até se fui seqüestrado por alienígenas ou um fã louco, e meu preferido entre todos, que afirma que me estou submetendo a uma operação de mudança de sexo em uma clínica sueca. Particularmente eu gosto da imagem feita com o Photoshop em que

levo um vestido. Pelo menos tenho melhor aspecto que Klinger, né? Mas sinceramente, eu gostaria mais acreditar que me pareço com a Alexis Mead de Uggly Betty do que ao yeti peludo com o que me compararam.

Mori amaldiçoou de novo.

— Realmente não está brincando comigo, verdade? Isto não é uma montagem para obter mais dinheiro do estúdio. Realmente fala a sério com respeito a te retirar.

—Sim, Mori. Estou fora. Só quero voltar a ser um tipo normal e corrente que ninguém conheça.

Mori soprou.

—É muito tarde para isso. Não há nenhuma pessoa neste mundo com mais de dois dias de nascido que não conheça o nome e a cara de Aidan O'Conner. Cristo! estive em mais capas de revistas que o presidente.

E por isso era que não tinha intenção de deixar seu refúgio, salvo por comida, cerveja e, possivelmente uma vez ao ano, sexo... mas ao melhor, com tudo o que tinha passado, em vez disso podia imaginar-se usando bonecas infláveis... Algumas das que tinha encontrado na internet estavam tecnologicamente muito adiantadas.

—Não está ajudando a seu caso. Além disso, acreditei que tudo estava esquecido.

Inclusive através do telefone, pôde escutar ao Mori vociferar em seu escritório.

—Sabe que isso não acontecerá. Não te entendo homem, realmente não te entendo. Poderia ser dono do mundo se quisesse. É teu para que tome—.

Como se Aidan se importasse com isso... O que tinha de bom ser dono do mundo quando não tinha outra opção que defender-se de cada pessoa nele? Pessoalmente, preferiria ser um mendigo com um único e verdadeiro amigo que um príncipe rodeado de hipócritas assassinos.

— Vou desligar, Mori Depois falamos— Aidan desligou o telefone e o lançou de volta ao balcão onde aterrissou em outra foto onde ele estava com um vestido e uma peruca feia. Deus! Ainda

recordava quando uma mentira como essa lhe teria encolerizado durante vários dias.

Mas isso tinha sido antes da traição que o tinha ferido tão profundamente, que tinha destruído cada nervo sensível em seu corpo. A diferença da tormenta de fogo que tinha suportado, esses ataques não eram pessoais e não estavam dirigidos a ele pelas pessoas que uma vez tinha chamado família. Todos estes ataques eram extremamente ridículos.

Tirou a tampa da cerveja e sustentou no alto as fotos de sua “família”, que mantinha no suporte da chaminé ao lado de seus cinco Oscar.

—Que se fodam todos. —disse sarcasticamente.

Mas ao final, conhecia a verdade. Tinha sido o único grandiosamente fodido. Pôs sua confiança em gente equivocada e agora ficou sozinho para lidar com o desastre que lhe tinham pendurado, porque se tinha atrevido a amá-los mais do que amou a si mesmo.

A vida não era nada a não ser dor, e ele era o rei disso.

Dois anos antes, tivesse dado a vida e a morte por esses miseráveis do suporte. Tinha-lhes dado livremente, a mãos cheias, querendo que eles tivessem uma vida melhor que o inferno em que ele tinha crescido.

E embora lhes tivesse dado tudo menos sua vida, não tinha sido suficiente. Tinham sido falsos e egoístas. Insatisfeitos com seus custosos presentes, tinham começado a subtrair, e quando ele se atreveu a questioná-los pelo roubo, tinham ido atrás da única coisa que restava:

Sua reputação e seu trabalho.

Sim, as pessoas estava doente e ele estava cansado dos Judas a seu redor. Acabaram-se os dias de ser usado pelo que podiam tirar dele.

Não queria nada deste mundo nem de seus habitantes.

Seu olhar se posou sobre a escopeta para serpentes e ursos que guardava na esquina de sua cabana. Dezesesseis meses atrás, tinha

carregado essa arma com a intenção de matar-se e terminar realmente com sua dor. O único o tinha mantido vivo era que não queria lhes dar a satisfação de saber que lhe tinham debilitado até esse ponto.

Não, era mais forte que isso. Tinha vindo sozinho a este mundo, e só ficaria e se defenderia até o dia em que Deus tivesse a bem tirá-lo dali. Que o condenassem se deixava vencer por dois insignificantes lixos falsos. Não tinha saído da pobreza com tanto trabalho e chegado até onde estava, para abandoná-lo tudo por uns bastardos hipócritas.

“A confiança do inocente é a ferramenta mais útil do mentiroso”. Aidan se estremeceu ao recordar a entrevista de seu romance favorito do Stephen King. Certamente tinham comprovado que isso era certo, sem nenhum gênero de dúvidas. E ninguém tinha sido mais inocente que ele em tudo isto. Graças a eles, sua ingenuidade tinha sido massacrada no altar da traição.

Mas não mais. Agora não ficava nada nele, exceto um homem tão forte que nunca permitiria que ninguém lhe aproximasse tanto. Tinha banido toda a confiança. Enterrou toda a ternura. Agora devolveria ao mundo o que este lhe tinha dado.

Ira, ódio e veneno. E por isso era que mantinha suas caras sorridentes no porta-retrato. Para recordar-se o hipócritas eram todos.

Aidan fez uma pausa ao escutar um ligeiro tamborilar. Soava como alguém em sua porta...

Não. Não era possível. Estava muito longe de tudo. Pela velha e apartada estrada de terra que levava a sua cabana de troncos nunca subia ninguém. Inclinou a cabeça, voltou a escutar, mas o som pareceu desvanecer-se.

Soprou.

—Sim genial, agora estou ouvindo coisas.

Aidan deu um passo, escutou o tamborilar outra vez.

Talvez algo tivesse se soltado. Mudou de direção e retornou a seu quarto.

— Olá?

Amaldiçoou para a amortecida voz feminina. Maldição. O último queria em sua montanha era uma mulher. Grunhindo, abriu a porta de repente encontrando um vulto branco e abafado no degrau de seu alpendre.

—Saia de minha propriedade.

—P—p—por favor. Estou-me congelando e meu carro quebrou. Preciso ligar para pedir ajuda.

—Então use seu celular.— Fechou-lhe a porta de repente na cara.

—Não tem cobertura aqui—A voz era débil, e sua suavidade o atravessou.

Não te atreva a se compadecer dela, idiota. Ninguém tem piedade de ti. Dê só o que lhe deram. Ódio. Desprezo. Olhou as fotografias no suporte.

—Por favor. Estou-me congelando. Por favor, me ajude!

Se não fizer algo, vai congelar-se aí fora. Sua morte estará em suas mãos.

E o que! Que morra por ser estúpida. Às vezes o darwinismo é a melhor maneira...

Mas sem importar o muito que sua ira o estava carcomendo e que sua voz interior o chamasse estúpido, não podia deixá-la aí fora para que morresse.

É um louco idiota.

—Dez minutos — grunhiu quando abriu a porta — Exatamente. Depois a quero fora de minha casa.

—Obrigada — disse ela, passando ao interior.

Aidan manteve o lábio torcido enquanto a observava avançar lentamente para o fogo. Ela deixou um rastro de neve no chão de parquét.

—Não suje a casa.

—Sinto-o — disse ela, sua voz ainda distorcida pelo cachecol de lã rosa que se pôs sobre a boca e o nariz. Tudo o que podia ver de seu

rosto eram um par de olhos de um tom de azul tão pálido que virtualmente brilhavam—. Realmente faz frio lá fora.

—Como se me importasse —disse Aidan em voz baixa antes de mover-se para agarrar seu celular do balcão. Voltou para ela e o estendeu—. Que seja rápido.

Ela tirou as luvas de pele branca deixando ver umas delicadas mãos de cor rosa brilhante a causa do frio. Tremendo, baixou-se o cachecol.

Aidan conteve a respiração quando viu seu rosto, e uma onda de luxúria o bombardeou. De ossos finos e aristocráticos, era formosa. Mas mais que isso, era a mesma mulher que tinha visto no sonho a noite anterior, a que tinha detido a chuva.

Que loucura...

Sem uma palavra, ela agarrou o telefone de sua mão e marcou.

Ficou imóvel a olhando. Que probabilidade terei que uma pessoa desconhecida saísse de seus sonhos e se apresentasse ante sua porta necessitando um telefone? Especialmente a mulher cujo rosto o tinha estado perseguindo todo o dia.

Deveria jogar na loteria...

Ela fechou o telefone, e o deu.

—O seu tampouco funciona.

—Tolices. —Abriu-o, e então se deu conta que tinha razão. Não tinha sinal. Perplexo, olhou-o com o cenho franzido—. Estava bem faz um minuto.

Ela se encolheu de ombros antes de retornar ao fogo.

—Parece que os dois estamos sem sorte.

—Não estou sem sorte. Vivo aqui. Você é a que está ferrada, porque não vai ficar.

Ela o olhou boquiaberta com incredulidade.

— Realmente me jogaria de sua casa em meio de uma tempestade de neve?

Ele se burlou.

—Não há... —Sua voz se cortou quando olhou para fora e se deu

conta que ela tinha razão. Havia uma capa completamente branca que impedia a visão.

Quando tinha acontecido isso?

—Fodidamente incrível. —grunhiu. Por outra parte, assim era sua sorte. Seu tio sempre lhe havia dito que tinha nascido sob uma má estrela. O homem tinha tido mais razão da que nenhum dos dois tinha imaginado nunca.

Ela girou os atormentados olhos para ele.

— Devo partir?

Sim. Algo em sua alma gritava que a empurrasse pela porta e fechasse esta com chave. Era a parte dele que tinha sido maltratada até chegar ao bordo do suicídio.

Mas inclusive depois de tudo o que tinha suportado, não era capaz de causar-lhe a morte. A diferença dele, provavelmente ela tinha alguém aí fora que chorasse sinceramente sua morte. Bem por ela!

Lançou-lhe um olhar que rivalizava com a congelante temperatura do exterior antes de cobrir-se de novo a cara com o cachecol e dirigir-se para a porta.

—Não seja estúpida —grunhiu— Não pode sair aí fora.

Ela o varreu com um olhar severo, logo baixou o cachecol.

—Eu não gosto de ficar onde não sou querida.

— Assim quer que minta? —Passou à atuação que lhe tinha feito ganhar vários Prêmios da Academia—. OH, neném, por favor, fica comigo e não te parta. Preciso-te aqui. Não posso viver sem ti.

Leta arqueou uma sobrancelha ante suas palavras, que careciam do tom sarcástico que estava segura jazia embaixo delas. Que pouco sabia ele o quanto verdadeiras eram. Necessitava-a aqui porque era a única que se interpunha entre ele e a morte.

— Que bonito! Pratica muito essas linhas?

—Não realmente. Normalmente lhe digo às pessoas que se aproximam que vão à merda e morram.

—Ooo —disse em um tom sedutor— Isso me põe arrepiada por

toda parte. Adoro quando um homem me adula.

— Pode apostar que sim. —Arranhando o queixo, indicou-lhe o gancho de madeira ao lado da porta— Pode pendurar aí seu casaco até que a tormenta ou o telefone se clareiem.

Ela tirou o casaco com um movimento de ombros e desenrolou o cachecol antes de tirar o chapéu e guardá-lo no bolso de seu casaco.

— Para que é a arma?

—Mentiria e diria que é para ursos ou serpentes, mas geralmente a uso para os intrusos.

—Caramba, Dexter —disse, usando o nome de um assassino em série da série de televisão que M'Adoc lhe tinha mostrado—. Estou impressionada. Já que não estamos em Miami e não tem um navio para esconder os corpos despedaçados no mar, onde os guarda?

—Debaixo da lenheira, fora na parte de trás.

—Bom. —Ela sorriu—. Pelo menos isso explica o aroma que me chegou quando subia pelo caminho de entrada.

O olhar do Aidan se aliviou como se a encontrasse entretida.

—Tem razão. Essa é a linha séptica. Não sou o suficientemente estúpido para pôr cadáveres tão perto de minha casa... atrairiam a fauna e a flora muito perto de minha porta traseira. Jogo os corpos nos bosques para que os ursos os comam.

— E o que passa quando estão hibernando?

Ele se encolheu de ombros.

—Os coiotes se fazem cargo.

Era rápido, conceder-lhe-ia isso.

—Bom então, suponho que precisa seguir adiante e atirar em mim, e terminar com isso. Provavelmente os coiotes estão famintos com este tempo.

Aidan ficou completamente desconcertado por sua falta de medo.

—Não me teme, verdade?

— Deveria?

—Está apanhada no bosque em meio de uma tormenta de neve

com um homem que nunca viu antes. Meu vizinho mais próximo vive a seis milhas. Posso te fazer algo que queira e ninguém nunca saberia.

Ela olhou à esquina que tinha atrás.

— Certo, mas eu estou mais perto da arma.

— Acredita que pode agarrá-la primeiro que eu?

Leta enrugou o nariz. Não sabia por que, mas estava desfrutando destas brincadeiras, e não deveria ser capaz de desfrutar de nada absolutamente.

— Acredito que posso te dirigir, Dex. depois de tudo, não sabe mais de mim do que eu sei de ti. Por tudo o que sabe, posso ser uma louca assassina em série fugindo das autoridades. Inclusive posso ter um corpo no porta-malas de meu carro esperando ser enterrado.

Aidan estava intrigado pelo fato de que ela estava jogando o mesmo jogo que ele tinha começado. Admirava a coragem, e ela tinha o bastante.

— É uma assassina em série?

Ela levantou o queixo.

— Você primeiro, Dexter. Quem é e por que está sozinho aqui acima?

Ele rodeou o balcão para aproximar-se dela. Detendo-se diante, estendeu-lhe a mão.

— Aidan O'Conner. Antigo ator, mas estou seguro de que sabe isso.

Ela se encolheu de ombros.

— Não significa nada para mim. Sou Leta.

— Leta o que?

— Só Leta. — Ela duvidou um momento antes de tomar a mão e estreitar-lhe. Prazer em conhecê-lo, Dexter.

Estudou-a cuidadosamente. Suas roupas brancas inverniais, embora agradáveis, não eram caras. Não diziam muito dela exceto se ficou desprevenida apanhada em uma tormenta de neve. Não tinha nenhuma jóia nem nada que revelasse nem a coisa mais básica sobre ela. Era como um quadro em branco.

— E a que te dedica, Leta?

—Sou guarda-costas profissional.

Ele riu ante a inesperada resposta.

—Sim, claro.

Ela negou lentamente com a cabeça.

—Não. Tudo certo. Conheço setenta e duas maneiras de matar a um homem, e sessenta e nove delas o fazem parecer um acidente.

Isso provavelmente deveria havê-lo assustado, mas em vez disso se sentiu intrigado.

— E o que traz para uma guarda-costas por aqui? Contratou-te Mori para me proteger de meu irmão?

—Não conheço nenhum Mori. Atualmente estou entre missões e ando procurando uma mudança. Escutei que havia trabalho em Nashville, e parece um bom lugar para começar de novo. Assim aqui estou, apanhada nesta geladeira com um... assassino em série. Tem todo o necessário para um estupendo filme de terror, né?

Aidan ainda não estava satisfeito com sua resposta.

— Como é que está na profissão de proteger pessoas e não sabe quem sou? Hão-me dito que tenho uma das caras mais reconhecíveis do mundo.

—Caramba... Só por curiosidade, quando te mete na cama de noite, o ego te deixa espaço no colchão?

—Não é ego. É a verdade.

Ela cruzou os braços sobre o peito como se não lhe acreditasse nem por um minuto.

—Bom, então, se admitir que sei quem é e que realmente não me importa, apaziguaria isto sua machucada dignidade o suficiente para que possamos superá-lo e passar a algo onde você termine me dando um sanduíche?

Ele ignorou sua pergunta.

— Assim que me conhece?

—Sim, Dexter —disse ela, com a voz carregada de sarcasmo—. Sei quem é. Sente-se melhor agora?

Em realidade não. Viu tudo vermelho. Seu sarcasmo lhe tirou a alegria de ter tido razão.

—Então, por que a mentira?

Leta se deu conta de que acabava de cometer um engano. Este era um homem ao que lhe tinham mentido muito, e era óbvio que se ia ficar, teria que ser o mais honesta possível.

—Bom, já que está escondido em meio de nenhuma parte, supus que não queria anunciar que é um ator mundialmente famoso, embora para ser sincera, esses prêmios no suporte não são exatamente muito sutis.

Um nervo se moveu em seu queixo.

— É uma jornalista?

Ela pôs os olhos em branco.

—Não. Disse-te o que faço. Sou guarda-costas.

— E como sei que posso acreditar?

—Não sabe. Mas por que mentiria?

Se coubesse, isso fez que seu aborrecimento aumentasse.

— Mentiu a respeito de me conhecer. Pode mentir sobre tudo. As pessoas mentem todo o tempo, usualmente sem nenhuma razão absolutamente.

—Mas não estou mentindo respeito de ter fome. —Ela fez um gesto para o pão na pia. Um dos problemas de entrar no reino dos mortais era que punha aos Dream—Hunters extremamente famintos, e agora mesmo tinha o estomago com câibras e dolorido—. Poderia me lançar uma fatia de pão antes de continuar com o interrogatório? Ou tenho que te chutar o traseiro por uma colherada de manteiga de amendoim?

Aidan agarrou o pão do balcão e o atirou. Ela o apanhou com uma mão. Retrocedendo, ele ondeou a mão para a porta ao lado da geladeira.

—A manteiga de amendoim está na despensa.

Ela o olhou com desconfiança, antes de mover-se para abrir a porta e buscar entre os mantimentos. Saiu uns minutos depois com a

manteiga de amendoim. Com um olhar de aborrecimento, pô-la no balcão.

— Faca?

—Na gaveta frente a ti.

Depois de abri-lo, fez girar a faca na mão com uma habilidade que dizia que não mentia sobre sua ocupação.

— Quem foi seu último trabalho? —perguntou, colocando as mãos sob os braços.

—Terrence Morrison.

Ele franziu o cenho.

— Quem?

—Um playboy milionário que cometeu o engano de pôr suas bolas na mesa de bilhar equivocada.

Aidan pôde imaginar o problema que algo como isso podia lhe provocar a um homem, especialmente dependendo de quem se acreditava com direitos sobre essa mesa de bilhar em particular.

— Por que te partiu?

Ela passou a manteiga de amendoim sobre uma fatia de pão.

—Ocupei-me da pessoa que o acossava. Fora ameaça. Trabalho terminado. —Com um olhar presumido, deu-lhe uma dentada ao sanduíche—. Algo mais que queira saber? Histórico dental, digitais? Exame de retina?

—Uma amostra de urina servirá.

Ela pôs os olhos em branco.

— Que copo quer que use?

Aidan estava intrigado por suas respostas e porque não parecia zangada pelo interrogatório e sua eleição de palavras.

— Há algo que te desconcerte?

—Dedico-me a lutar pela vida das pessoas. Honestamente acredita que urinar em um copo vai dar medo?

Tinha razão... sempre e quando não estivesse mentindo respeito a sua ocupação.

Sem dizer uma palavra, Aidan tirou um copo de um armário e o

passou.

A mandíbula da Leta caiu.

— Está de brincadeira, não? De verdade quer uma amostra de urina?

Aidan sorriu realmente ante a pergunta.

—Para nada, mas pensei que talvez teria sede. Bebidas estão na geladeira.

Por uma vez ele viu alívio em seu olhar antes que se aproximasse e se servisse, ela mesma, um copo de leite.

—Obrigado por me mostrar um pouco de compaixão.

—Sim —disse amargamente—. Só recorda devolver o favor.

— Supõe-se que isso quer dizer algo?

Ele se encolheu de ombros.

—Só que em minha experiência, tudo o que as pessoas fazem é tomar. A nenhum deles lhe importa uma merda ajudar a outro.

—Já, às vezes as pessoas te pode surpreender.

—Sim. Tem razão. Constantemente fico assombrado pela traição sem razão da que são capazes.

Ela sacudiu a cabeça.

—Vá, está enfastiado.

Se só soubesse. Além disso, tinha todo direito a estar assim. Tinha tido suficientes facas cravadas nas costas para lhe dar ciúmes a um estegossauro.

- Olhe —Indicou seu corpo com a mão—. Protege às pessoas porque o necessitam ou o faz porque lhe pagam?

Leta duvidou. Indubitavelmente não lhe pagavam pelo que fazia, mas ele nunca acreditaria que um humano fora tão altruísta. Assim optou por uma meia verdade.

—Uma garota tem que comer.

—Com isso fica tudo dito. As pessoas te apunhalarão pelas costas por uma pestilenta migalha e logo continuarão com suas vidas como se você não fosse mais que uma desprezível barata.

Ela deixou sair o fôlego lentamente, enquanto via em sua ira

exatamente o que M'Adoc tinha visto na sua. A dele era um amo pouco razoável que não o soltaria. A pior parte era o grau de aceitação com que tinha abraçado sua raiva. Esta o controlava e distorcia tudo a seu redor, até o ponto de ser incapaz de ver além dela.

—Há gente lamentável aí fora. Mas te asseguro que não todo mundo é assim. Por cada ato de crueldade de que é capaz a humanidade, é igualmente capaz de mostrar bondade.

Aidan se burlou dela.

—perdoará se for desumano e não estou de acordo. —Sacudiu a cabeça como se a só visão dela o desgostasse—. Estou maravilhado que possa ter vivido até essa idade sem que ninguém te tirasse esses óculos rosados e lhe enfiasse isso pelo...

Leta levantou as mãos em sinal de rendição para silenciar sua diatribe.

—Tem direito a expressar sua opinião, mas igualmente eu tenho direito a não escutá-la.

Isso o provocou ainda mais. Separou-se do balcão e se dirigiu à porta dianteira.

—É irritante. Se alguém tinha que irromper em minha casa, não poderia ter sido pelo menos muda? —Agarrou a arma e avançou pelo pequeno corredor que levava ao quarto—. Não ponha-se muito cômoda. Quero que se vá no momento que o tempo limpe.

O olhar da Leta se centrou na arma em suas mãos.

— Tão pouco confia em mim?

—Não confio em ti absolutamente. —E com isso, retirou-se a seu quarto e a deixou plantada na cozinha.

Leta aspirou profundamente quando sentiu a fortaleza de sua hostilidade. Bem.

Até o momento Dolor não tinha sido capaz de penetrar no plano mortal. Mas não demoraria muito.

Dolor tinha sido convocado para matar Aidan e faria tudo o que estivesse em seu poder, que era enorme, para triunfar. Não lhe podia deter.

O que queria dizer que não tinha muito tempo para reconstruir seus próprios poderes alimentando-se do Aidan. Franziu o cenho ao sentir uma pontada de culpa. Como Dream—Hunter, não deveria sentir nada disso, e ainda assim não podia deixar de lado a parte dela que não queria machucar ao Aidan quando era tão óbvio que tinha sido muito ferido pelos que lhe rodeavam.

É por seu próprio bem.

Era incrível como os deuses e a humanidade usavam essa desculpa tão freqüentemente para justificar sua brutalidade.

Até Zeus havia dito isso quando tinha ordenado que os Dream—Hunters ficassem despojados de todas as emoções, sendo todos castigados por um crime que um só deus tinha cometido. E que realmente não tinha sido um crime. Tinha tido a intenção de ser uma brincadeira para que o velho Thunderbutt não tomasse tudo tão seriamente. Em vez de rir, Zeus tinha abusado de seus poderes arremetendo contra todos os que não estavam de acordo com ele.

O resto dos inocentes Dream—Hunters simplesmente tinham ficado apanhados no fogo cruzado. E, assim, o medo que tinha Zeus de ser tombado e objeto de brincadeira tinha causado que os castigasse a todos. Que patético era viver a vida com semelhante paranóia.

Entretanto, o complexo de deus que tinha Zeus não importava a Leta. O que precisava era concentrar-se em salvar a vida do Aidan se era possível e matar a Dolor a qualquer preço.

A lembrança da risada de Dolor encheu sua cabeça.

—Sou dor. Sou eterno. E você é insignificante, Leta. Nunca me vencerá.

Até o momento tinha razão. Ela não o tinha derrotado, mas o tinha ferido.

Sua arrogância seria a ferramenta que usaria para quebrar sua força e Aidan era o martelo que necessitava para colocar o prego diretamente entre os olhos de Dolor.

Com absoluta determinação, foi procurar ao Aidan para zangá-lo um pouco mais.

CAPÍTULO 3

Aidan se sentou na cadeira, rasgando “Strange Fire” do Indigo Girls em sua guitarra, quando se deu conta que amanhã era Noite de Natal, e pelo terceiro ano consecutivo, estaria sozinho. Era por isso que não se incomodou em decorar nada. Tudo o que conseguiria com isso é lhe recordar o tão solitária tinha chegado a ser sua vida.

Suspirou com cansaço quando pensou a respeito de tudo pelo que tinha passado. Como podia um homem ser adorado por milhões e não querido por ninguém? Ainda assim esse era seu destino. As únicas pessoas que diziam preocupar-se com ele não o conheciam absolutamente, e as pessoas que alguma vez o tinham significado tudo para ele tinham acontecido cada momento de suas vidas tentando acabar com ele.

—Felizes fódidos natais —murmurou ele.

Tentando esquecer o passado, centrou-se na canção em sua cabeça. Desde que o violão não estava conectado, as notas só eram um sussurro ao redor dele, mas era suficiente para apaziguar seu desinteressado estado. A música sempre tinha sido seu santuário. Não importa o tão dura fora a vida, a música e os filmes que freqüentava eram seu consolo e inspiração. Consolavam-lhe quando nada podia fazê-lo.

Estava tão imerso na canção que lhe levou vários minutos dar-se conta que já não estava sozinho. Abrindo os olhos, viu a Leta e se deteve o meio acorde. A luz formava um suave halo ao redor dela, fazendo que seu cabelo negro brilhasse. Por um completo minuto não pôde respirar. Cada hormônio em seu corpo estava em chamas.

Tinha passado tanto tempo da última vez que tocara uma

mulher, de outra maneira que não fora para lhe estender seu cartão de crédito uma e outra vez. E pensar que quase se convence de que não necessitava a suavidade de uma mulher.

Sim...

Com ela lhe olhando enquanto um meio enganoso sorriso tocava seus lábios e iluminava seus brilhantes olhos, sua resolução se quebrou. Tudo o que queria fazer era deixar o violão a um lado e atraí-la a ela a seus braços para um comprido, raivoso beijo que deixasse os lábios de ambos intumescidos. Era muito fácil imaginar-lhe em seu regaço, nua. Essa imagem o queimou de dentro a fora.

Seu pênis se endureceu ao ponto de doer.

—Necessita algo? —odiava que sua voz tivesse uma nota vazia e não o veneno que queria lhe dar.

—Só tinha curiosidade por saber que estava fazendo. Tem muito talento, por certo.

Ele se mofou ante o elogio.

—Não me alagues.

—Não, realmente o tem.

—Claro, e não me adule —repetiu ele, encontrando finalmente o veneno que queria em seu tom—. Nem eu gosto, nem quero elogios.

Ela franziu o cenho.

—Fala a sério?

—Completamente -ele arrancou um lento acorde—. Verá, conheço este jogo. Adula-me, faz-me rir e que me sinta bem comigo mesmo. O seguinte saberei é que sai pela porta com os bolsos repletos com meu dinheiro, dizendo ao mundo o imbecil que sou. Saltemos diretamente ao final onde te sai de minha casa e diz a todo mundo que sou um idiota —sustentando o violão, ele assentiu—. Sim, isso funciona para mim.

Leta não podia acreditar o que estava ouvindo. Sua raiva afiou seus poderes inclusive mais do que a tinham deixado pasmada suas palavras. Ela ofegou bruscamente.

—O que lhe fizeram?

Ele deixou o violão a um lado antes de levantar-se.

—Não se preocupe por isso.

Ela se esticou para lhe tocar o braço quando começou a passar junto a ela.

—Aidan.

—Não me toque. —sua voz foi um feroz grunhido.

Mas isso só fazia com que quisesse lhe tocar inclusive mais, embora soubesse que deveria zangar-se com ele tanto como fosse possível para fortalecer-se.

—Não estou aqui para te machucar.

Aidan desejou poder acreditar isso. Mas sabia melhor. Quantas vezes tinha ouvido essa mentira? E ao final, sempre o feriam e sorriam enquanto o faziam.

Estava cansado de cair assim.

—Sabe, se tivesse um pinique... -seu olhar se cravou no dela. Queria esticar-se e tocá-la também. Mas não podia permitir-se fazer isso. Não depois do que aconteceu com Heather.

Nunca te machucaria, bebê. Sempre pode confiar em mim. Estarei aqui por muito tempo. Você e eu, para sempre. Nós contra o mundo. Não importa o que. Sempre pode ser você mesmo e saber que te quero em que pese a tudo. Não me importa sua carreira ou fama. Se tudo acabar amanhã, estarei ali para ti, contigo.

Essas palavras tinham disparado seu coração, tinham sido uma sinfonia para seus ouvidos, os quais estavam cansados das mentiras a seu redor. Mais que nada, tinha acreditado nelas tanto como tinha acreditado em Heather. Quando órfão, tudo o que tinha querido em sua vida era uma família própria. Alguém que não o ferisse. Traísse.

Alguém que o aceitasse pelo homem que era, apesar da fama, a riqueza ou inclusive a pobreza.

Infelizmente, não a tinha encontrado nenhuma só vez. No momento em que começou a fazer verdadeiro dinheiro e as pessoas começou a lhe reconhecer, Heather se havia sentido ameaçada por isso e pelas mulheres que se lançavam contra ele. Chegou a ser

maliciosa e mordaz. Criticando tudo o que havia e ressentida com ele por querer mais.

Inclusive agora podia ouvir suas cáusticas palavras.

—Há dois tipos de pessoas em Hollywood. Os atores que querem atuar e aqueles que querem fama. Os que vão atrás da fama merecem tudo o que obtêm, assim não me chore pelas mentiras nos tablóides. Isto é o que queria, Aidan. Todo mundo sabe quem é. Deveria ter estado satisfeito atuando somente. Mas não, tinha que querer mais. Assim agora tem tudo o que queria e cada coisa que vai com isso.

Ao final, por que não tinha podido com tudo isso, tinha-lhe arrancado o coração e o tinha servido em uma bandeja de prata. Não em privado como faria um humano decente. Ela o tinha feito público procurando os mesmos tablóides que já o tinham estripado. Pior inclusive, tinha ajudado a seus inimigos vindo atrás dele e tinha feito tudo em seu poder para envergonhá-lo ante o mundo.

E essa mulher que estava agora ante ele, não era a exceção. Não tinha dúvida. Se a deixava entrar, também o feriria. A única pessoa no mundo que se preocupava dele era ele mesmo.

Indicou-lhe a porta com um movimento do queixo.

—Não pode só ficar ali por um par de horas e não me falar? É realmente muito pedir?

—Eu não gosto do silêncio.

-Bom, a mim sim.

—E é minha casa —disse ela em uma voz profunda, lhe imitando com a voz de um irritado pai-. Enquanto esteja sob meu teto, senhorita, fará o que eu te diga!

Aidan queria sentir-se ofendido por sua brincadeira. Mas um sorriso atormentou a comissura de seus lábios.

—Não é divertida.

—É obvio que o sou —lhe dedicou uma divertida piscada—. Não estaria sorrindo se não o fora.

Seu estômago se encolheu quando se deu conta de que estava encantada com ele, com suas ações e isso só o zangava mais.

—Olhe, realmente não quero falar contigo. Só quero que me deixe sozinho. Cai fora.

Ela deixou escapar um cansado suspiro e negou com a cabeça.

—Quando foi a última vez que falou com um amigo?

—Faz dezenove meses.

Leta ficou com a boca aberta ante sua revelação. Não podia acreditá-lo. Inclusive com suas emoções intumescidas e basicamente sem ela, ainda se confiava a outros. A única exceção era o tempo que tinha estado em êxtase.

—O que?

—Já me ouviu.

Sim, mas ouvi-lo e acreditá-lo eram duas coisas totalmente distintas.

—Não fala a sério.

—OH, estou falando completamente a sério. Chamei a meu melhor amigo para falar com ele por que precisava falar com alguém e o seguinte soube é que nossa conversação não estava só no lixo dos paparazzi, mas também em blogs e em cada revista da indústria que esse bastardo pôde encontrar. “Aidan O’Conner: A Verdade por trás Da Lenda. Leia como sua noiva o traiu e o deixou bêbado na rua, rogando por uma oportunidade enquanto o assaltavam seus fãs”. O que mais me matou, é que não havia nem um pouco de verdade no que lhes disse. Em vez disso, distorceu minhas palavras e as embelezou até que nem sequer pude reconhecer o que eu havia dito. Deixe-me só dizer que aprendi de meus enganos. Assim não, não falo com os amigos. Nunca.

Bom, ela podia entendê-lo. Quando ainda tinha suas emoções, uma vez se tinha aparecido a M’Adoc desde trás, quando lhe estava dizendo a seu irmão M’Ordant que ela pensava que ele era às vezes um presunçoso. Tinha estado tão humilhada e mortificada de que M’Adoc tivesse repetido uma conversação particular e depois a usasse para ferir alguém a quem queria muitíssimo. Tinha tomado precaução durante semanas de não dizer-lhe a ninguém, mas ao final

se esqueceu e trocado de tema.

Essa experiência era certamente menor em comparação ao que tinha passado Aidan. Honestamente, não podia imaginar-se tendo que fazer frente a algo tão intrusivo ou uma pessoa tão nojenta. M’Adoc só o tinha dito a uma pessoa, não a todo mundo, e ele tinha chamado suas palavras sem as embelezar.

Que se houvesse dito, não queria dizer que Aidan devesse perder às pessoas e não confiar em ninguém. As pessoas necessitava amigos no mundo.

—Bom, a traição de uma pessoa não faz...

—Fomos os melhores amigos de colégio —disse entre dentes—. Estamos falando de vinte anos de amizade que voou em três segundos por que alguém lhe deu cinco mil dólares -ele curvou os lábios com amargura—. Cinco dos grandes. Isso é tudo o que minha amizade durante todos esses anos valeu para ele. O gracioso, é que eu os tivesse dado se tão só me tivesse pedido isso.

Leta se encolheu em simpatia. Não fazia falta que estivesse tão amargurado. Ela sabia que passavam tais coisas, mas como regra geral os deuses dos sonhos não se traíam os uns aos outros dessa maneira, especialmente agora que suas emoções se foram. Tinha sido uns poucos durante séculos, mas não muitos, e eles tinham sido uma exceção às que lhe tinha dado caça e morte.

Aidan entrecerrou seus olhos nela.

— Diga-me agora como pode ser de confiar quando justo acaba de atravessar minha porta.

Ela elevou as mãos a modo de rendição.

—Tem razão. Não pode confiar em mim nem em ninguém. Nunca tinha entendido em minha vida por que as pessoas se traem umas a outras. Não acredito que o faça jamais.

Ele bufou ante suas palavras.

—Como se você nunca tivesse traído a ninguém.

Leta o contradisse rapidamente com uma simples pergunta.

—Você sim?

—Diabos, não. —rugiu o como se o simples pensamento o adoecesse—. Minha mãe me educou melhor.

—Também a minha —ela se deteve antes de acrescentar— Realmente, isso não é verdade. Meu irmão me educou melhor. E quando estamos sob fogo, ele fez tudo o que pode para me proteger sem importar o custo para si mesmo.

—Então tem sorte. Meu irmão está na prisão por tentar me tirar a vida.

Isso a golpeou inesperadamente.

—O que?

—Já me ouviu —sua voz se rompeu, embora ela não viu outra emoção que a raiva em sua expressão—. Não leu nos jornais? Durante seis meses, não podia ver a televisão sem ver seu rosto que me olhava fixamente da fotografia em sua ficha.

Como não podia explicar porque não o tinha ouvido, simplesmente negou com a cabeça.

—Não o entendo. Por que tentaria te matar?

Dedicou-lhe uma escura gargalhada.

—OH, me matar teria sido de longe o mais amável que teria feito. Ele queria me tirar tudo o que tinha construído neste mundo. Estava tentando me chantagear.

—Sobre o que?

—Nada mais que sua própria boa disposição para mentir e a ingenuidade das pessoas para acreditá-lo. Disse que o tinha feito tudo desde dizer que eu era um pedófilo, a atos de sacrificar animais, que maltratava a mulheres e crianças. Inclusive foi tão longe para me acusar de me burlar de meus fãs e atacar a reputação de outros atores, produtores e agentes. Nenhuma parte de minha vida se livrava de suas mentiras e não tinha vacilado em falsificar documentos ou mentir aos tribunais ou à polícia. Graças a Deus, McCarthy está morto ou estou seguro de que eu acabaria em sua lista negra e teria sido encarcerado.

Isso não tinha sentido para ela.

—Mas isso é tão absurdo. Quem acredita em tão ridículas mentiras?

—Todos que estivessem ciumentos de que fosse meu rosto a que aparecia nas revistas e não as deles. Cada pessoa que não pode acreditar ou aceitar que alguém possa alcançar meu nível de êxito sem ser um total idiota. Acredite-me, não são as mentiras as que ferem as pessoas. É a boa disposição de todo o mundo para acreditar. E depois estão os que saem da carpintaria para voltar a te acusar porque isto lhes dá três segundos sob os focos. Não podem suportar o fato de que deixe atrás seu passado e que não tenham nenhuma desculpa para não deixar atrás o seu. Em suas mentes, você deve baixar um degrau para que eles possam subir o seu, longe das mentiras que hão dito de ti. Por que ao final, conhecem-lhe, vêem seu verdadeiro eu, e por apoiar aos que lhe acusam, fazem que outras pessoas pensem que possivelmente estão mais perto de ti, ao menos isso é o que eles clamam. É um mundo doente e estou enojado disso.

Ela piscou ante a fúria e a dor que sangrava por cada parte dele.

Ele tinha razão: não havia maneira em que pudesse discutir-lhe. A vida podia ser cruel e as pessoas inclusive mais. Havia tanta agonia em seu interior que deveria estar agradecida da força que lhe dava.

Mas na verdade, não o estava. Suas emoções eram tão potentes que a estavam alimentando inclusive neste reino.

E essas emoções faziam com que quisesse chorar por ele e a dura capa de gelo que encerrava seu coração. Ninguém se merecia tal isolamento. Ninguém.

Querendo aliviá-lo, esticou-se e tomou suas mãos nas suas.

Aidan fechou os olhos ante a suavidade de sua pele sobre a sua. Queimava-lhe até o interior. Tinha passado tanto tempo desde que alguém o havia tocado com bondade que queria saborear a sensação de sua gentil carícia.

Mas ele sabia a verdade.

Hoje amabilidade... amanhã um soco nos dentes.

Jamais se esqueça disso.

Ninguém o protegeria. Todo mundo lhe tinha ensinado que quando vinha o fogo as chamas se assentavam a seu redor. Tinham-no deixado sozinho, sem amigos, família, e bondade.

E estava muito marcado por isso como para simplesmente deixar o passado a um lado e confiar outra vez. As feridas eram muito profundas e prejudiciais.

Recordando-se a si mesmo de Heather, separou-se da Leta para olhar pela janela. Maldita neve. Ainda estava caindo, inclusive mais rápido que antes.

—Deveria tentar ligar outra vez.

—Acabo de fazê-lo. Ainda não há sinal.

Ele tinha considerado isso alguma vez um inconveniente. Quantas vezes tinha querido chamar a seu irmão quando não havia sinal? Estava tão longe de tudo que essa companhia de telefone se negou a levar a linha até sua cabana. Assim tinha dependido de seu celular o qual funcionava de casualidade nessa área.

Agora desejava viver em meio da cidade, assim poderia jogar sua bunda fora que o estava voltando louco de desejo. Deus, Quanto tempo fazia da última vez que cheirou a uma mulher tão perto dele? Ouviu o som de uma voz feminina no interior de sua casa, pronunciando seu nome?

Isto é o céu.

E o mais sob nível de inferno.

—Olhe, admito que parece uma pessoa decente. Por tudo o que sei, deteria-te e apartaria a tartaruga da estrada sempre que visse o modo de evitar que a atropelassem. Mas esta tartaruga está cansada de ter os intestinos pulverizados pelo pavimento enquanto outras pessoas lhe acontecem diretamente por cima. Só quero me arrastar até me pôr em pé e me ocultar nos bosques, de acordo?

Ela assentiu.

—Deixarei-te sozinho —esclarecendo-a garganta, afastou-se dele, e lhe custou toda sua força não lhe atrair para ela.

- Só recorda, algumas vezes as pessoas porão a ti diante deles.

Isso acontece.

Ele bufou.

—Sim, o mundo todo é só um arco íris e cachorrinhos. Os Boy Scouts ajudam realmente às anciãs a cruzar a rua sem as atacar e ninguém ignora o gritos de uma vítima traumatizada.

—Aidan...

—Não. É impossível acreditar no mundo que descreve quando sua própria família te vendeu por nada mais que crueldade e dinheiro.

Ele viu o reconhecimento em seu olhar antes que partisse do quarto.

Sim, sabia que era um bastardo. Igualmente sabia que havia pessoas decentes ali fora. Eles não existiam em seu mundo. Quando tinha sido pobre ninguém lhe tinha ajudado. As pessoas tinha atendido suas próprias vidas como se ele fosse invisível e isso estava bem com ele. Não lhe importava a invisibilidade.

Realmente, isso não era verdade. Tinha desejado repetidamente em sua vida ter sido realmente tão invisível como o tinham feito sentir outras pessoas.

Fechando os olhos, ainda podia ver a formosa cara de Heather. Ouvir sua risada. Quando tudo começou, tinha pensado que perdê-la seria intolerável. Que o destruiria.

Ao final, nem sequer tinha sentido saudades. Nem sequer um pouco, o qual o fazia dar-se conta de porque tinham sido capazes de lhe dar as costas sem remorsos. Não existia tal coisa como o verdadeiro amor. O coração só era outro órgão, bombeando sangue através do corpo. Não havia magia nisso. Nenhum vínculo espiritual entre amigos e família.

As pessoas eram utilizáveis, plano e simples. Esperar algo melhor somente os conduziria a uma amarga decepção.

Não, essa era sua vida. Estaria sozinho até o dia que morreria. Mas profundamente em seu interior ainda estava esse insípido e estúpido sonho de ter um dia uma família. Desde que seus pais tinham sido assassinados por um motorista bêbado, tinha sentido saudades da

sensação de vínculo. De pertencer a uma família. Seus pais se amaram um ao outro carinhosamente e se respeitaram mutuamente, ao menos assim lhe tinha parecido em sua mente de sete anos.

Quem sabia se essa era a verdade. Possivelmente se tivessem odiado um ao outro tanto como seu irmão o odiava a ele, e igualmente a Donnie o mantinham em segredo.

Como Heather, essa puta era o única deveria ter tido um Oscar sobre o suporte da chaminé em vez dele. Sua atuação tinha sido excepcionalmente correta até o final.

E agora ao outro lado da porta estava a primeira mulher que tinha pisado em sua casa desde que Heather partiu...

—E o que?—perguntou a si mesmo em voz baixa. Uma mulher era tão boa como outra e provavelmente ela fosse duas vezes mais traiçoeira.

Aborrecido com tudo isso, estendeu-se no sofá e ligou a TV para deixar que o DVD do Star Wars o distraísse da loucura de deixar entrar um estranho em sua casa.

Leta se deteve quando sentiu a leve inconsciência tiroteando no fundo de sua mente. Não havia palavras para descrever a sensação, mas em qualquer momento que um objetivo humano dormia, um deus do sonho podia sentir. Tão silenciosamente como pôde, retornou ao estúdio do Aidan onde o encontrou dormitando no sofá.

Estava estendido de costas com um pé ainda no chão e um braço estendido sobre o rosto. Inclinando a cabeça, ficou olhando o quão atrativa era sua pose. A desbotada camiseta lhe ajustava ao peito que era absolutamente definido.

A barba em suas bochechas só enfatizava os duros traços de suas feições. Via-se vulnerável e ainda ao mesmo tempo não duvidava de que se fizesse o mais ligeiro som, despertaria, preparado para brigar.

Quando ela fechou os olhos para espiar seus sonhos, viu que a tormenta de neve que ela tinha começado fora continuava em seu subconsciente. Ajoelhando-se no chão a seu lado, deixou que seus

pensamentos vagassem até que conectaram mais profundamente com ele.

Aqui no reino dos sonhos ela era uma observadora que seguia sua esteira.

Ele estava de pé fora de uma simples casa de Cape Cod onde as luzes titilavam contra uma escura tormenta de neve. Ela ouviu o som de risadas e música vindo do interior da casa.

Curiosa, moveu-se para ficar ao lado do Aidan enquanto ele espiava aos convidados da festa através da congelada janela.

—Olha-os —disse ele como se aceitasse sua presença em seus sonhos sem perguntar. Seus lábios se curvaram com desdém.

Leta franziu o cenho ante os farristas brindavam uns com os outros durante uma festa de Natal.

—Parecem muito felizes.

—Sim, igual a um ninho de escorpiões esperando golpeá-los uns aos outros —ele fez um gesto com o queixo para uma magra e formosa mulher no grupo mais próximo—. A loira é minha ex-noiva, Heather. O cara quase calvo sobre o que se arrasta é meu irmão, Donnie.

Os dois se estavam fazendo carinhos antes de beber da mesma taça de vinho. Freud teria todo um dia de campo com os sonhos do Aidan.

—Por que estão juntos? —perguntou-lhe ela.

—Essa é uma interessante pergunta. Depois de que dava ao Donnie o trabalho, Heather teve um ataque por isso. O próximo soube é que ele tinha começado a dormir com a vaca. O mais assombroso é que ela sempre me disse que o odiava completamente. Pensava que era um estúpido camponês sujo que necessitava que lhe ajudassem a calçar os sapatos.

Ele negou com a cabeça quando indicou a um homem de cabelo castanho ao outro lado da mesa frente a Heather e Donnie.

—Esse é Bruce. Era o presidente de meu clube de fãs e por muito tempo um íntimo amigo. Meu sobrinho Roland se fez amigo dele e o próximo soube foi que os dois estavam pulverizando mais mentiras

das que inclusive meu publicitário podia desmentir. O que me mata é que eu sabia perfeitamente o que pensava meu sobrinho do Bruce. Homem, se somente soubesse o que Roland dizia dele uma vez que estava fora de seu alcance auditivo. De fato, de todos eles. Nunca vacilaram em insultar um ao outro diante de mim por que sabiam que eu nunca os trairia. Nunca existiu um grupo de serpentes mais traiçoeiras. E o que realmente me desconcerta neles é que depois de ter visto a maneira em que todos se voltaram contra mim, sem nenhuma outra razão que simples ciúmes, foram o bastante estúpidos para acreditar que a mesma pessoa que me fodeu nunca o faria a eles. Incríveis idiotas.

Leta inclinou a cabeça como se ouvisse suas lembranças em sua mente. Como disse, cada pessoa na habitação havia dito coisas horríveis um do outro e as contaram a ele. Tinham jogado uns contra os outros e tinham feito tudo o que puderam para manter as mãos na fama do Aidan enquanto tentavam distanciá-lo a ele dos outros esperando espremê-lo ainda mais. Assustava tanto o pensar que eles pudessem ser capazes de levar-se bem uns com os outros dadas as coisas que se haviam dito a costas sobre uns dos outros para dizer-lhe ao Aidan.

—Não o entendo. Por que fariam isso?

Aidan a conduziu longe da casa, através da tormenta, até que estiveram outra vez dentro de sua cabana. Ele foi sentar se ao escritório que ela tinha visto dentro do salão. Era um enorme escritório de estilo colonial, adornado com folhas e adornos uso Chippendale.

Sem uma palavra, abriu uma gaveta e tirou uma folha de papel dobrada. Seu olhar era escuro quando a estendeu.

Desdobrando-a, Leta olhou por cima a lista de nomes. Alguns estavam tachados enquanto que outros estavam marcados com um asterisco.

—O que é isto?

—A lista de Donnie. Foi através de todos meus contatos e

amigos, tentando sistematicamente fazer-se amigo deles. Ele seguia me dizendo que eu tinha que lhe pagar o que queira que ele quisesse por que se não o fizesse, arruinaria-me já que todos meus amigos eram agora os seus. “Acreditar-me-ão antes que a ti em qualquer momento” —Aidan imitou o que devia ser a voz de seu irmão.

Leta estava horrorizada.

—Está-te burlando de mim.

- Acredite-me, não sou tão criativo. Todo mundo desde meu agente a meu banqueiro está nessa lista. Os nomes com marcas são os amigos que não pôde convencer com suas mentiras.

—O que lhes aconteceu?

—Donnie e Heather os tiraram de minha vida sem que eu sequer soubesse. Eu estava de viagem rodando meu último filme quando ele jogou a meu encarregado de direção. Richard tinha estado comigo desde o começo. Aparentemente algo tinha acontecido entre eles e Donnie o despediu e o largou de minha casa e escritório. Não o descobri até que retornei e já tinham acontecido semanas do fato.

—Falou com o Richard?

—Comecei a fazê-lo quando me devolveram as palavras das mentiras que ele tinha estado soltando a meus assim chamados amigos. Não foi até tarde que me dei conta que era a noiva do Roland quem, a costas do Roland estava atuando como amiga de todo mundo, e tinham acochado ao Richard nisto. Ela tinha estado se movendo entre todo mundo, pulverizando merda só para ver briga.

—Por que faria isso?

Ele suspirou com cansaço.

—Perguntei-me isso milhares de vezes e estou tão perto de uma resposta agora como o estava quando comecei. Acredito que por isso sempre me encantaram os filmes. Em um filme, tudo tem sentido. Os personagens sempre têm uma motivação. Uma boa e sólida motivação para tudo o que fazem. Não podem ser idiotas sem razão. Se alguém atuar de uma maneira, têm que ter uma contundente e acreditável razão para isso. Infelizmente, na vida real não é assim. As pessoas se

voltam umas contra outras por nada mais, que o que tenha um olhar de constipação na cara, porque tem gases e pensam que vai diretamente até eles, por não lhes gostar da marca de sapatos que calça. As pessoas estão doentes.

Leta baixou o olhar à lista de nomes que tinha na mão. Não podia acreditar que alguém fosse frio assim. Tão convincente. Certamente havia mais nisto do que Aidan lhe estava contando.

Verdade?

Certamente tinha feito algo que o merecesse. Ainda assim quando usou seus poderes para olhar por cima a situação, deu-se conta que não o tinha feito. Ao contrário que seu irmão e sobrinho, ele tinha estado dando a um culpado. Amando a um culpado. Infelizmente, tinha dado seu amor e confiança às pessoas equivocadas.

—A simples razão —continuou Aidan—, é que meu irmão estava ciumento. Queria ter minha vida e fez tudo o que pôde para tê-la. Teve a Heather a seu lado e em sua cama. Então cortejou a meus fãs durante um tempo, inclusive embora seguia comovendo-os e voltando-os uns contra outros mais vezes das que não o fazia. Pelo motivo que seja, pensava que podia lhes usar para me chantagear ou me roubar dinheiro. O que esqueceu foi que eu não cheguei onde estou por ter medo a me defender. Mais que isso, não era a primeira pessoa que tentava me arruinar e duvido que fosse o último. Mas ainda estou em pé e acabar comigo lhe vai levar muito mais que suas estúpidas mentiras.

Leta queria chorar pela convicção que sentia dentro dele. Ante a crua dor. Não sabia de onde vinha, mas a admiração por ele se inchava profundamente em seu interior. Ele era a força personificada.

Tudo nele era integridade e honestidade, ainda ante tão implacável ódio e hostilidade.

Seus olhos ardiam quando segurou sua bochecha em sua cálida mão.

—Por que está aqui comigo?

Várias mentiras foram a sua mente, mas ela não queria mentir a

um homem que tinha tido mais que sua justa medida delas. E como estavam em um estado de sonho, realmente não havia razão para isso.

—Seu irmão convocou um demônio para te matar.

Ele riu.

—Falo a sério, Aidan. Tão louco como soa, seu irmão encontrou uma maneira de convocar um deus da dor desde sua cela e lhe deu a ordem de te torturar e te matar.

—E você vai salvar-me —riu outra vez, então se acalmou—. Por que o faria?

—É meu trabalho.

A expressão em suas atrativas feições parecia menos que convencida.

—Assim que você só escolheu ao azar seguir ao deus da dor para tentar proteger seus objetivos. Quem é? A fada antidor?

—Um pouco parecido.

Ele bufou.

—Nota para mim mesmo quando despertar: Suspenda a cerveja com o estômago vazio. Este sonho é inclusive mais complicado que a vez que tive um macaco e um saca-rolha.

Leta franziu o cenho.

—Um macaco e um saca-rolha?

—Não te conheço o suficiente para compartilhar contigo esses detalhes.

Antes que Leta pudesse perguntar mais, sentiu essa profunda sensação na boca do estômago. Olhou a seu redor, mas a cabana estava no mesmo reino como tinha estado no mortal.

—Aidan...

Antes que pudesse dizer nada mais, Dolor o agarrou por atrás e o golpeou contra o chão.

CAPÍTULO 4

Antes que Leta pudesse mover-se para protegê-lo, Aidan rodou e ficou em pé para enfrentar-se ao deus. A ira que se agitava através dele era tão potente que realmente a fez ofegar quando a golpeou como uma hostil sacudida de eletricidade. Leta jogou a cabeça para trás quando a rasgou como um ácido. Nunca em toda a eternidade havia sentido algo como isto. Era quente e chamejante.

Dolor se lançou sobre Aidan, que bloqueou o murro com o braço, e depois lhe deu um cabeçada ao deus. Antes que Dolor pudesse recuperar o equilíbrio, Aidan lhe deu um golpe de tesoura nas costelas. Com um giro, o deus caiu ao chão.

Ela sabia que só tinha sido a arrogância de Dolor que tinha permitido que tomasse por surpresa. Não tinha esperado que Aidan lutasse contra ele.

Mas isso tinha passado.

Dolor lançou um raio divino à cabeça do Aidan. Este o esquivou, e logo voltou para arrancar Dolor do chão para golpeá-lo de novo. Mas esta vez Dolor o viu vir. Pendurou ao Aidan em uma parede de aço que apareceu de nenhuma parte.

Leta manifestou seus dois chicotes, um para cada mão. Estalou-os vivamente para capturar os braços de Dolor. Este gemeu de dor antes de rodeá-la com seus antebraços e atirar.

Ela não cedeu embora sentia como se lhe tivessem arrancado os braços de suas articulações.

—Deixa-o em paz.

Dolor riu dela.

—É uma tola ao protegê-lo.

—Então sou uma tola. —Tentou desenroscar os chicotes dos braços dele, mas Dolor a manteve firmemente em seu lugar.

Aidan sacudiu a cabeça para esclarecer. Podia saborear o sangue em sua boca. Havia uma qualidade real nesta luta, embora sabia que era um sonho. Limpou-se o sangue da cara e franziu o cenho ao estudá-la.

Era-o?

Observou Leta lançar ao homem contra uma parede um instante antes que este se girasse e a golpeasse fazendo que caísse ao chão. Aidan correu para o homem e o apanhou pela cintura com o ombro antes que pudesse atacá-la.

—Não a toques.

O homem riu ao afundar as mãos no cabelo do Aidan e atirar com força.

Aidan grunhiu ante a agonia, mas não foi o puxão de seu cabelo o que lhe doeu tanto, a não ser as imagens que apareceram em sua cabeça. Imagens de Heather na cama com o Donnie. O sentimento perdido que tinha tido a manhã que o tinham atacado de uma vez e tentado destruí-lo.

Gritou enquanto seu coração se estilhaçava por esse momento no tempo quando todas suas vãs ilusões de amor e família tinham sido destroçadas.

De repente Leta estava aí, apartando ao homem dele.

— Pare, Dolor. Agora!

Dolor girou-se para ela com um sorriso. Apanhou-a em seus braços.

—Escuta ao bebê chorando?

Ela gritou de horror.

Aidan tentou empurrar ao deus a um lado, mas este se negou a soltar a Leta.

—Vá para o inferno, imbecil! —Manifestou uma espada na mão e a cravou a Dolor diretamente no coração.

Soltando Leta de seu agarre, Dolor retrocedeu cambaleando-se. Seus olhos negros estavam muito abertos com incredulidade enquanto se desintegrava em mil pedaços brilhantes. Caíram lentamente ao chão

antes que um feroz vento os levasse.

Leta ainda seguia gritando como se estivesse apanhada no meio de um pesadelo da que não se podia despertar. Puxou o cabelo como se não pudesse suportar as imagens que tinha na cabeça.

Aidan a agarrou entre seus braços para sujeitá-la mais perto.

—Shh —sussurrou enquanto ela tremia em seus braços.

Lágrimas escapavam de seus olhos.

—Faz com que pare! Por favor, Deus, faz que se vão longe. Não posso respirar. Não posso pensar. Não posso... Não posso...

Ele fez uma careta de dor ao escutar as mesmas súplicas agônicas que ele tinha balbuciado em incontáveis dias de amargura. Isto fez com que a sujeitasse mais perto, e o tocou a um nível inimaginável. Qualquer que fora seu passado, obviamente era tão mau como o seu próprio.

—Tenho-te, Leta —sussurrou, esfregando gentilmente o queixo contra sua úmida bochecha—. Não deixarei que te faça mal. —Não sabia por que tinha feito essa promessa, mas inclusive mais surpreendente que as palavras era o fato de que o dizia a sério.

Algo a respeito de compartilhar este momento atravessou sua própria dor. Pela primeira vez em dois anos, sentiu-se de novo humano, e nem sequer sabia por que.

Ela aspirou um fôlego entrecortado.

—Voltará.

—Não o fará. Matei-o.

—Não —disse ela, seus olhos brilhando pelas lágrimas—, não o fez. Não pode deter Dolor. Voltará e agora sabe... —Sua voz se cortou como se inclusive estivesse muito temerosa de terminar a frase.

—Shh —repetiu enquanto a sujeitava mais perto e deixava que a calidez de seu corpo se filtrasse na frieza que o tinha agarrado durante todo este tempo. Não tinha reconfortado a ninguém em anos. Literalmente. A última pessoa com a que se sentou toda a noite tinha sido seu sobrinho. Ronald acabava de romper com sua primeira namorada, por isso os dois tinham saído a beber. Embora se supunha

que Aidan tinha que estar estudando um roteiro para o que se esteve preparando, tomou-se toda a noite para aliviar a dor do Ronald.

E o que lhe tinha dado isso?

Ronald finalmente se aliou com o Donnie e voltado contra Aidan, inclusive depois de tudo o que este tinha feito por ele ao longo dos anos: pagar seu colégio privado e universidade, pagar a cara viagem de graduação do colégio a Florida a ele e a seu melhor amigo, tinha-lhe dado um trabalho, comprado um carro, uma casa... Nada tinha sido suficiente. E isto depois de que Ronald lhe contasse o mau o tinha tratado seu pai ao crescer.

Agora não sabia se Ronald alguma vez havia dito a verdade ou se não tinham sido nada mais que mentiras destinadas a ganhá-la compaixão do Aidan, para poder obter mais dinheiro dele.

E ao final, nada do que Aidan fazia para ajudar ao menino tinha importado. Como seu pai, Ronald tinha exigido que Aidan lhe desse tudo o que queria, sem importar se o merecia ou não.

Seu coração golpeando, Aidan fez o descobrimento mais horripilante sobre si mesmo.

Ainda lhe importava.

Apesar de tudo o que a escória lhe tinha feito passar. Apesar do cuidadosamente que se selou do mundo, importava-lhe Leta. Não queria que a machucassem, e estava condenadamente seguro de que não a queria ferida por ter tentado ajudá-lo.

Nesse momento, odiou-se pela debilidade de sentir.

Quanto podia suportar um humano?

Mas estava ali. Essa dor interna que só queria cuidar as feridas da Leta e assegurar-se de que estava bem. Apertando os dentes, pressionou os lábios contra seu suave e doce cabelo e a tirou da neve, a uma praia arenosa onde o sol brilhava reluzente por cima deles.

Com ela ainda aninhada contra seu peito, ficou de joelhos na areia e a colocou diante. Embalou-lhe a cara com as mãos e lhe limpou as úmidas lágrimas que ainda lhe baixavam rodando pelas bochechas.

—Está bem, Leta. Tenho-te.

Leta sorveu as lágrimas enquanto olhava fixamente esses olhos que eram tão verdes e tormentosos como o mar profundo. Por uma vez não estavam cheios de hostilidade. Estavam abertos e preocupados, e isso literalmente a deixou sem fôlego.

Levantou a mão para colocá-la em sua bochecha, onde a barba de vários dias de suas costeletas lhe arranhava a mão. Sua fragrância masculina lhe encheu os sentidos... tinha passado tanto tempo desde que tinha saboreado a paixão. Desde que tinha sido sujeita por um homem que não estivesse aparentado com ela. E nesse momento, a dor de seu próprio passado a afligiu com sofrimento.

Afogando-se na crua agonia de seu interior, apoiou-se contra ele e colocou a cabeça sob seu queixo, contra seu peito. Não gostava de estar neste sonho. Já não queria estes sentimentos. Não os ter era muito melhor que o que sentia agora. Se só os pudesse desterrar para sempre.

—Como lida com tudo isso? —sussurrou contra o peito do Aidan.

—Não pense nisso.

—Isso funciona?

—Às vezes.

—E quando não o faz?

Ele se encolheu de ombros.

—Há cerveja e uísque barato, mas inclusive isso não faz nada mais que acrescentar uma dor de cabeça ao que já te aflige. Cedo ou tarde te passa a bebedeira e tudo volta a começar.

Essa não era a resposta que Leta queria dele.

—Odeio chorar.

Os olhos do Aidan a queimaram com seu intenso calor.

—Então faz o mesmo eu. Converte suas lágrimas em ira. Chorar só fará que com que fique doente. Mas a ira... A ira te infunde. Dá-te forças. Arrasta-se por seu corpo até que te vê obrigado a atuar. Não há diminuição de força, nenhuma lhe embaçada visão imprecisa. Esclarece-te cabeça e centra suas ações. Sobre tudo, faz-te mais poderoso.

—É isso pelo que permanece irado?

—Absolutamente.

E sua ira era o suficientemente forte para alimentá-los a ambos. Mas ainda assim, ela não o entendia. Sua própria raiva sempre se elevou rapidamente e logo desaparecia. Mais que isso, suas lágrimas sempre tinham negado sua ira. No segundo que suas lágrimas começavam, qualquer raiva que tinha se evaporava baixo elas.

—Como aprendeu a deixar de chorar?

A expressão do Aidan era severo.

—Fechei meu coração com força e aprendi a deixar que outros não me importassem, só eu. Não lhe podem fazer chorar quando não lhe importam uma merda, eles ou suas opiniões. Só pode ser ferido por aqueles aos que ama.

—E pelo deus da dor —sussurrou Leta—. Ele sabe o que nos debilita. Olhe o que me tem feito .

—É porque te conhece e sabe onde golpear. —Aidan negou com a cabeça—. Ele não sabe nada sobre mim. Já não há nada que possa empregar para me ferir. Deixei partir tudo exceto minha raiva.

Por isso Aidan tinha podido lutar contra Dolor embora era um homem mortal.

Mas ela não sabia como se sujeitar à ira. Cada vez que pensava em sua filha ou seu marido, isso a punha de joelhos. Tinham sido inocentes de todo crime, exceto lhe pertencer, e tinham sido executados friamente por Dolor e suas pessoas. Isso era pelo que ela estava aqui.

Não morreriam mais inocentes.

Nunca.

Ninguém merecia a dor que ela sentia. Ninguém. E morreria antes de permitir que Dolor destruísse outra pessoa desta maneira. Arrebatá-lo o que mais amavam, e para que? Pelo rancor de um deus porque outro lhe tinha gastado uma brincadeira e carecia de senso de humor? Era cruel e estava mau.

— Ensina-me sua raiva, Aidan. Mostre-me como me agarrar a ela

sem importar o que acontecer.

Ele assentiu cruamente antes de deixar cair as mãos de seu rosto.

—Deixa partir a dor. Se houver um pouco de bondade em seu interior, mata-a. Agora, lembra que a única pessoa que te importa na vida é você. A ninguém nunca importará. A ninguém. A única pessoa que pode te proteger é você. Deixa que todos outros se vão ao inferno. De fato, apura-os para ali.

Leta não podia acreditar o que lhe estava dizendo. Parecia fácil, se ela estivesse o suficientemente louca, mas como o suportava Aidan?

—Como é capaz de estar aqui?

—Lembra que quando lhe golpearam, não houve ninguém a seu lado para suavizar o golpe. Ninguém para te ajudar a que te lambesse as feridas ou te proteger.

Mas em seu caso, isso não tinha sido certo. M'Adoc tinha estado a seu lado, tentando proteger a sua família. Assim era como tinha sido capturado e depois torturado. Poderia ter sido capaz de escapar e salvar-se. Em lugar disso, tinha eleito ir avisar e ficar com ela quando Dolor e seus subordinados tinham atacado.

E também quase o tinham matado.

—E se não estava sozinha? —perguntou, sua voz só um sussurro.

—Então imagina tomando ao que esteve a seu lado. Imagina o sangue de seu defensor em suas mãos enquanto o apunhalam no coração.

Era suficiente para fazer que Leta quisesse gritar e deixar-se levar pela raiva da que lhe falava.

Aidan tinha razão. Se pudesse, Dolor mataria a M'Adoc em um instante.

—Não sei como vencer a Dolor —confessou Leta—. O melhor que pude fazer a última vez que lutamos foi congelá-lo e fazê-lo escravo da invocação de um humano. Pensei que fazendo isso ninguém seria tão estúpido para liberá-lo. Agora que o têm feito... Não sei como devolvê-lo ao êxtase até depois de que complete sua tarefa.

—E essa é?

— Matar-te... e não deixarei que isso aconteça.

Aidan se alegrava de que isto fora um sonho. De outra maneira, poderia ter pensado que estava louco. Mas enquanto as púrpuras cheirem batiam contra a praia cristalina, sabia que estava a salvo. Aqui não havia realidade. Só estavam ele e Leta.

Ainda assim, sentia curiosidade sobre por que seu subconsciente criaria tudo isto.

—Disse que meu irmão o conjurou para me matar.

Ela assentiu.

—Fez-o da prisão? —Tinha tanto sentido como todo o resto.

—Deve tê-lo feito. Pode pensar em alguém mais que te queira morto até o ponto de dar sua alma por isso?

Aidan soltou uma risada amarga.

—A lista daqueles que me odeiam é longa, mas aqueles que o querem até esse extremo é muito mais curta. Tem razão. Donnie destaca entre os que mais me odeiam.

Ela assentiu.

Aidan permaneceu sentado em silêncio pensando na tragédia de seu passado. Depois da morte de seus pais, ele e Donnie tinham terminado sendo criados por seu tio alcoólatra. Como pai solteiro, o homem tinha deixado muito que desejar, e basicamente Aidan e Donnie sempre tinham brincado dizendo que os tinham criado os lobos.

Tudo o que tinham tido era o um ao outro. Ainda não podia acreditar o que algo tão insignificante como a inveja lhe tinha feito a seu irmão. Como podia apanhar a um tipo que uma vez aceitou murros em seu lugar e convertê-lo em um usuário de sangue-frio disposto a fazer algo para feri-lo. Não tinha sentido.

E agora isto...

Não fazia falta que seus sonhos fossem tão loucos. Ainda estava cambaleando-se pela traição e obviamente seu subconsciente continuava tentando conciliá-lo tudo.

Esses pensamentos recordaram a seus primeiros anos em

Hollywood.

—Um dos primeiros filmes nas que apareci era uma de zumbis. Lembro que no filme, se matava ao que controlava o zumbi, também carregava a este. Funcionaria isto da mesma forma?

Leta o olhou com o cenho franzido.

—Está disposto a matar a seu próprio irmão?

Ele nem sequer vacilou com sua resposta.

—O sangue deixou de nos unir no instante que veio por minha garganta. Se esta coisa me está acossando por culpa dele, então estou mais que preparado para lhe rachar a garganta e rir enquanto sangra até morrer a meus pés. Dê-me a faca e permanece à margem.

Leta deixou escapar um lento fôlego ante a hostilidade em seu tom. Deveria estar horrorizada por sua brutalidade, mas ainda assim entendia o sentimento.

—Infelizmente, isso não funciona neste caso. Dolor não é um zumbi. É um velho deus que só se mantém sob controle por uma maldição que lhe pus.

—Não pode voltar a pô-lo em êxtase?

Ela negou com a cabeça.

—Não enquanto você esteja vivo. A maldição mais forte que pude encontrar só funcionaria enquanto a invocação não acontecesse.

Ele a observou estreitando o olhar.

—A quem demônios lhe ocorreu esta brilhante maldição?

—Foi a melhor que pude conseguir estando em um apuro —disse ela defensivamente.

Aidan pôs os olhos em branco.

—Com esse tipo de habilidades de valorização crítica, deveria considerar provar o cargo de político.

Antes que Leta pudesse responder, um forte grunhido rasgou o ar. Lenta apertou os dentes com desgosto ao reconhecer o som.

—Que demônios é isso? —perguntou Aidan.

—Timor.

—Espero que o velho Tim seja um ex-noivo.

Como o desejaria ela.

—Não. É a personificação do medo humano.

—OH, genial —disse Aidan em tom jovial—. Justo o que queria acrescentar a meu sonho. Deveríamos convidá-lo a tomar o chá?

Embora ela achasse seu sarcasmo entretido, ainda não era capaz de fazê-la rir ou sorrir dada sua situação, que ia piorando.

—Aidan, isto não é um sonho. Quero dizer, sim, estamos em um estado de sonho, mas quando despertar, não vai querer dizer que Dolor não será real. É real, e tem a intenção de te matar.

Ele se separou dela.

—Bem. Que venha. Serei o último que fique em pé.

—A fanfarronice não derrota a um deus.

—Então o que o faz?

Ela realmente desejaria que não lhe tivesse feito essa pergunta em particular.

—Não sei. Cada um de nós tem algo que nos volta débil, e que permite que alguém nos mate. Mas não estamos muito dispostos a deixar que outra pessoa saiba quais são essas debilidades.

—E tampouco o faço eu. Não tenho intenção de que ninguém nem nada me derrube.

Leta admirava isso dele, especialmente dado que era humano.

—Quero que te agarre com força a essa coragem, Aidan. Pode que seja o único salve sua vida.

E com isso puxou ele para si e o beijou.

Aidan ficou sem fôlego ante a esquecida sensação de uma mulher em seus braços. Tinha sabor de êxtase e mulher. A malvadas delícias. E que Deus o ajudasse, queria mais dela.

Com o coração martelando, aprofundou o beijo enquanto a apertava mais contra si.

Leta não podia pensar com clareza enquanto sua língua dançava com a do Aidan. Tinham passado séculos desde a última vez que tinha beijado a um homem. Séculos desde que se havia sentido tão obrigada a tocar a um homem, a não ser que lhe estivesse lançando um

murro.

O desejo de Aidan prendeu fogo a suas próprias emoções atadas. Mas mais que isso, liberou a parte longamente enterrada dela que sentia falta da sua família. Fechando os olhos, recordou a seu marido e esse milagroso sentimento de pertencer. De amar a alguém e ser amado por eles.

Sentia tanta falta. Ansiava-o ainda mais. Ninguém deveria ter que passar a eternidade só, isolado de todo o mundo, desprovido de emoções. O que Zeus havia imposto a sua classe era deplorável.

De novo, escutou o grito do Timor ao outro lado do mar que salpicava contra as areias cristalinas. Dolor estava tentando usá-lo para romper a barreira do mundo do sonho para poder lutar com eles no plano mortal, onde eram mais débeis. Precisava despertar Aidan e fazer que entendesse a ameaça que eles supunham para ele.

—Verei-te no outro lado. —sussurrou antes de apartá-lo e obrigá-lo a despertar.

Aidan despertou de repente. Com o coração golpeando, levantou o braço de seu rosto para tentar orientar-se. Seu filme ainda estava soando de fundo enquanto os troncos saltavam e se recolocavam a seu redor.

Foi então quando viu a Leta a seus pés.

Ela abriu os olhos piscando como se também se estivesse despertando.

—Que demônios está fazendo aqui? —exigiu-lhe Aidan.

Leta começou a responder, só para dar-se conta de que se o contava, a colocaria para fora. Nunca acreditaria neste domínio.

Querido Zeus, como o ia convencer alguma vez da verdade?

—Aidan... —titubeou ao tentar pensar em algo razoável que lhe dizer.

—Leta... —se burlou—. Disse-te que partisse daqui.

—Sei que o fez. É só que queria ver-te durante uns minutos, e estava dormido. Não queria te incomodar.

—Assim dormiu a meus pés como um cachorrinho? Não é por

ofender, mas isso é condenadamente arrepiante. E o próximo que saberei, é que estará te provando minha roupa e dormindo em minha cama.

Ela se burlou ao empurrar-se para ficar em pé.

—Não é Brad Pitt.

—Tem razão. Sou o homem que o tirou de uma patada do posto número um de ator mais bonito, três anos seguidos.

Leta pôs os olhos em branco.

—É bastante ego o que tem aí.

—Sim, é-o, e se reforça constantemente por mulheres dispostas a fazer algo para chamar minha atenção. —Percorreu-a com um frio olhar—. Até onde está disposta a chegar?

Ela torceu a cara para ele.

—Não deixe que esse beijo te suba à cabeça. Simplesmente tinha curiosidade.

—Sim, neném, isso é o que todas... —Aidan se congelou quando suas palavras atravessaram sua ira—. Que beijo?

A cara da Leta empalideceu.

—Houve um beijo?

—Em meus sonhos. Como soube isso?

Ela se voltou repentinamente inquieta.

—Hipótese afortunada.

—Sim, claro. A única pessoa que é pior ator que você é meu antigo companheiro de quarto quando estava bêbado. Como soube de meu beijo em sonhos?

Leta trouxe enquanto tratava de decidir o que lhe contar. Mas seguia voltando para a única verdade...

—Não vais acreditar me.

—Tenta-o.

Que demônios? O pior podia fazer Aidan era jogá-la, e tinha tentado fazer isso do momento que tinha chegado. Não era como se pudesse morrer na tormenta. Quanto a isso, a tormenta só existia porque ela a tinha criado, para lhe dar uma razão para convidá-la.

—Muito bem. Sou um Oneroi.

As facções do Aidan não trocaram enquanto parecia aceitá-lo.

—Uma honra o que?

—Não honra. Own—nuh—roy. É um deus do sonho, e estou aqui para te proteger.

Ele nem sequer piscou ante suas palavras. Simplesmente a observou com uma expressão vazia enquanto continuava convexo no sofá sem mover-se.

Finalmente, aspirou profundamente.

—Por que estou tendo esta má lembrança do Exterminador do Futuro...? Meu nome é Kyle Rhys. 'Venha comigo se quiser viver'.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

—Isto não é uma brincadeira, Aidan.

Ele saltou do sofá e se moveu para situar-se sobre ela. Agora era impossível não dar-se conta do desdém e incredulidade que se derramavam de cada parte dele.

—Não, não o é, e não te encontro absolutamente divertida.

—Então como soube sobre o beijo que você e eu compartilhamos em seus sonhos?

—Foram ilusões que te fez.

Ela negou com a cabeça.

—Disse-te em seu sonho e lhe volto isso a repetir... a fanfarronice não vencerá a um deus. Se realmente quer ser o último homem que fique em pé, vais ter que confiar em mim a suas costas.

Aidan se cambaleou ante suas palavras.

Não. Não era possível. Ainda assim recordou esse momento de seus sonhos quando havia dito isso a Leta. Claramente. Normalmente seus sonhos se desvaneciam quando despertava. Mas em sua mente recordava cada parte dos últimos minutos.

Não era possível. Ela não podia ter estado ali. Não podia.

—Quanta cerveja bebi? —sussurrou, passando-a mão pelo cabelo—. Estou em coma?

Ela negou com a cabeça.

—Está vivo e acordado. Plenamente consciente.

Sim, claro.

—Não —disse Aidan, ainda negando com a cabeça para ela— Não pode ser. Isto está tudo equivocado. Você está toda equivocada. Coisas como esta não passam na vida real. —sentia-se como se tivesse sido apanhado dentro de um de seus filmes.

Em um roteiro, aceitaria isto.

Na vida real...

Tolices!

Ela esticou a mão para ele, mas Aidan rapidamente se apartou.

—Aidan, me escute. Tudo o que te disse é certo. Tem que confiar em mim.

—Uh—huh. Se for um deus prova-o. Faz que deixe de nevar.

Lançou-lhe um olhar molesto.

—Truques de mago barato para entreter a humanos estão por debaixo de nós. Mas já que insiste. —Estalou os dedos e instantaneamente a neve parou.

Aidan sentiu que ficava boquiaberto ao ver que literalmente as nuvens se apartavam para mostrar um dia brilhante e ensolarado... justo como em seus sonhos. A ondulada paisagem era completamente branca, como se estivesse totalmente limpa.

Ainda assim sua mente não o aceitava. Isto simplesmente não podia passar.

—Bonita coincidência. Agora sai de uma maldita vez de minha casa.

—Não posso —disse ela com os dentes apertados—. Preciso de sua ira para lutar contra Dolor. Se te deixar, cortará-te como uma faca quente sobre a manteiga.

—Já lhe golpeei o traseiro.

—Em um sonho, Aidan. Alguma vez tratou de manifestar uma espada com seus pensamentos no mundo real? Não acontece, verdade?

Aidan odiava admitir que tinha um argumento válido. Mas ainda assim, não mudava o fato de que isto era uma loucura.

—Como sei que não está mentindo? —perguntou— Mostre-me algo contra o que não possa discutir.

Ela estendeu os braços, e logo que o fez, uma espada apareceu em sua mão direita. Girou a folha e lhe ofereceu o punho.

—Prova-a por ti mesmo.

Fez-o, e a sentia o suficientemente real. Afiada, pesada. De maneira nenhuma podia ter tido algo como isso escondido em seu corpo sem que ele não soubesse.

Por muito que odiasse admiti-lo, estava começando a parecer que Leta dizia a verdade, e que de algum jeito o impossível era possível.

Baixou a espada.

—Como pode ser isto?

—Sempre estivemos aqui. Às vezes vivendo entre todos vós, às vezes só como inócuos observadores de suas vidas. Eu sou uma dos que se ofereceram voluntários para proteger à humanidade.

—E por que faria isso?

Ele viu um brilho de dor em seus olhos antes de lhe responder.

—Porque não tenho nada mais pelo que viver. Contou-me a traição de seu irmão. Imagina seu próprio pai chamando a seus cães de caça para que matem a sua filha pequena e a seu marido. Imagina o que é vê-los morrer, e que logo lhe levem e lhe castiguem por algo que não fez. Que lhe despojem de sua dignidade e emoções porque seu pai estava envergonhado por um estúpido e insignificante sonho que tinha tido, e culpou a todos os que caminham em sonhos por isso. Você sente sua dor, Aidan. Eu sinto a minha.

Ele fez uma careta de dor ante o inimaginável horror que ela descrevia.

—Por que faria tal coisa?

—Porque era um deus e podia. Não queria que houvesse outro deus do sonho em seus sonhos, jamais, lhe gastando uma brincadeira. Pensou que se nos tirava todas as emoções, já não seríamos criativos ou obteríamos prazer em nos burlar dele ou de qualquer. Tudo o que

importava era sua vida e sua dignidade. As nossas não eram nada em comparação com a sua.

Aidan sentiu que um tic começava em sua mandíbula quando as palavras dela penetraram.

—Assim que os deuses gregos são tão mesquinhos e egoístas como a humanidade. Estupendo.

—E igual aos humanos, não todos somos assim. Alguns somos muito conscientes de nossos poderes, e sabemos bem que não se deve abusar deles.

Talvez. Mas lhe soava bastante mal. Aidan não podia compreender o que ela devia ter suportado... se isto não era uma vã ilusão criada por um tumor cerebral e se Leta não mentia. Fazia com que sua própria traição parecesse insignificante em contraste com o sonho de seu pai, que tinha provocado a morte de sua família.

—Por que viria a me ajudar?

—Porque não merece morrer depois de tudo o que passou. Seu irmão já te tirou muito. E tem tanta raiva que espero que encontremos alguma maneira de matar a Dolor e detê-lo para que nunca volte a machucar a outra pessoa. Alguém tem que resistir contra ele. Tudo o que posso escutar quando penso nele é a maneira em que riu com prazer quando lhe roguei que lhe perdoasse a vida de minha filha. O bastardo em realidade sorriu ao asfixiá-la, enquanto seus sequazes me sujeitavam.

Aidan fez uma careta de dor quando seu coração se apertou sob o peso do que Leta havia descrito.

Os olhos dela o queimavam com seu próprio sofrimento.

—Quer danificar as pessoas que te feriram, Aidan... Agora imagina minha necessidade de saborear seu sangue.

Ele ficou quieto ao tentar resolver tudo isto. Podia ser que ainda estivesse sonhando?

—Não. Não o está —disse ela em voz alta—. Isto não é um sonho. Juro-lhe isso.

Aidan a olhou franzindo o cenho.

—Como sabia o que estava pensando?

—Posso escutar seus pensamentos quando me centro neles.

—Bem. Então sabe que acredito que está louca.

Ela sorriu ante isso.

—A verdade é que o estou. Perdi toda a prudência à noite que minha filha morreu e não pude evitá-lo. Tudo o que fica neste mundo é a sede de vingança. E o mero feito de que ainda possa senti-la, quando não deveria ter nenhuma emoção, diz-te o tão gravemente necessito.

Estendeu-lhe a mão.

—Então temos muito em comum.

Leta assentiu antes de lhe agarrar a mão na sua. Essa simples ação enviou ao Aidan um calafrio pela espinha dorsal, e não estava seguro da razão.

Apertou-lhe a mão antes de falar.

—Temos que encontrar alguma maneira de detê-lo.

—Não se preocupe. Faremo-lo. Como disse, serei o último homem que fique em pé.

Leta fechou os olhos enquanto suas palavras lhe percorriam a mente. O último homem que fique em pé. Recordava um tempo no que também havia se sentido dessa maneira. Agora tudo o que queria era devolver o golpe a Dolor, e se tinha que cair para fazê-lo, estava mais que disposta. Não lhe importava não sobreviver sempre que ele morresse com ela. Para isso, arrastar-se-ia nua sobre vidros quebrados.

De repente, Aidan começou a rir e a soltou.

Leta o olhou franzindo o cenho.

—O que acontece?

—Mori disse que estar aqui acima somente um dia me voltaria louco. Maldito se tinha razão. Perdi totalmente a cabeça.

Seu humor desconjurado não era suficiente para aliviar a dor no interior da Leta.

—Não, não o tem feito. Disse-te que era guarda-costas, e o sou. Vamos superar isto juntos. Você e eu.

Sua risada morreu instantaneamente enquanto a fulminava com o olhar.

—A última vez que uma mulher me disse isso, serviu-me em um prato meu próprio coração talhado em partes. Que órgão me vai arrancar?

—Nenhum, Aidan. Vou deixar-te tal e como te encontrei. Estará aqui, em sua cabana, mais forte que nunca.

—Por que não te acredito?

—Porque as pessoas sempre estão dispostas a acreditar no negativo sobre o positivo. É mais fácil para ti pensar que sou corrupta e malvada, pelo que é ver-me pelo que realmente sou. Ninguém quer acreditar que alguém está disposto a ajudar aos outros por seu bom coração, porque não podem suportar ver alguém sofrer. Tão poucas pessoas é altruísta, que não podem entender ou conceber que alguém mais no mundo possa pôr o bem de outro por cima do próprio.

Aidan se congelou quando essas palavras penetraram sua desconfiança. Estava fazendo exatamente o que todos tinham feito a ele.

Assumindo o pior inclusive quando ela não tinha feito nada para justificá-lo.

O mundo tinha querido acreditar que era frio com sua família, que tinha feito algo para justificar sua crueldade, porque era muito menos atemorizante para ele do que a verdade. Ninguém queria pensar que podiam dar tudo sobre si mesmos a outro, só para que o recipiente se voltasse contra si como um cão raivoso, por nenhuma razão lógica.

Se aceitavam a verdade —que Aidan era inocente em tudo isto, que seu único crime tinha sido o fato de ser muito generoso, aberto e amável para alguém que não merecia sua confiança— então os deixava vulneráveis e interrogativos para todos os que os rodeavam. Mas em seus corações, todos sabiam a verdade. Em algum ponto de sua vida, todo mundo tinha sido traído assim. Sem tom nem som.

Só era deficiência humana em algumas pessoas que era usuária e abusadora.

Como sua mãe estava acostumada dizer, é as pessoas a que não tem educação.

Mas como Leta lhe tinha apontado, nem todo mundo era usuário. Aidan nunca tinha traído a ninguém. Nunca se tinha proposto destruir ou fazer mal a outro ser humano. Não era próprio dele lhe levar mais miséria a alguém.

Unicamente ele tinha sido leal e digno de confiança em seu mundo. Possivelmente, simplesmente possivelmente, depois de tudo não estava sozinho.

Com a garganta apertada, fulminou a Leta com o olhar.

—Ainda não estou seguro de que isto não seja uma alucinação provocada por intoxicação de monóxido de carbono de meu forno ou aquecedor, mas no caso de que não o seja, vou confiar em ti, Leta. Não te atreva a me defraudar.

—Não se preocupe. Se te defraudar, ambos morreremos e nossa dor terminará.

—E se ganharmos?

A luz brincalhona em seus olhos morreu.

—Suponho que viveremos para seguir sofrendo um pouco mais.

Ele riu amargamente.

—Não é um grande incentivo para lutar, verdade?

—Em realidade não —disse ela, seu olhar suavizando-se—. Mas não é próprio de mim me tombar e morrer.

—De mim tampouco. —Aidan olhou fora da janela ao mundo que parecia tão brilhante comparado com a anterior tormenta. Se só se pudesse ficar dessa maneira.

—Assim me diga... o que fazemos agora?

—Vamos ver um velho amigo meu, sobre um sério repelente de dor.

—Fazem semelhante coisa?

Leta se encolheu de ombros.

—Vamos averiguá-lo. E enquanto estamos nisso, vamos ver exatamente o que Dolor necessita para cruzar a este plano.

Isso tinha sentido.

—Se cruzou até aqui, quanta força terá?

—Recorda as pragas do Egito?

—Sim. Também estava nesse filme.

Ela ignorou seu comentário ácido.

—Esse era ele praticando e divertindo-se. Se não o detivermos, soltará a todos seus companheiros de jogos e eles estenderão total sofrimento e tortura por todo mundo.

—Genial. Não posso esperar. —Deixou escapar um cansado fôlego antes de falar outra vez— E o que tem que os outros deuses? Ajudarão-nos?

Deu-lhe um tapinha na bochecha quase de forma brincalhona.

—Isso, meu amigo, é o que vamos averiguar. Aperte o cinto, Buttercup. Esta viagem pode ser agitada.

O único problema era que ele estava acostumado a isso. Quando as coisas estavam sem problemas era quando tinha medo.

Mas inclusive enquanto esse pensamento passava por sua cabeça, foi seguido pela compreensão de que as coisas não iam estar agitadas.

Iam ser mortais.

CAPÍTULO 5

—Não posso acreditar que tenha feito armadilhas!

—Eu não posso acreditar que não soubesse. Homem, que classe de Deus é? Nunca pensei que a estupidez tivesse uma divindade representativa. Suponho que estou equivocado, uh?

—É um idiota.

Aidan franziu o cenho enquanto pegava Leta para passar a um quarto de mármore branco onde dois homens jogavam xadrez. Tudo no quarto era de um branco estéril, exceto pelos dois homens vestidos de

negro e as peculiares peças de xadrez que tinham estado dançando e lutado ao redor do tabuleiro a sua chegada —peças de xadrez, criaturas que viviam e respiravam as quais observavam agora a discussão dos deuses com grande interesse.

A uma rápida olhada, os dois deuses pareciam ser gêmeos exceto o vigarista tinha o curto cabelo marrom com umas linhas negras entrelaçadas. Também tinha o que parecia ser uma tatuagem negra descendo-lhe pelo rosto em um agudo e definido raio angular e luminoso, dos canais lagrimais até o queixo. O homem frente a ele tinha o cabelo negro com tatuagens tribais lhe cobrindo os braços das mãos até os ombros. Ambos estavam vestidos com calças jeans e camisas sem mangas. Um estilo estranho para dois deuses.

Não obstante, que sabia ele de tais criaturas?

—Deimos?—chamou-o Leta enquanto dirigia Aidan para os jogadores.

O que tinha a tatuagem no rosto levantou o olhar.

—Leta, preciosa. O que te traz por aqui? —Perguntou em tom jovial como se não tivesse estado em meio de uma disputa verbal com seu irmão três segundos antes.

O outro homem ficou de pé para partir.

—Sente-se, *Phobos,—estalou *Deimos—.Não terminamos.

—Sim, terminamos. Não jogo com trapaceiros e não me importa se são três segundos mais velho que eu, você não me diz o que tenho que fazer. Não sou sua puta.

Deimos fez uma careta.

—Então não atue como tal. Quem ouviu que o Medo era um chorão?

Phobos cruzou os braços sobre o peito.

—As mesmas pessoas que fizeram a Temor um trapaceiro.

Deimos se mofou dele.

—OH, vai chorar com mamãe, neném.

Logo Deimos olhou ao Aidan.

—Joga xadrez?

—Não muito bem.

Indicou a cadeira em frente a ele.

—Toma assento enquanto falamos.

—Não o faça, —acautelou-o Phobos—.É como jogar contra um menino de dois anos que pode dinamitar sua alma diretamente fora de seu corpo. A última vez que Deimos jogou contra um humano o qual ganhou, cortou ao imbecil em rodelas como aperitivo.

Aidan arqueou uma sobrancelha ante a vivida descrição.

—Interessante giro da frase.

—Considera-o uma advertência.

Leta se apoiou contra Aidan e sorriu.

—Não preste nenhuma atenção ao Phobos. Seu trabalho é despertar o temor em outros. É hábil nisso, também.

Aidan se encolheu de ombros ante a advertência.

—Não realmente. Não tenho medo de nada.

Phobos sorriu abertamente enquanto desfrutava com o pensamento de um desafio.

—Asseguro-lhe, posso retificar isso.

—Prefiro que não.—disse Leta rapidamente antes de se despedir do deus.—Agora parte a assustar a uma ou duas velhas.

Phobos a despediu com dois dedos antes de desaparecer em um círculo de chamas.

Ela se voltou para o Deimos que estava no processo de dirigir as peças de xadrez de volta aos lugares de início.

—Tem um minuto, Demon?

Deimos riu.

—Uma eternidade deles. Por quê?

- Preciso saber como deter Dolor.

Isso conseguiu que a olhasse com expressão interrogativa.

—Dolor? Quando despertou?

—Faz uns dois dias. Agora ele vai atrás do Aidan para lhe matar.

Deimos estalou.

—Pobrezinho, é realmente uma droga ser humano.

Leta estreitou o olhar nele.

—Deimos...

Não lhe incomodou seu tom de recriminação.

—Não me chateie, priminha. Não quero ouvi-lo.

—É um Dolophonos, um deus da justiça. Realmente vai ficar aqui sentado enquanto um homem inocente se submete à morte porque alguém tem tensão pré-menstrual?

Deimos dirigiu a ela um olhar cômico.

—Sou um executor, Leta, daí meu apelido Demon. Enviam-me ali para arrancar a cabeça às pessoas e deuses que saem da linha, freqüentemente só porque alguém tem TPM. Quer justiça, o escritório do *Themis está em baixo no vestíbulo à esquerda— Sorriu com malícia—. Se quiser morte e desintegração, sou seu homem... ou mas bem seu deus.

Ela deixou escapar um sofrido suspiro.

—Assim não vais responder a minha pergunta?

—Não tenho a resposta. Somente porque tenha compartilhado umas taças com Dolor no passado não significa que sei como lhe deter, especialmente porque nunca ninguém me enviou para matá-lo. Só sei que prefere um trago duplo de tequila com limão empapado com Bourbon. Asqueroso, sei, mas longe de mim me burlar de seus gostos. Alegro-me justamente de que não sejam meus.

Aidan se adiantou com uma pergunta própria.

— E você? Pode lhe deter?

Deimos o olhou com presunção

—Ninguém está diante de mim por muito tempo. Temor sempre triunfa sobre a Dor. Além disso, brigo sujo. O xadrez não é o único no que faço armadilha.—reclinou-se na cadeira e pregou as mãos detrás da cabeça antes de voltar o olhar para a Leta—.Se realmente quer indagar na debilidade de Dolor, então te sugiro que o tente com sua irmã, *Lyssa.

Aidan podia assegurar pelo olhar na cara da Leta que melhor

seria não fazê-lo.

—Quem é Lyssa?

—A personificação da Loucura, —responderam ao mesmo tempo.

Leta dedicou ao Deimos um olhar de recriminação antes de explicar.

—Ela trabalha freqüentemente como um demônio em conjunto com outros deuses, para incitar à loucura a suas vítimas a fim de que as Erinias ou Fúrias possam fazer seu trabalho. Por isso, é um pouco difícil de manipular e a loucura que está acostumada a verter em outros jogou raízes muito profundas em sua própria mente.

Refletiu.

—Ooo, perfeito. Acredito que nas últimas vinte e quatro horas ela e eu nos temos feito realmente bons amigos.

Deimos riu.

—Posso-te assegurar que não a conheceste.

—Possivelmente não pessoalmente, mas definitivamente estive patinando ao redor de seu muro a maior parte do dia de hoje.

—Ao redor de seu muro, bem. Só não te detenha e chame a sua porta.

—Por quê?

Deimos lhe dedicou um sinistro sorriso

—Ela é especial. Estávamos acostumados a desatá-la nos antigos campos de batalha só para ver como os soldados cortavam a seus melhores amigos em pedaços antes de cair por suas próprias espadas.

Leta torceu a cara pela brutal representação.

—Está doente, Demon.

Ele se encolheu de ombros despreocupadamente.

—Confia em mim, mereciam isso ou eu não lhe teria dado importância. Além disso, minha mãe é uma Fúria e meu pai a Guerra. Que mais esperaria de mim?

—Compaixão, —disse ela brandamente—.As Erínias não sempre são cruéis.

—Certo, mas não para os malvados. Nosso trabalho é castigar e isso, prima, estou mais que capacitado para fazê-lo. Embora possivelmente pense que é espantoso.— indicou-lhe a porta com um movimento do queixo—.Visite Lyssa. Se Dolor tiver uma debilidade, ela é o única sabe.

—Mas a compartilhará?

Ele se encolheu de ombros.

—Você a conhece tão bem como eu. Depende do humor e o grau de lucidez quando falar com ela.

Aidan franziu o cenho.

—Grau do que?

Em lugar de responder, Leta o agarrou por braço antes de emitir-se a um jardim Escheresque. Era tão complicadamente confuso, com escadas serpenteantes que desafiavam a lógica, arcos mal delineados, e arbustos crescendo ao reverso, que Aidan nem sequer podia compreendê-lo. Sentia-se literalmente como se só se introduziu dentro do acampo do Outro Mundo do *Escher. Enjoava-lhe tentar encontrar sentido à estupidez que o rodeavam.

Não admirava que Lyssa estivesse louca. Tentar atravessar seu jardim voltaria louco a qualquer.

Leta o conduziu até um pequeno conjunto de escadas que serpenteava dentro do esqueleto de um dragão antes de dissolver-se em um rio de sangue que salpicava contra a pequena rocha sobre a que estavam.

—O que é este lugar?—Perguntou ele.

—A casa da Lyssa. Como advertiu Deimos, ela não está exatamente bem da cabeça e a sua é uma visão muito única da realidade. O jardim reflete sua estranha natureza.

Estranha? Sim, claro, tinha saltado diretamente do estranho para inundar-se de cabeça no absurdo. Começava a entender isso enquanto o corrimão por debaixo de sua mão lambia sua palma. Franzindo o cenho com repugnância, sacudiu com força a mão para

encontrar olhos lhe vigiando em lugar da língua que ele havia sentido um instante antes.

Claro... se esta era a verdadeira loucura, ele de repente se sentia normal.

—Lyssa, Lyssa,—Chamou Leta.— Clara e formosa, sou Leta que vem para falar contigo de uma coisa.

Bom, esta era uma nova faceta da Leta. Teria que dizê-lo, tinha uma bonita voz quando cantava as palavras.

—O que esta fazendo?

Seu sorriso o deslumbrou.

- Lyssa gosta das rimas. Só falará com elas.

— Está-me tirando o sarro?

Antes que ela pudesse responder, uma vertiginosa bola azul apareceu diante deles. A bola se moveu por um caminho denteado até que tocou a parte superior das escadas por detrás dele. Ali cresceu até que deu forma a uma jovem e bela mulher. Seu comprido e encaracolado cabelo loiro brilhava como se fosse puro fio de ouro e esta de pé com a régia conduta de uma rainha. Mais que isso, cada traço do rosto estava tão cuidadosamente esculpido que não parecia real.

Até que um se olhava em seus olhos. Eram negro azeviche e frios. Sem alma. Não havia branco, ou cor de nenhuma classe. E quando os voltou para ele, pôde sentir o calafrio da loucura até sua alma.

Quando falou, a voz da Lyssa era tão ligeira e delicada como a deusa mesma.

—*Leta, Leta, nascida de sonhos*

Através dos séculos gritaste

Agora vem à minha formosa terra

Só a pedir a ajuda de minha mão.

Aidan se inclinou para frente para murmurar na orelha da Leta.

—Bonita estrofe.

Acotovelou-lhe com força nas costelas.

—Pode me ajudar, prima querida?

Um sorriso caprichoso curvou os vermelhos lábios da Lyssa.

—Ajuda é tudo o que eles pedem,

Embora estranha vez permanecem

Deixarei que também a veja.

E então sozinha você sangrará.

Enfurecido com suas enigmáticas palavras, Aidan se apartou um passo da Leta.

—Olhe, não temos tempo para isto. Precisamos— Suas palavras se detiveram instantaneamente quando seus lábios ficaram hermeticamente selados.

Lyssa sacudiu a cabeça com recriminação.

— Os homens sempre perguntaram seu caminho.

Sem importar quem os domine

É hora de que te detenha escutar em lugar de ouvir

Só isso manterá a salvo o que quer.

Leta colocou uma mão sobre seu braço, antes de voltar o olhar a Lyssa.

—Está-me dizendo que podemos derrotar a Dolor?

—Dolor está aqui

Agudo e claro.

Entretanto, desvanecerá-se

E um novo caminho se fará.

Viu o alívio na cara da Leta mesmo que ele mesmo estava tendo dificuldades para seguir o sem sentido. E não ser capaz de abrir a boca, começava a enfurecê-lo seriamente.

—Como lhe derrotar?—Perguntou Leta.

Lyssa levantou a mão com o fim de que um pássaro que voava para trás pudesse descansar sobre seu estendido dedo. Picasso teria estado orgulhoso da imagem extravagante que formavam os dois.

—A verdadeira dor nasce
Quando o coração se rompe
Sobre a borda
Para vê-lo todos

Pelo ofendido olhar em seu rosto, ele podia dizer que Leta estava tão satisfeita com essa resposta como ele.

—Mas como se termina?
- *Um final é um começo disfarçado.*
Mas isso o vêem só aqueles que são sábios.
Para que a dor retorne a seu lugar
Deverá enfrentá-lo à cara.

Leta negou com a cabeça.

—Não o entendo, Lyssa.

Dedicou a Leta o mesmo olhar que um professor de creche daria a um menino irritante.

—*No tempo se encontra a claridade.*
Mas não agora sobre esta consagrada terra.
Tem as respostas que procuraste.
Agora é tempo para que se celebrem as batalhas

E com essas palavras, o pássaro deixou escapar o coaxar de uma rã, desfazendo-se depois em pó. Lyssa levantou os braços para o céu antes de afundar-se na terra.

Nossa...

Aidan ofegou com brutalidade quando pôde abrir de novo a boca. Dedicou a Leta um mortífero olhar.

—Interessante mulher. Entretanto deve ser exaustivo tentar rimar sempre tudo o que quer dizer.

—Não depois de tanta experiência como teve.

Não quis discutir esse ponto. Estava realmente contente de que Lyssa se fosse.

—Tirou algo em claro disso?

—Sim. Entendi que podemos lhe vencer antes que ele nos mate. Isso é ao menos um princípio.

Ela era definitivamente uma otimista. Ele por outra parte...

— Chame-me louco, mas comparada com a Lyssa, *Sybil era normal, mas tudo o que consegui desta reunião foi uma dor de cabeça. As instruções concretas de como lhe matar tivessem sido bem-vindas.

—Certo, mas neste caso, acredito que conseguimos o melhor do que poderíamos esperar.

—Então por que perdemos o tempo?

Aplaudiu-lhe com indulgência a bochecha.

—Quem disse que perdemos o tempo?

—Eu, por certo.

—E está equivocado, por certo. Confia em mim.

Sim, claro. Não ia cometer esse engano.

—Não te ofenda, mas a última pessoa em quem confiei tratou de me assar pessoal e profissionalmente.

Em vez de zangá-la, as palavras voltaram suave e tenra sua expressão.

—Não sou estúpida, Aidan. Não teria ido a ti se quisesse te ferir.

Tinha sentido enquanto o dizia, mas ele não podia sacudi-la da amargura em seu interior se não quisesse voltar a queimar-se novamente. Estava tão cansado de pessoas que jogavam com ele, usando-o para obter o que queriam, para lhe fazer depois a um lado no minuto em que ele os desagradava.

Não era uma coisa para usar e jogar fora. Era um ser humano com sentimentos como todos outros.

Assustado do que poderia lhe fazer Leta e assustado do passado, estendeu a mão para tocar sua bochecha. Sua pele era tão suave, seus lábios convidativos. Tinha havido um tempo em sua vida no

que não tivesse duvidado em dar um passo para uma mulher como esta. Um tempo em que a tivesse tido rendida e nua na cama.

Agora uma parte de si mesmo estava morta. Nunca mais seria tão despreocupado e cheio de vida. Tinham arrojado sua alma ao chão onde ainda estava enlodada pelas lembranças e doía tão profundamente que se perguntou se alguma vez seria capaz de reviver alguma parte do homem que tinha sido alguma vez.

Queria-o?

Havia algo por dizê-lo de algum jeito adormecido. Não havia obrigação. Nem dano para si mesmo ou qualquer outro. Era um lugar bonito para viver uma vez que ultrapassava a solidão.

Mas enquanto cravava o olhar nesses olhos tão azuis e sinceros, todo o isolamento de sua vida o golpeou no peito.

Se me tornei louco, estaria tão mal beijá-la?

Seria-o?

E antes que pudesse dá-la razão, baixou a cabeça para saborear os lábios mais doces que tinha conhecido alguma vez.

Leta enterrou as mãos no suave cabelo do Aidan enquanto sua respiração se misturava com a dele. Para um mortal, sabia como beijar. Ela poderia sentir o aço de seu corpo em contra o seu, sentir o calor de seu abraço até sua alma imortal.

Não deveria estar fazendo isto. Mas não podia obrigar-se a parar. Tinha passado muito tempo sem que um homem a tocasse. Desde que tinha permitido que uma paixão tocasse sua vida. Supunha-se que carecia de emoções, mas aqui estava ela, sentindo sua presença em cada fibra de seu ser.

Estava as extraíndo dele como um sugador? Essa era a explicação mais lógica para estas emoções e ainda isso não lhe parecia certo. Os sentimentos eram muito reais. Sentiam-nos como deles. Não era sua cólera. Não era sua luxúria. Era seu desejo, dela mesma, que tinha e vinha do mais profundo de seu maltratado coração. Uma

necessidade de estar perto dele.

Assustada de perder seus sentimentos, envolveu os braços a seu redor e os transportou de retorno a sua cabana. Aprofundo o beijo enquanto lhe acelerava o coração e lhe ardia o sangue. Isto era o que mais precisava.

Aidan.

Ela retrocedeu para contemplá-lo.

—Quero estar contigo, Aidan.— murmurou enquanto suas mãos se atrasavam na prega da camisa.

Honestamente, esperava que a afastasse outra vez. Certamente não o culparia se o fizesse depois de tudo pelo o que tinha passado. Ninguém o culparia por isso.

Mas ele não o fez. Seus olhos verdes brilhavam com calor, tirou-lhe de um puxão a camisa pela cabeça, e a arrastou de volta a seus braços para continuar o beijo.

Fechando os olhos, ela saboreou seu sabor, a sensação de suas mãos examinando rapidamente seu corpo enquanto o sujeitava contra ela. Seus músculos avultados e tensos sob sua palmas, recordou-lhe um tempo muito distante no que tinha tido medo de tocar a um homem como este. Mas isso tinha sido fazia muito e ela tinha mudado muito desde então.

Durante séculos, tinha lutado sozinha contra Dolor, tratando de salvar tantos seres humanos quanto pôde. Havia sentido que era seu dever apesar de estar insensibilizada para tudo menos para a dor.

Depois de um tempo, essa ausência de sentimentos tinha consumido e debilitado sua determinação. Tinha aprendido a extrair como um sugador às emoções dos humanos em seus sonhos. Durante um tempo, tinha começado a confiar nessas emoções e tinha tido medo de converter-se em um Skoti — um dos deuses do sonho que faziam presa dos humanos com o fim de obter sentimentos. Não era necessariamente uma coisa má, exceto quando tomavam muito e

conduziam aos anfitriões humanos à loucura e destroçavam animicamente suas vidas. Era algo que ela não podia permitir-se fazer a uma pessoa inocente. O momento em que visse que mentalmente se convertesse em uma Skoti, encerraria-se na prisão com Dolor.

Agora não tinha medo de suas emoções ou as de Aidan. Queriam-nas. Precisando sentir mais, emitiu-os ao dormitório e à cama.

Aidan se separou de seus lábios enquanto se precavia de onde estava.

—Um truque engenhoso.

—Posso fazer um melhor.

As roupas desapareceram.

Aidan riu profundamente na garganta.

—Sim, isso definitivamente poderia ser útil.

Deu-lhe a volta, sobre suas costas. Ele a contemplou, bebendo a visão do corpo nu contra o seu. Os seios eram o mais formosos que alguma vez tinha visto, e tinha visto alguns do melhores do mundo. Umedeceu-se os lábios e puxou ela mais perto de modo que pudesse levar-se seu franzido mamilo à boca.

Leta tremeu com a sensação de sua quente língua roçando-a. Cavou sua cabeça para ela enquanto sua mente se cambaleava com sensações esquecidas. Tinha passado muito tempo desde que tinha sido íntima de alguém. Muito tempo desde que algum homem a houvesse tocado...

Ele grunhiu profundamente antes de retroceder e esfregar a barbuda bochecha contra seu sensível seio. Ela ofegou com força enquanto os calafrios faziam erupção por toda ela.

Estava bêbada pela luxúria enquanto roçava seu corpo com o olhar. Cada parte dele estava esculpida com músculos. Havia tanta força nele, por dentro e por fora. E tudo o que queria fazer era tocar essa força e mantê-lo perto dela.

Mais que isso, ela queria lhe saborear.

Aidan a observou enquanto ela descendia beijando seu caminho através de seu corpo. Seu comprido cabelo negro mexia com a pele, lhe enviando calafrios e fazendo-o arder. Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha estado com uma mulher que realmente tinha medo do que viria ainda antes que realmente a tocasse.

Isso era tudo o que seu maltratado ego necessitava. Preferiria morrer antes que se envergonhasse como algum menino da escola secundária vendo sua primeira mulher nua.

Fechando os olhos, tratou de pensar em alguma outra coisa além desses delicados lábios que se esfregavam contra sua carne. Da língua dando golpezinhos sobre seu corpo. Com o coração pulsando acelerado, queria que este momento durasse.

E quando sentiu que lhe mordida a ponta do pênis, mal pôde conter-se para não gritar de prazer. Abriu os olhos para observar como tomava até mais profundamente na boca. Era a vista mais incrível que alguma vez tinha contemplado. Sua língua brincou e lhe atormentou até o nível mais alto.

Leta sorriu ante o gosto agri-doce de Aidan e com a alegria que podia sentir que vinha de seu interior. Era incrível. E o mais especial de tudo era o sentimento que ela tinha de que ele tinha medo de decepcioná-la. O fato que ele se preocupasse, iluminou-lhe o coração.

Sua bondade lhe recordou um tempo quando tinha sido como ele. Quando seus sentimentos tinham sido deles e quando tinha sido proprietária de sua própria vida. Quando tinha sido livre para tomar suas próprias decisões. Tinha perdido tanto...

Sobre tudo, tinha sentido saudades do sentimento de conexão com alguém mais. Sendo uma parte vital deles—padecendo quando estavam de viagem, sabendo que alguém estava longe ausente e contando os segundos até que voltassem a reunir-se. Não havia nada como viver e respirar pelo sorriso de alguém a quem se ama.

Aidan deixou escapar um áspero ofego enquanto segurava sua cabeça nas mãos. Queria simplesmente, sexo animal. Nenhum compromisso, nada de promessas. Nada exceto ambos saciando um desejo biológico.

E ainda assim, enquanto a observava agradá-lo, essa repugnante e tenra parte dele que odiava se agitou. Era a parte que desejava uma mulher que não lhe enganasse. Uma em que pudesse confiar que não o machucasse ou traísse. Uma pessoa que permaneceria fiel a ele sem importar o que se jogasse em seu caminho.

Outras pessoas o tinham. Por que não podia ele?

Porque não lhe merece isso...

Não queria acreditar nisso. Sem dúvida para Deus, já que sempre tinha feito o correto na vida, era digno da lealdade de alguém. Do amor de alguém.

—Alguma vez enganou a seu marido, Leta?— encolheu-se de medo enquanto as palavras saíam de seus lábios.

Mencionar ao marido provavelmente mataria o desejo sexual dela.

Mas mesmo assim, precisava saber se tinha sido digna de confiança ou como Heather, uma mentirosa que se vendeu ao melhor arrematante.

Os olhos se encheram de dor enquanto se separava dele.

—Não. Nunca. Amei-lhe completamente, e enquanto viveu, nem sequer olhei a outros homens. Nunca houve ninguém em meu mundo exceto ele.

—Era um deus?

Negou com a cabeça enquanto fazia círculos lentos com a mão sobre seu abdômen.

—Foi um guerreiro. Um bom homem ao qual visitei uma vez em sonhos. Para um soldado, tinha sido assombrosamente artístico e seus sonhos tinham sido brilhantes com cores e sons.—engasgou-se como se

fora quase muito para ela voltar a pensar—E quando lhe vi tremer ao sustentar pela primeira vez a nossa filha... cada parte de mim o amou mais.

O estômago do Aidan se contraiu. Isso era o que queria. Alguém que o amasse assim.

—Enganou-te alguma vez?

Seu olhar se acendeu.

—O teria matado.

Aidan segurou sua bochecha na mão enquanto cravava o olhar nesses olhos luminescentes.

— Acredita que alguma vez soube o que era um bastado com sorte?

—Não o chamaria sorte. Por minha causa, e por tratar de proteger minhas costas, foi estripado no chão como um porco.

Aidan sentiu pena por sua perda, mas não trocava o fato de que mataria por ter o que tinha compartilhado ela com seu marido.

—Não sei. Acredito que por ter um dia o que há descrito valeria a pena ser estripado.

Leta se surpreendeu enquanto sentia as lágrimas ardendo em seus olhos por ele.

—Não merecia o que te aconteceu, Aidan...

—Chegar a ser merecedor por não fazer nada. Você não merecia perder a sua família. E definitivamente não mereciam morrer porque Zeus seja um idiota.

Uma só lágrima rodou por sua bochecha onde foi bloqueada pelo dedo dele. Interiormente, ela sentiu algo que não tinha sentido em séculos. Um vínculo emocional com outra pessoa. Ele entendia sua tragédia. Sobre tudo, sentia-a.

Querendo afastar dele a tristeza, para lhe dar um momento de paz, subiu pouco a pouco por seu corpo com o fim de poder lhe beijar profundamente.

A cabeça do Aidan se deixou levar com a aguda paixão de seu beijo. Não podia recordar ninguém em toda sua vida que o beijara deste modo. Era exigente e abasador, e inflamava cada terminação nervosa de seu corpo. Tudo o que queria era tocá-la. Senti-la.

Estar dentro dela.

Ela se aferrou apertadamente a seu corpo antes de inclinar a cabeça para lhe morder a garganta. Aidan grunhiu enquanto sua língua dançava através de sua pele. Todos os pensamentos fugiram de sua mente. Ela era a única coisa no que podia concentrar-se, a única coisa que podia sentir. Seu toque lhe marcou a pele enquanto lhe deixava tirar um passado ao que não queria lhe dar muita importância.

Leta deu a volta, sobre suas costas. Derreteu-se interiormente e tudo o que queria era senti-lo profundamente dentro de seu corpo. Incapaz de esperar, montou-se escarranchado sobre seus quadris e empalou a si mesma nele.

Ele jogou para trás a cabeça como se tivesse sido eletrocutado.

—OH, Meu Deus, Leta.—ofegou—.Não... para.

Ela vacilou com suas palavras.

—Quer que me detenha?

—Não. —quase rugiu—.Se parar agora, juro-te que morrerei.

Ela riu de suas desesperadas palavras antes de reatar os movimentos.

Aidan não podia respirar enquanto ela empurrava contra dele. Honestamente queria morrer neste momento perfeito. Não havia sentido nada melhor em toda sua vida que a mulher em cima dele. Era como um anjo enviado para lhe salvar de sua solidão.

E nunca lhe permitiria deixá-la partir. Ele queria congelar este momento e ficar justo onde estava enquanto agarrava suas suaves coxas com as mãos. Ele levantou os quadris, propulsando-se a si mesmo ainda mais profundo dentro dela. Isto era aonde ele queria estar. Queria fingir que não havia um mundo fora desta cabana, ninguém o

esperava ali para rasgá-lo em pedaços. Ninguém para lhe fazer mal.

Ali só estava Leta e o prazer que lhe dava. Isto, isto era o céu.

E quando ela alcançou o orgasmo, ele se mordeu o lábio tão forte, que saboreou sangue. Um instante mais tarde, uniu-se a ela na liberação.

Com a respiração vacilante, derrubou-se em cima dele. Sua doce respiração lhe fez cócegas no peito enquanto observava as sombras movendo-se no céu raso. Não podia recordar a última vez em que tinha estado tão relaxado. Que tinha estado em paz desta forma.

Sim, estava definitivamente louco. Todo este dia, incluindo sua aparição, tinha que ser alguma classe de alucinação. Devia haver-se cansado e golpeado a cabeça. Com força.

Mas honestamente, se este era um sonho, então não queria despertar dele.

Leta se incorporou sobre os cotovelos para baixar os olhos para ele quem a observava com olhos meio fechados. Endireitou a cabeça com curiosidade.

—O que está pensando?

Ele sorriu ante a pergunta muito humana enquanto enrolava seu sedoso cabelo com a mão.

—Penso no bem em que se sente em meus braços.

O sorriso dela fez que o coração se elevasse e sacudisse sua virilha.

—Só estive contigo e com meu marido. Tinha-me esquecido de o incrível isto podia ser.—Seus olhos se nublaram—.A diferença de ti, eu não gosto de estar sozinha.

A pena e a dor se acumularam na garganta para estrangulá-lo, e lhe confiou algo que ele não tinha crédulo a ninguém— nem sequer a se mesmo.

—Nem a mim. Estar sozinho é um saco.

Ela fechou os olhos antes de cobrir sua mão com a dela e

inclinar o rosto para lhe beijar a palma da mão.

Esse singelo gesto o destróçou.

—Se me trair, então Leta...Mate-me. Tenha piedade e não me deixe viver na sombra por sua crueldade. Não posso agüentar outro golpe como isso. Não sou tão forte.

Um tic começou na sua mandíbula dela enquanto soltava sua mão e lhe dedicava um olhar duro.

—Não vim até aqui para te trair, Aidan. Vim aqui para lutar por ti, não em o contrário.

Com a vista nublada desprezou as lágrimas que sentiu fluir. Não tinha chorado em muito tempo... Queria recuperar sua cólera. A cólera não doía. Não o fazia sentir inútil ou impotente. Não podia analisar ainda o suficiente para identificar alguns desses confusos sentimentos. Deixavam-no vulneráveis e a debilidade era algo que ele tinha aprendido a desprezar muito em breve em sua amargurada vida.

Serei o último em me manter de pé.

Com um lema próprio que era viver sempre sua própria vida. Havia lhe trazido consigo incontáveis ataques de outros atores. Brutais e incontáveis críticas que tinham assaltado absolutamente tudo desde seu guarda-roupa, por seu aspecto, por seu passado, até suas habilidades como ator. Os jornalistas e os executivos do estúdio que se riram dele e de suas aspirações.

Não lhes deixaria ganhar.

Seria o último a manter-se de pé.

Leta franziu o cenho enquanto sentia a confusão dele dentro de seu próprio corpo. Estava sobre um precipício. Assustado. Furioso. Forte e ao mesmo tempo débil.

—Juntos veremos isto acabar, Aidan. Prometo-o.

Ele piscou como se suas palavras tivessem dado um empurrão a algo solto em sua memória.

—Alabaster.

Ela o olhou com cenho pela inesperada resposta.

—Alabaster? Caramba? Aqui não há alabastro.

—Não. — disse rapidamente— Era um filme que fiz faz um par de anos. Um com o que ganhei um Oscar.—Um lento sorriso se estendeu por seu rosto—Era um filme que tratava sobre a esposa de um homem que estava sendo objeto por um implacável assassino em série.

Isso não era pensamento agradável para depois do sexo que tinham tido.

—Nossa...

Olhou-a.

—Não o vê? Isso é o que é Dolor... é um sociopata assassino em série. E no filme não esperamos que o assassino venha por nós de imprevisto. Somos nós os que tomamos o assunto em nossas mãos. Escolhemos o campo de batalha e escolhemos o momento e o lugar aonde lutar. Fomos a por ele.

Era um movimento valente.

—Nunca antes conduzi Dolor para uma briga.

Ele assentiu

—Exatamente. Assombrará-lhe.

Leta se congelou enquanto recordava algo que Lyssa lhes havia dito.

—Para que a dor retorne a seu lugar... deverá enfrentá-lo à cara.—Possivelmente isso era o que queria dizer Lyssa—É brilhante!

—Não eu. Escreveu-o Allister Davis. Só estou tomando uma página de seu roteiro. Disse que Dolor precisava vir a este reino, mas o que ocorre se em lugar disso opomos a ele no teu?

—O que quer dizer?

—No reino mortal, ele é imortal, correto?

Ela assentiu.

—Também é imortal em sonhos.

—Sim, mas como disse antes, nos sonhos, podemos criar armas com as que opor a ele, correto? Teríamos uma espada se a necessitarmos ou melhor ainda a pistola legendaria de Hollywood que nunca precisa voltar a recarregar-se.

—Certo. Mas é mais forte em sonhos que estando aqui. Teve bastante mais experiência manipulando esse reino que você. Se o matas sem conhecer sua debilidade, então se regenerará. Se ele te matar ali, então está morto aqui.

Apartou-lhe o cabelo da cara antes de sorrir, logo a beijou.

—Não disse que era um plano perfeito, mas é a melhor opção que temos. Além disso, tenho uma idéia realmente boa...

—E essa é?

Respondeu-lhe com um beijo abrasador.

—Surpresa, dama dos sonhos. Estamos a ponto de tomar vantagem para a equipe local.

CAPÍTULO 6

Leta ficou de pé no topo do precipício da alta montanha da Ilha Desvanecida. Sustentava um frasco de soro do sonho que tinha pedido emprestado a seu tio Winkel Sandman.

Com isto, ela e Aidan poderiam encerrar-se no reino dos sonhos e Dolor não seria capaz de jogá-los dele. O que Aidan planejava era tão arriscado...

Não deveria lhe preocupar. Nem sequer deveria ser capaz de preocupar-se, mas quando ficou ali olhando como as ondas do oceano rompiam contra as rochas se deu conta de que o fazia. A dor de Aidan fazia mais que incendiar suas emoções e poderes, tocava seu coração.

Tinha passado tanto tempo da última vez que experimentasse a ternura. Não queria perdê-lo outra vez. Não queria perder ao Aidan. Ele não era só uma tarefa para ela.

Era muito mais.

Como podia sê-lo, nem sequer podia começar a entendê-lo. Só tinham se conhecido nos sonhos dele e durante um dia humano. Ainda assim o conhecia a um nível que desafiava a lógica. Sua alma o sentia.

E não queria deixar ir, ou pior, ver morrer da maneira em que o tinha feito sua família. Não poderia passar por isso outra vez.

Inclinando a cabeça para trás, permitiu que a salgada brisa apaziguasse a agitação em seu interior. O peso do frasco caía em sua mão igual a uma enorme peça de ferro. Não queria cometer um engano. Apanhar ao Aidan no mundo dos sonhos possivelmente o mataria.

Certamente ele era sua melhor oportunidade para vencer a Dolor. Mas não estava tão segura. Dolor podia ser ardiloso e, mais que nada, era mortal. Aidan tinha valor, não havia dúvida disso. Infelizmente o valor nem sempre ganhava a briga.

— Dê-me forças.—sussurrou ela a gentil brisa que dançava a seu redor. Na parte de atrás de sua mente, viu a matança de sua família. Nada poderia enfraquecer essa dor. Nada.

Mas ao menos essa dor lhe mostrava que estava viva. Não estava completamente vazia e desprovida de emoções.

Fechando os olhos, tentou canalizar à raiva. Aidan tinha razão. Esta era a única maneira de lidar com esta situação. E ainda assim ante o mero pensamento do Aidan, sua raiva se desvanecia e uma estranha sensação de paz a sobressaltava.

—Leta?

Ela se voltou ante o som da voz de M´Adoc detrás dela. Estava vestido com uma frouxa camiseta e calças brancas. O cabelo negro lhe frisava ao redor da cara enquanto se aproximava lentamente a ela.

—O que está fazendo aqui?—perguntou-lhe ela.

—Ouvi que pediu ao Wink o soro.

Ela assentiu.

Havia um profundo entendimento em seus olhos azuis quando seu olhar manteve cativo o dela.

— É um valente movimento para fazer sair a Dolor. Altamente arriscado.

Ela não queria que soubesse de sua incerteza. Como um dos líderes dos deuses dos sonhos, tinha a honra de lhe falar com o Zeus de alguns Dream-Hunter que possivelmente tivessem recuperado suas emoções. Isso era algo que ela não podia permitir.

—A vitória nunca vai ao covarde.

Ele inclinou a cabeça respeitosamente ante ela como se estivesse de acordo com isso.

—De passagem, deveria te advertir que não está sentindo as emoções do Aidan.

Um calafrio de estranha apreensão desceu por sua coluna.

—O que quer dizer?

Ele se inclinou para lhe falar brandamente ao ouvido.

—A maldição do Zeus está despertando. Cada ano retornam mais e mais de nossas emoções.

Leta empalideceu ante sua revelação e as ramificações disso.

—Ele sabe?

M´Adoc negou com a cabeça.

—E nós não podemos deixar que saiba. Cairia sobre nós como a chuva com cada trovão que tem.

A agonia se verteu através dela quando recordou a última vez que Zeus tinha ido atrás deles. Sua visão ainda estava manchada de sangue vertido esse dia e por aqueles que seguiram quando Zeus ordenou que fossem golpeados e despojados de suas emoções.

Tinha sido uma dura época para todos.

—Pensei que parte de seu trabalho era reportá-lo.

Seu olhar era duro. Fria e determinada.

—Não traio a minha família.

Seu coração se iluminou ante suas palavras. Ela sabia melhor que ninguém o que significava isso. Tinha-lhe provado já essas palavras.

—Posso confiar no que sinto?

Ele afirmou com o mais sutil assentimento de cabeça.

—Mas recorda, não o mostre. Mais vidas que as nossas próprias estão sobre a linha neste assunto. Eu sou um dos três escolhidos para reportar a tudo o que comece a sentir e se Zeus descobrir que lhe falhei nisto não terá piedade de mim.

Como se ela fosse tão fria, lástima que outros não fossem tão confiáveis.

—Não tema, irmão. Nunca te trairei.

— Eu sei. É pelo que vim a falar contigo. Quero que saiba que tudo o que sente é teu. Não quero que te meta em problemas por isso.

—Obrigada.

Inclinou a cabeça ante ela antes de voltar-se e desvanecer-se.

Leta ficou ali, girando o pequeno frasco de soro púrpura entre sua palmas. Assim que o que tinha estado compartilhando com o Aidan não tinha sido uma farsa. Não tinha extraído suas emoções.

Eram sua determinação. Sua compaixão.

Seu coração.

Agradecida por este fato, sorriu. Beijando a garrafa em sua mão, cintilou de retorno à cabana onde Aidan sentado ante o fogo que devia ter aceso no lar depois de que ela partisse.

Havia algo estranho nele. Estava sombrio, mas havia algo debaixo que não tinha estado ali antes.

—Está bem?

Ele assentiu sem olhá-la.

—Amanhã é Véspera de Natal.

—Sei.— Ela olhou ao redor da habitação que não tinha nada para

marcar a chegada da celebração humana que tinha visto no Hall dos Espelhos.

—Deveríamos te conseguir uma árvore?

Ele bufou como se o simples pensamento o ofendesse.

—Quando era menino, minha mãe estava acostumada nos fazer ver esses filmes de 1950. Um Canção de Natal, e depois que morreu, meu tio punha cada ano ao Bill Murray no "Scrooged" enquanto decorávamos a árvore—. Conhece a história?

Ela negou com a cabeça quando se sentou a seu lado.

Ele se voltou para poder ficar olhando o crepitante fogo.

—Basicamente a história é sobre um avaro chamado Scrooge. Ao princípio, era duro e inflexível. Odiava o natal e se negava a celebrá-la.

—Scrooge se tomou a tarefa de ser completamente egoísta e em resposta dizia, 'Bah, Idiotices!' Então durante a noite, Scrooge era visitado por três fantasmas, dos Natais passados, o dos presentes, e o dos natais futuros e lhe mostraram os enganos de sua conduta. Pela manhã, se acorda refrescado e seguro de sua nova e reafirmada vida de boa vontade. Atira-lhe moedas aos órfãos da rua e lhes dá presentes e comida à família de seu empregado, Bob Cratchit—. Dedicou-lhe um duro, gelado, olhar.—Mas sabe, inclusive quando menino havia algo nesses filmes que sempre me chateava.

—E o que era?

— Por que Scrooge era Scrooge. Nunca explicaram realmente para minha satisfação que o tinha feito tão miserável. Mas a pequena torrada historia natalina permaneceu comigo, e toda minha vida quis ser o homem no que Scrooge se havia convertido, sempre dando a aqueles que o necessitavam. Sabia que, no transcurso de um ano, doe um milhão de dólares anonimamente à caridade? Minha mãe me ensinou que ninguém devia anunciar suas boas obras. Faz por que te importa e nunca devia aceitar nenhuma classe de benefício desses atos.

Menosprezavam-nos.

Leta sorriu ante isso. Havia muito de verdade na declaração de sua mãe.

—Posso enestender seus sentimentos.

Ele assentiu.

—Eu também estou de acordo. Mas algo do que me dei conta com meu irmão é que não se pode atirar as pérolas aos porcos. Acredito que por isso minha mãe insistiu em que desse anonimamente. Logo em que alguém vê que é amável e dá, imediatamente tiram vantagem disso. Parecem confundir bondade com debilidade e dar com estupidez.

—Como acredita?

Ele suspirou.

—Meu irmão enviou a meu sobrinho para um trabalho quando Roland estava ainda no instituto. Donnie me disse que não podia lhe proporcionar o ensino no colégio privado do Roland e me perguntou se Roland podia trabalhar para mim a tempo parcial enquanto ia ao colégio. Igual a um tolo, estive de acordo, e inclusive embora não tinha feito muito dinheiro naquela época, comecei a lhe pagar as aulas. Seis anos depois, Donnie veio a me dizer que ia se divorciar e que sua esposa lhe estava tirando tudo. Tinha perdido sua casa, seu carro, tudo. Disse-me que não queria uma esmola, mas queria saber se tinha algum trabalho que pudesse fazer.

—Assim que lhe deu emprego.

Seu rosto abandonou toda emoção à exceção da dura linha de seus lábios. Inclusive assim, ela podia sentir a amargura ardendo dentro de seu coração.

-Sim. Paguei-lhe bastante por ser meu manager. Deus sabe, não queria a meu próprio irmão na rua. E durante aproximadamente um ano, tudo foi fantástico.

—Até?

—Comecei a me dar conta que o dinheiro estava desaparecendo. Misteriosos cargos que não tinham explicação. Pior, nenhum deles fazia seu trabalho. Sempre tinham alguma desculpa de por que estavam a ponto de conseguir o que eu necessitava que fizessem ou por que não parecia ainda. Uma e outra vez, entrava no escritório para encontrar ao Roland dormido em minha poltrona, ao menos nos dias que realmente aparecia para o trabalho. Era incrível. Disse-lhes que se não se endireitavam, ia despedi-los.

—E que disseram?

Curvou o lábio antes de burlar-se em um tom seco.

—Não pode me despedir. Se o fizer, arruinarei-te. Conheço todos seus fãs, todos seus amigos, e todos seus sócios. Sou intocável, hah, hah.

Aidan amaldiçoou quando falou novamente em um tom normal.

—Ao princípio pensei que como pouco era uma piada e como muito uma vaga ameaça, até que olhei a meu redor e me dei conta que realmente se congradaram com todo mundo em minha vida. Metodicamente. Um por um. Perseguiram-nos a todos. Aqueles que lhes ofereciam sua amizade caíam de acordo com sua viciosa loucura, cortavam e chutavam até o limite. Então em uma amostra de poder justo antes de Natal, voltaram seis solidamente contra mim, cortando a um deles jogando-o completamente de minha vida, e então foi quando se voltaram realmente descarados.

-Como assim?

- Dê-me cinco milhões de dólares ou lhe tiraremos tudo o que tem. Para quando formos a por ti, cada fã e amigo que tiveste te odiarão e nunca pagassem outra vez um centavo para ver outro filme teu. Estarás arruinado.

Ele deixou escapar um ligeiro e zangado suspiro.

—Esse foi o presente de natal de meu irmão. Depois de que eu lhe tivesse comprado a ele e a seu filho um carro para cada um, uma

casa para cada um, paguei-lhes mais do que seu hábil nível lhes permitia. Ainda não era suficiente para eles. Tinham que ter mais porque eu o tinha e eles não. É obvio eu era o único que trabalhava vinte horas ao dia durante meses sem a data definitiva, atendendo funções publicitárias, entrevistas, e me gastando a bunda lendo e aprendendo roteiros quando estava em casa enquanto eles tresnoitavam, jogavam a jogos on-line, e depois dormiam até o meio-dia ou mais tarde. Gastando dinheiro em mulheres, bebidas e caros joguetes. Deus. Não posso imaginar por que tinham tão pouco, huh? Como minha mãe estava acostumada dizer sobre o Donnie, um dia de trabalho duro o mataria.

Ela se inclinou contra seu braço, querendo confortá-lo.

—Sinto-o muito, Aidan.

—Não o faça. Deveria havê-lo sabido. Scrooge tinha razão. Não pode deixar que as pessoas saibam nada de ti. Não pode te dar livremente a eles, por que nunca têm o bastante. Sempre querem mais do que qualquer humano pode lhes dar. Se lhes deixar, sugarão-lhe a alma diretamente do corpo. A verdadeira regra de ouro é se lhes dá uma polegada, tomarão uma milha.—ele sacudiu amargamente—. Houve um filme o ano passado em que estive chamada 300. Era a respeito da antiga batalha das Termópilas...

Ela franziu o cenho quando mencionou uma referência que ela compreendia completamente.

—Onde o Rei Leônidas e sua banda de trezentos guerreiros detiveram a armada Persa?

Ele parecia surpreso por sua pergunta.

—Conhece a história?

Ela sorriu repreendendo-o.

—Sou um deus Grego, Aidan. É obvio que conheço a história.

Havia uma luz em seus olhos que dizia que ainda lhe custava aceitar quem e que era ela.

—Sim... de todos os modos, chamou-me a atenção a história da batalha, e ao contrário de você, não sou o bastante afortunado por ser uma testemunha ocular daquilo. Quando a vi, descobri que foram traídos por um próprio soldado espartano.

—Ephialtes.

Aidan assentiu.

—Ele queria dinheiro, assim por isso, vendeu a seus próprios compatriotas e soldados e falou com os Persas sobre o pequeno passo de cabras que permitiria matar a todos os homens do Leônidas. Homens que tinham protegido suas costas em batalha. Homens com famílias que alimentar. Homens que lutavam para proteger sua própria pátria e família e filhos que eles tinham deixado atrás igual a eles. Uma família que sofreria sob a ocupação persa. Mas nada disso lhe importava ao ambicioso e egoísta bastardo. Tudo o que queria era mais e ao resto do mundo que o amaldiçoaram. Horrorizei-me quando me inteirei disso. Não podia entendê-lo então e ainda não posso entender como alguém poderia fazer tal coisa.

Infelizmente, ela o entendia. Tinha visto as pessoas fazer isso uma e outra vez ao longo da história.

—Simples. Sempre há algum lamentável humano que quer o que outras pessoas têm e não querem ter que trabalhar para ganhá-lo.

—Exatamente, e a parte que me mata é o longe que estão dispostos a chegar e como se sentem tão justificados em seu roubo. Se tivesse aplicado a metade do esforço em ganhar o dinheiro que gastam tentando roubá-lo, seriam mais ricos que eu.

Leta não podia estar mais de acordo. As pessoas assim sempre a zangaram.

— A familiaridade cria o desprezo. Por mantê-los perto, dão-se conta que só é tão humano como eles. Aí é quando se assentir a loucura. Não podem entender por que você tem mais que eles quando é um simples humano ao igual a eles. Então lhe odeiam por isso.

—Sim, Mas por quê?

Leta suspirou.

—Realmente não sei. Os humanos são capazes de tanta criatividade e bondade ao mesmo tempo em que são destrutivos e cruéis. É como se os de sua classe necessitassem da adversidade para conseguir algo.

—Não, não o somos. Isso é só uma mentira que as pessoas dizem a si mesmas para sentirem-se melhor a respeito de toda as pessoas que lhes golpeia nos dentes quando é quase tão fácil ajudar a um homem a levantar-se como chutá-lo para o chão. Isso é pelo que me retirei deste mundo. Não quero ter que olhar minhas costas todo o tempo e estou cansado de tentar imaginar se a lealdade que alguém professa é real e verdadeira, ou só outra mentira que se desmoronará no instante no que provem o ciúmes.

—Eu sou incapaz de sentir ciúmes.

—É?

Agarrou-lhe o queixo e lhe obrigou a encontrar seu olhar.

—Sério, Aidan. Em meu mundo, o ciúmes é um homem, *Phthonos. Está no tribunal de *Afrodite e nunca jogou raízes em meu coração.

Ele a puxou para lhe dar um beijo tão condenadamente doce que literalmente fez que lhe curvassem os dedos. Esse beijo era o mais incrível que tinha conhecido e seu conhecimento não podia fazer, mas sim se doesse.

Como se ele sentisse seu temor, Aidan ficou rígido um instante antes de apartar-se dela.

—Acaba de ocorrer-se me algo. O que passará contigo quando isto termine?

Leta apartou o olhar, incapaz de responder essa pergunta. A dor era insuportável.

Aidan amaldiçoou antes que respondesse por ela.

- Irá, não é verdade? Quero dizer, você é realmente uma deusa. Não posso exatamente te reter, verdade?

—Queria-o?

Ele se levantou de repente do sofá de modo que pudesse andar de um lado a outro diante dela. Todo seu corpo estava tenso enquanto se movia, e mostrava cada definido músculo nesse magro e duro corpo. Ela podia sentir sua confusão.

—Não sei, Leta. Realmente não sei. Mas você é a única pessoa que não quis jogar daqui a realmente muito tempo.

Sorriu-lhe.

—Bom, não foi porque não o tentasse.

—Sim, mas te traga de volta.

—Certo... —ela ficou séria quando considerou o que tinham ante eles.— Eu tampouco sei. Pessoalmente acredito que deveríamos nos centrar em sobreviver nos próximos dias e depois veremos onde estamos... se ainda estamos inteiros.

Ele se deteve antes de passar sua mão através de seu cabelo loiro.

—Que não me está dizendo a respeito da o que nos enfrentamos?

Ela atirou o pequeno travesseiro de desço de seu braço a seu regaço.

—Nossa única opção com Dolor possivelmente seja voltar a lhe pôr a dormir outra vez.

—E?

—A última vez que o fiz minhas feridas foram tão graves que tive que me pôr em coma para me curar. Isso foi faz quase duzentos anos.

Nenhuma parte dele se moveu à exceção de seu olhar, a qual caiu ao chão frente a ela.

—Já vejo.

Seu coração se fez migalhas ante o completo significado dessas duas simples palavras.

—Não, Aidan. Não o olhe assim.-Vê-lo doído lhe machucava —
.Necessito sua raiva. Sua fúria alimenta meus poderes e me faz forte. Quanto mais forte eu seja, menos será ele capaz de nos ferir a mim ou a ti.

Ele sorriu ante a ironia.

—Nenhuma mulher me tinha pedido antes cólera.

Ela deixou o travesseiro a um lado antes de levantar-se e cruzar a curta distância entre eles.

—Não sou a típica mulher.

—Em mais de um sentido.- lhe levantou a mão que continha o frasco.—Assim, o que necessitamos?

—Necessitamos uma cama.

Ele arqueou uma sobrancelha ante isso.

—Seriamente?

Ela riu.

—Para isso. Já sabe por quê. Precisamos estar cómodos porque um chute disto nos porá fora de combate toda uma noite... ou mais.

Ele fez uma cara amuada.

—Você tira toda a diversão do assunto.

Suas palavras a confundiram.

—Lutar é divertido?

—OH, sim. A adrenalina se situa aqui mesmo por cima do sexo.

Uh-huh...

—Isso é uma coisa de homens, não?

—Eu diria que sim, mas conheci a muitas mulheres que dizem que isto não é único a meu gênero. Encontrei a muitos maratonistas fortes subidos a saltos altos.

Ela pôs os olhos em branco. Dando a volta, estendeu-lhe a mão.

—Vamos, soldado. Alimentemos sua necessidade.

Ele deslizou seu olhar avidamente por seu corpo.

—Qual?

—Salvemos sua vida, depois nos preocuparemos com seu corpo.

Ele deixou escapar um som de desgosto.

—Há alguns prazeres pelos que se pode morrer.

—Sim. Mas eu não quero ser um deles.

Ele ainda estava fazendo bicos quando puxou ele para o dormitório. Leta o fez deitar-se primeiro de modo que pudesse depositar três gotas de soro sobre sua língua.

Aidan pos má cara.

—Ack, é amargo.

—Sei.

Ela observou como começava a piscar, tentando permanecer acordado.

—Não lute. Verei-te no outro lado.

Seus olhos verdes encontraram os seus.

—Mais te vale. Confio em que esteja ali, Leta. Necessito-te ali.— e com isso, ele dormiu.

Leta se tomou um momento para passar seu olhar sobre ele. Realmente era formoso. Não querendo nada mais que lhe salvar, ela se estendeu a seu lado e descansou a cabeça sobre seu ombro antes de beber o soro.

Não sabia que os esperava no reino dos sonhos, mas seria duro e frio.

Ainda assim, encarariam-no juntos.

—Não te trairei, Aidan.— Ainda assim enquanto dizia essas palavras, não estava segura de se poderia manter essa promessa. A única coisa que tinha aprendido ao longo de sua vida era que as boas intenções eram freqüentemente as mais letais.

Tudo o que esperava era que Aidan não fora seu próximo arrependimento.

CAPÍTULO 7

Aidan estava no centro de um cegador vendaval. O vento se estrelava contra ele, uivando em suas orelhas. A seu redor tudo era escuridão tão amarga que impregnava cada parte dele. Não sabia aonde ir. Cada movimento estava acompanhado por ventos tão brutais que tudo o que faziam era lhe sufocar. Não se atreveu a dar um passo por medo de que piorasse.

O pânico se assentou enquanto lutava por manter-se firme e em pé. Não se havia sentido assim desde o dia em que seu irmão se virou contra ele e tirou todas as pessoas nas que tinha acreditado e o deixaram sozinho. A fúria lhe nublou a vista, mas não lhe serviu de nada. A cólera não era nada em comparação com o sentimento de perda que afligia todo seu ser.

E ainda o vendo lhe açoitava.

Salve-me... Por favor... A chamada dentro de seu cansado coração era débil, como a de um menino pequeno, e odiava essa parte de si mesmo que se sentia tão perdida e abandonada.

Salve-se.

A raiva tentava sair de novo à superfície. Isso era o que ele conhecia. Era quem e que era. Mas já estava cansado de estar sozinho. Cansado de brigar por sua própria conta.

Como podia continuar sozinho?

—Aidan?

Seu coração se encolheu ante a suave chamada da voz da Leta que se filtrava nele de alguma forma lhe fazendo retornar da loucura. Então o sentiu... esse tenro toque que lhe cortava profundamente na alma. Isto o pôs em pé e o arrancou do bordo do pânico.

Atuando por instinto, atirou dela contra ele e a manteve apertada. Deixou que sua essência ficasse nele inclusive mais. Isto era o que necessitava, alguém para equilibrar a loucura. Alguém em quem ele pudesse confiar inclusive durante o mais brutal dos ataques. Alguém que não escaparia por medo, ira ou ciúmes.

E ali estava ela, de pé a seu lado sem sobressaltar-se ou lhe acrescentar dor a aquilo. Esse conhecimento lhe chamuscou.

Leta fechou os olhos, assombrando-se pela maneira em que Aidan se aferrava a ela, como se fosse sagrada para ele. Mais que isso, realmente tremia em seus braços. Era uma vulnerabilidade que estava segura que teria defendido de qualquer outro. Era a única a que ainda tinha confiança para exteriorizar esta parte de si mesmo e a encheu de uma incrível alegria.

—Não dúvida de mim, não é assim? —Brincou ela.

Seu agarre sobre ela se esticou.

—Todo mundo desertou, por que não o faria você?

Ela ouviu a rasgada e crua emoção em sua voz e isso lhe trouxe lágrimas aos olhos.

—Sempre estarei aqui.

—Sim, claro.

Ela retrocedeu para cavar seu rosto com as mãos.

— Olhe para mim, Aidan. Não duvide nunca de minha sinceridade. Não faço promessas que não possa manter.

E ali na escassa luz viu a coisa mais incrível de todas, o raio de confiança em seus olhos verdes um instante antes que lhe desse um beijo tão poderoso, que lhe roubou a respiração.

Exaltada por isso, estalou os dedos e os separou da tormenta para um tranqüilo prado. Entretanto, sentiu sua incerteza enquanto ele olhava ao redor como se esperasse que voltasse a tormenta. Necessitava uma distração. Um inimigo a quem pudesse enfocar sua atenção para tirar-se da mente o fato de que se expôs a si mesmo a

ela e lhe permitiu ver uma parte dele que preferia manter em segredo.

—Convocamos a Dolor?

Ele negou com a cabeça.

—Aqui não. É muito aberto. Em uma luta justa, possivelmente nos tenha.

Odiava admiti-lo, mas estava agradecida de que entendesse o perigo ao que se enfrentavam.

—Então, o que sugere?

O mundo trocou até que estiveram outra vez na horta da Lyssa. Leta franziu o cenho quando olhou ao redor, tudo era completamente diferente do que tinha sido anteriormente. Agora as cores estavam mudas e a zona de arbustos parecia ser feitos de água. Mas ainda retorcidos e convertidos em afiados ângulos que não tinham lógicas.

—O que está fazendo?

Seu sorriso a deslumbrou enquanto se afastava andando e lhe soltava a mão.

—Enervando a meu adversário.

Ela dirigiu um olhar desconfiado para um arbusto que tinha forma de uma baleia e mudou para tubarão, que tratou de mordê-la quando passou a seu lado.

—E nós? Não nos fará o mesmo?

Aidan se encolheu de ombros.

—Não sei você, mas estive vivendo com a loucura há anos. Encontro este tipo de lugar confortável.

—Isso não é o que há dito antes.

—Antes não planejava lutar aqui. Se formos fazer algo tão estúpido como chamar o deus Dolor para lutar com ele a morte então, que melhor lugar que este?

Ele fez que tivesse um estranho ponto com essa lógica.

—Está seguro que quer fazer isto? -perguntou ela.

—É um pouco tarde para duvidar de nós mesmos, não é assim?

Possivelmente, mas ainda tinha o mau pressentimento de que se tratava de um engano. Se o era, então tinha a intenção de assegurar-se de que Aidan estivesse defendido. E no fundo de sua mente, sabia que esta era a melhor oportunidade que tinham. Neste ambiente, tinham algum controle.

—Bem então. -Ela aspirou profundamente antes que dar um gritou—. Dolor!

O deus cintilou ante eles e esta vez não estava sozinho.

Aidan sentiu que começava a lhe pulsar a mandíbula enquanto contemplava aos dois deuses.

Dolor era uns bons seis centímetros mais alto que ele, calvo e com intrincadas tatuagens que lhe cobriam toda a cara e corpo. Enquanto ele era alto e ágil, o homem a sua esquerda era pequeno e musculoso com mãos que facilmente fariam dois dos punhos do Aidan.

Aidan olhou a Leta para confirmar a identidade do outro deus.

—Timor?

Ela assentiu sombria.

Encantador saber que sua acostumada sorte se mantinha. Agora desejava haver ficado em casa. Não obstante, não ia tombar se no chão nesta briga e deixar que o pisoteassem. Tinha nascido dois meses prematuramente e sua mãe sempre lhe havia dito que mesmo que era um bebê tinha havido mais luta nele que em um ringue de boxeadores. Tinha entrado neste mundo como um lutador, e se ia deixar o, então o deixaria lutando.

Dolor arqueou uma sobrancelha enquanto um sorriso cruel retorcia seus lábios.

—Estou impressionado, Leta. Disse que te daria pressa me trazendo isso mas isto é rápido inclusive para ti. Fantástico trabalho.

Um calafrio desceu pela coluna vertebral do Aidan enquanto sua velha desconfiança ardia através dele.

—O que?

Timor sorriu burlonamente.

—Não sabia que estava trabalhando conosco para te trazer diretamente a nossas mãos?

—Mentiroso! —estalou Leta. Voltou-se para o Aidan com os olhos dilatados, cheios de medo—. Não os escute. Estão tratando de te fazer dano.

Mas era difícil não acreditar nisso quando as velhas cicatrizes e os medos se rasgavam com uma brutalidade que lhe deixavam sentindo-se nu diante deles. Todos outros lhe tinham traído... Sua própria carne e sangue o tinha arrojado aos cães e se rido enquanto o fazia. Não era um enorme salto de fé o que pensasse que ela também o lançaria aos cães.

—Aidan. —disse ela, tratando de chegar a ele—. Confia em mim. Por favor.

Queria fazê-lo, e quando sua mão lhe tocou a cara, sentiu como suas próprias emoções se vinham abaixo no mais profundo de seu ser. Medo. Cólera. Agonia. E ainda debaixo de todo isso havia uma luz tênue de algo que não tinha sentido em anos. Esperança. Queria acreditar desesperadamente nela.

Estava mentindo?

Fechando os olhos, cobriu sua mão com a dele e saboreou a suavidade desse toque. Mas, atreveria-se a acreditar nisso?

Faria-o?

Aspirando profundamente para dar-se coragem, preparou-se psicologicamente para um momento de brutal verdade.

—Sabem o que? -perguntou ele, abrindo os olhos para observar ao Timor e Dolor—. Quando disse a verdade ninguém quis me acreditar apesar de que não lhes dar nenhuma razão para que duvidassem de mim. Embora tivessem visto a verdade sobre mim uma e outra vez, quiseram acreditar no lixo e as mentiras sobre meu caráter. Assim é mais fácil acreditar nas mentiras por cima da honradez. Portanto,

muito mais fácil e seguro culpar a aquilo que amas.

Ele tomou sua mão da cara e a olhou a esses olhos que estavam bordejados de apreensão.

—Até que me dê uma razão para não fazê-lo, Leta, confio em ti.

—Beijou-lhe a mão antes de soltá-la a contra gosto.

As emoções da Leta a estrangularam enquanto se dava conta do que lhe tinha concedido. Mas não teve tempo de insistir nisso antes que Dolor desse um grito de fúria e se lançassem para o Aidan. Os dois se enredaram e caíram ao chão.

Ela logo que teve tempo de evitar o punção que Timor balançou ante ela. Retrocedendo, deu-lhe uma forte cotovelada nas costelas. O céu por cima deles se escureceu perigosamente, como se tratasse da resposta de sua luta. Leta golpeou com força ao Timor enquanto ele bloqueava e retornava golpe a golpe. Quando lhe conectou um golpe bem dado no queixo, ela saboreou o sangue. A cara lhe doía pelo sólido golpe, mas não podia deixar-se atordoar.

Grunhindo-lhe, tirou algo e bloqueou seu reverso. Ele retornou com uma espada que fez aparecer por arte de magia. Ela rodou pela erva que começava a serpentear como serpentes enquanto ele se equilibrava uma e outra vez. Uma das estocadas passou tão perto dela que sentiu lhe arranhar a pele. Ela o chutou, lhe dando outra vez nas costelas e lhe devolvendo o golpe.

Timor se cambaleou aos lados.

Aidan se tomou um segundo para revisar a Leta. Doía-lhe literalmente o não poder ajudá-la, mas ela parecia arrumar-lhe com o deus Timor.

Devido à distração do Aidan, Dolor conectou um sólido golpe em sua mandíbula. Antes que pudesse recuperar-se, a terra sob seus pés se transformou. Ele amaldiçoou enquanto as ervas se envolviam ao redor de seus pés como compridos e esqueléticos dedos, lhe agarrando firmemente e lhe mantendo no lugar. Aidan tratou de tirar-lhe de

cima, mas eram persistentes.

Dolor riu.

—Obrigado, Irmã Lyssa.

Aidan entrecerrou os olhos antes de esestender as mãos. Usando a imaginação, convocou magicamente uma solução pegajosa para que estalasse desde suas palmas. Enrolou-se ao redor de Dolor como uma corda. Ele atirou bruscamente com força do deus para frente para lhe dar uma cabaçada.

—Sim.—disse ele com uma sinistra risada—. Obrigado, Lyssa, por me recordar que estou em um sonho.

Dolor deixou escapar um bramido de fúria. Aidan riu outra vez antes de livrar-se das ervas. Correu para o lado da parede mais próxima e manifestou uma larga vara.

Quando Dolor tentou seguir, Aidan usou a vara para derrubar ao deus. Dolor lhe disparou uma carga. Aidan elevou o braço e usou a mente para bloqueá-la com um escudo invisível.

—Maldito se não sortir efeito. —então Aidan riu.

OH, sim, isto o fazia sentir-se melhor. Começava a pensar que depois de tudo pode que tivessem uma oportunidade. Se só pudesse encontrar um modo de matar à besta.

—Aidan!

Ele se voltou com a chamada da Leta para ver oito Dolor vindo para ele.

E além eles pareciam zangados.

O primeiro o agarrou pela cintura e o lançou ao chão, de costas. Antes que pudesse mover-se, o outro fez baixar um pesado martelo sobre sua cabeça. Conseguiu bloqueá-lo com o braço, mas juraria que sentiu como o osso se fazia pedaços.

Amaldiçoando, Aidan tentou clonar-se a si mesmo, mas não podia enfocar sua atenção o suficiente na meta para obtê-lo quando eles lhe golpeavam uma e outra vez e todo seu ser se doía pelos ataques. Isso

quanto a não poder sentir dor em um sonho, huh? Com o corpo pulsando, tentou manifestar um escudo, uma arma, algo.

Mas não podia.

Ele ouviu mais risadas.

De repente, Leta estava ali, tentando lhe separar de outros. Sentiu como o cobria com seu corpo enquanto os clones de Dolor seguiam lhe golpeando com os pesados maços.

A terra baixo eles tentava tragá-los.

—Estamos perdidos. —lhe sussurrou ela ao ouvido.

—E uma merda. —foi tudo o que pôde dizer.

O céu sobre eles se abriu deixando cair uma chuva tão forte que cortava contra seu corpo como lacerantes agulhas. Sim, não se via nada bem para a equipe local.

Ele começou a rodar com Leta, tentando mantê-la a um lado para que não a alcançasse mais danos de Dolor. Os golpes continuaram caindo sobre suas costas, até que temeu que a tivessem quebrado.

Ele só pensava em protegê-la, embalou-a baixo ele do mesmo modo que ela lutava por lhe defender.

— Fique quieta, Leta! —sussurrou-lhe ao ouvido.—Não te oponha para mim.

—Dolor vai matar te.

Estranhamente, isso não lhe importava. Não era como se tivesse algo pelo que viver de todas as maneiras.

Cansado pela briga e rendido pela solidão, colocou a cabeça contra seu ombro e esperou a morte. Mas quando o fez e captou a suave essência de sua pele feminina se deu conta de que tinha esquecido algo que deixava neste mundo que realmente lhe importava. Algo pelo que valia a pena lutar.

Leta.

Seu sangue alimentado pela briga, deixou escapar um grunhido feroz e fechou os olhos. Não o derrotariam.

O último homem em pé.

Com a mente, fez lascas os maços e laçou pelos ares aos deuses. ficou de pé e se voltou para enfrentar-se a um só Dolor cujos olhos estavam alargados.

—Aparta o traseiro. —Aidan lhe atirou um golpe na mandíbula que levantou o deus até dois pés do chão. Em câmara lenta, o deus se arqueou pelos ares antes de aterrissar sobre suas costas com um sólido golpe.

Timor se lançou contra ele. A roupa do Aidan o defendeu e o seguiu ao chão com o fim de poder dar murros ao Timor no peito. Dolor se aproximou pelas costas, mas antes que pudesse alcançá-lo, Leta chutou ao deus de volta. Ainda a chuva caía muita sobre eles enquanto relampejava intermitentemente. Os arbustos a seu redor começaram a sangrar.

Timor salpicou no barro que os cobriu antes de levantar-se de um salto e equilibrar-se com fúria contra Aidan e apanhando o de um ombro. Aidan ouviu o tecido da camisa rasgando-se. Saboreou o sangue do nariz um instante antes que ambos os deuses lhe atacassem.

—Ponha de nosso lado, Leta. —grunhiu Dolor— Devolveremos suas emoções.

Ela respondeu fulminando-o com uma rajada que extraiu de algo da dor do Aidan.

Aidan manifestou outra espada. Girando ao redor, levantou-a para baixá-la de repente sobre o Timor que apanhou a folha com a mão esquerda. Ele se moveu para chutar ao Aidan. Soltando a espada, Aidan caiu a um lado e manifestando outra espada para cortar profundamente no flanco ao Timor.

O deus caiu com um brilhante relâmpago de luz. Dolor lançou a Leta aos braços do Aidan um instante antes que o deus guiasse sua espada através dela.

Aidan gritou de dor enquanto via o sangue saindo a torrentes de

seu corpo.

—Bastardo!

Dolor riu enquanto se lançava contra Aidan.

Mas nunca chegou a fazê-lo.

Justo quando o tivesse alcançado, Dolor se desvaneceu. Aidan franziu o cenho enquanto olhava ao redor, esperando que o deus o atacasse desde outra área.

—Dolor?

Não houve resposta, à exceção da chuva torrencial que salpicava a erva ao redor deles.

Esquecendo do deus por um momento e enfocando sua atenção na mulher que sangrava em seus braços, Aidan baixou a Leta ao chão. Sentia-se doente ante a vista do sangue dela mesclando-se com o barro.

Como pôde ocorrer?

—Leta? —perguntou ele, sem incomodar-se em cobrir a nota de medo de sua voz.

—Shish,—disse ela, tocando seus lábios—.Sou imortal. Não morrerei por isso.

—Então, por que está sangrando?

Ela sorriu palidamente.

—Porque este é seu medo. Deixa-o ir, Aidan.

Era mais fácil dizê-lo que fazê-lo.

—Não sei como.

—Sim sabe. Recorda o tempo antes que seu irmão se voltasse contra você. Qual era seu medo então?

Que perdesse sua carreira e os estudos deixassem de chamá-lo. Que os fãs que pagavam por ver seus filmes se voltassem contra ele e já não aparecesse em bilheteria. Que estivesse sozinho no mundo sem ninguém em quem confiar.

—Tinha medo pela má publicidade. De que as pessoas me

odiassem.

—Agora?

Isso não o tinha ferido. Embora o mundo tinha ouvido as mentiras, tinha visto sua família ir a por sua garganta, os fãs se ficaram e tinham visto a verdade dele. Inclusive tinha ganhado o Prêmio da Academia desse ano e tinha conseguido o papel principal em um dos filmes mais bilheteiras. Um filme que lhe tinha posto em liberdade de retirar-se se o tivesse desejado. Profissionalmente, a ninguém tinha importado as mentiras que seu irmão tinha arrojado.

Com respeito a estar sozinho, tinha aprendido que não era tão mau. Tinha-lhe ensinado a ser auto-suficiente. Afastou-se das maquinações do Donnie e se feito inclusive mais forte do que nunca tinha sido antes.

Tornou-se valente, com uma força interior e claridade que não tinha rival.

Mas não era o mesmo com a Leta sangrando e ferida.

—Não quero te perder, Leta.

—Então não o tema. Confia em que estarei aqui contigo, sempre.

De novo, isso era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Mas tinha que pôr fé nela. Confiava nela apesar de que uma parte de si mesmo não queria ter fé em ninguém mais que em si mesmo.

Levantou-a contra dele e colocou a cabeça contra o oco de sua garganta.

—Confio em ti, Leta.

Ela levantou a mão para enterrá-la profundamente em seu cabelo enquanto o beijava. E com cada pulsado em seu interior, ele se sentiu cada vez mais forte.

Ele rompeu o beijo para encontrá-la sorrindo-lhe.

—Seus medos têm poder. É o que alimenta a Dolor e Timor. Não lhes dê um poder que não merecem.

Assentindo, jogou uma olhada ao redor.

—Falando do Timor, o que lhe aconteceu?

Ela negou com a cabeça.

—Não estou segura.

—Derrotamo-los?

—Eu gostaria de poder dizer que sim, mas não acredito.

Maldição...

—Não os venceu... ainda. —Levantaram o olhar para encontrarse ao Deimos de pé sobre eles com uma fria e sombria expressão.

—O que está fazendo aqui? —perguntou Leta.

Ele deixou escapar um cansado suspiro embora havia um indício de diversão nos olhos.

—Entremeter-se em algo que deveria deixar sozinho mas pensei em colocar a cabeça de todos os modos. Que diabos? Foder aos deuses é o que melhor me dá.

Leta franziu o cenho ante ele.

—E do que estamos falando exatamente?

—Resumindo, Dolor encontrou um sacrifício humano em outro lado. Ele está agora em forma humana. Seu altamente pouco entretido nascimento é a razão pela que deixou de existir aqui tão abruptamente. Está em caminho para matar o corpo do Aidan enquanto sua consciência está apanhada aqui.

Leta amaldiçoou ao inteirar-se de que Dolor tinha encontrado um doador de corpo. A maioria das pessoas tendia a jogar marcha atrás para evitar ser assassinada daí que um deus pudesse usar seus corpos para assassinar a seus inimigos. Aparentemente não eram tão afortunados esta vez.

—Quem era o sacrifício?

Ele sacudiu com força o queixo para o Aidan.

—Seu sobrinho. Donnie lhe deu ao menino para que o fantasma provesse um corpo para o uso de Dolor.

Aidan ficou frio de repente com as notícias.

—De maneira nenhuma!

—Se quiser que o deus Dolor faça sua oferta, tem que pagar um alto preço por isso. Sangue e Osso, meu amigo. Sangue e Osso.

Isso deixou cambaleando os sentidos do Aidan. Sabia que seu irmão lhe odiava, mas não tão... Seguro Por Deus, Donnie não podia ter matado a seu próprio filho para vingar-se dele.

Verdade?

Não, não era possível.

—Não pôde ter feito algo assim.

Mas pela luz nos olhos do Deimos, sabia a verdade que só queria negar.

—Fala sobre um homem que se dispôs a arrastar à ruína ao irmão excessivamente amoroso que deu a seu fodido traseiro um caminho fácil. Por que crê que isto está além dele?

Porque Aidan recordou quando ambos eram crianças. Recordava a risada que tinham compartilhado. Os tempos difíceis, tinham sido um frente único contra um mundo que estava fora para derrotá-los totalmente. Sem o Donnie, não teria superado a morte de seus pais. Não teria tido a confiança para sair e fazê-lo por sua conta.

Como era possível que esse menino que estava acostumado a rir com ele se converteu no tipo de monstro que podia matar a seu próprio filho?

—Não posso acreditá-lo. Só não posso. Como podem fazer isto os ciúmes? Como? Não podem envenenar a alguém até este extremo, verdade? Quero dizer, realmente...

Deimos o olhou compassivo, mas não havia alívio ou conforto nesse olhar fixo. Nenhuma pacífica compreensão para algo tão parecido a brutal realidade.

—Pode e o fazem. Acredite-me. Vi a muitos piores que este em mim mais ou menos trilhão de anos de existência, que o primeiro assassinato cometido pelo homem fosse o de um irmão contra o outro

por nenhuma outra razão mais que a mesquinha emoção. Os ciúmes recorrem ao ódio que logo começa a envenenar. Infecta-se e destrói até que se come a alguém vivo. Seu irmão estava tão zangado porque fez algo de sua vida, porque tinha fãs que faziam algo por ti. Ele não podia o ter; não podia entender por que tinha algo como isso enquanto que ele não. Sua única meta foi a de te afundar e voltar a te pôr de novo onde pertence... debaixo dele. Se não puder consegui-lo, então maldição se o fará você.

Ainda não tinha sentido para ele que Donnie sentisse algo como isso por ele.

—Mas nunca deixei que a fama ganhasse. Nunca troquei. Sempre recordei quem sou e de onde procedo.

—Sim, —disse Deimos—. E te lembra da velha canção do Joe Walsh, Been Life Good?

—O que acontece isso?

—Todo mundo é tão diferente, eu não mudei.

Aidan ficou em silêncio enquanto as palavras ecoavam em sua cabeça. Não tinha pensado nessa canção em anos, mas Deimos tinha razão. Ele seguia sendo o mesmo moço que preferia correr descalço no verão porque precisavam conservar os sapatos para ir à escola. Ainda dizia "por favor" e "obrigado" a todo mundo a seu redor, independentemente de quem fosse.

Mas Donnie... não era o homem que tinha sido uma vez. Ao minuto em que Aidan lhe tinha dado a provar o sabor da riqueza, tinha começado a tratar às pessoas como se estivessem por debaixo dele. Como se fora inclusive melhor embora não tinha sido o que a tinha ganhado.

E Donnie não era o único que tinha trocado. Tantas pessoas entrado e saído pela vida de Aidan. Esses que tinham tido pouca utilidade para ele quando tinha sido um ator morto de fome tratando de conseguir um descanso, converteu-se no colega de todos no

momento em que tinha começado a obter papéis de sua eleição. De repente era importante e as pessoas queriam ficar em contato com ele. Mas Aidan ainda se sentia como o jovem ator que tinha sido deixado fora de populares pubs noturnos porque não o apreciavam. O mesmo ator que outros tinham pontuado de insignificante.

E então ali tinha estado Heather...

Demônios, o velho Joe tinha sido um profeta com essa canção. O fazia perguntar-se quem havia fodido ao cantor com o fim de ter podido expressá-lo tão eloqüentemente.

Deimos deu um passo adiante.

—Temos que conseguir despertar aos dois. Dolor vai de caminho para sua casa para lhes amassar aos dois enquanto estão inconscientes.

Leta amaldiçoou.

—Estamos dormindo como patos.

Deimos assentiu.

—É um bom plano para acabar com ele.

Sim, era-o. Aidan olhou a Leta antes de lhe perguntar ao Deimos.

—Pode despertar?

—Não sei. Mas terá que tentá-lo. —O deus se desvaneceu.

Aidan se voltou para a Leta que lhe observava cuidadosamente. Tinha uma mancha vermelha na cara do golpe que lhe tinha dado um dos outros deuses. Estava despenteada e seus pálidos olhos cheios de admiração. Essa aparência o rasgou através e fez que se doesse.

Estendeu-lhe a mão.

Sua tenra carícia o deixou em chamas enquanto ela envolvia seus dedos ao redor dos dele. Seu pênis se endureceu instantaneamente, lhe fazendo desejar que tivessem um momento a sós. Não podia acreditar que se infiltrou em sua vida tão facilmente, mas estava contente de que o tivesse feito.

—Se acabar morto esta noite, só quero te agradecer.

Dedicou-lhe um olhar travesso.

—Por quê?

—Por chamar a minha porta e te colocar à força em minha vida.

Sorriu-lhe.

—Não há problema. Só sinto não ter feito um melhor trabalho te salvando.

Essas palavras eram uma sinfonia para seus ouvidos.

—Sabe, em uma forma estranha, acredito que o fez.

—O que quer dizer?

Puxou ela mais perto a fim de que pudesse sentir o calor de seu corpo contra sua pele. Isto lhe deixou os nervos de ponta e lhe recordando exatamente o que havia trazido ela a sua vida.

— Estive dormido durante muito tempo. Vivendo em um lugar vazio. Agora não me sinto tão vazio. Há algo mais.

—Algo mais?

Ele assentiu, envolvendo com seus braços ao redor dela.

—É você. —Ele tocou seu coração—. Despertou e sinto de novo. É realmente agradável, e se esta é a última oportunidade, então tenho que dizê-lo, só pensei que deveria sabê-lo.

O coração da Leta saltou pelas palavras que sabia eram difíceis de pronunciar para ele. Significavam-no tudo para ela. E se sentia da mesma forma.

— Depois que morreu meu marido, nunca pensei que seria capaz de me afeiçoar de outra pessoa. E então te encontrei. Não permitirei que eles lhe tenham, Aidan. Não o permitirei.

Beijou-lhe a mão antes de cavar seu rosto nas mãos e depositar o mais tenro dos beijos em seus lábios. Seus sentidos deram voltas. Se pudesse, ficaria aqui com ele. Não havia nada que quisesse mais que o ser humano e ficar a seu lado.

Se só pudesse.

—Leta? —Ela ouviu a voz do Deimos como um débil sussurro na cabeça.

Um minuto mais.

Mas não foi assim. Sentiu que algo atirava dela de volta, afastando-a do Aidan.

Não!

E ainda assim sentiu a si mesma deslizando-se, caindo por um escuro túnel. Até que voltou outra vez a despertar no plano humano. Tão atordoada que mal podia mover-se, piscou abrindo os olhos para encontrar-se ao Deimos olhando-a.

—Aidan?

Ele indicou a zona ao lado dela com um movimento de seu queixo.

—Não consigo despertá-lo.

—Onde está Dolor?

Como se fosse em resposta a sua pergunta, ouviu alguém próximo às escadas.

Com o coração palpitando, voltou-se para sacudir ao Aidan.

—Aidan! —sacudiu-o ela.

Ele não se moveu.

Deimos fez uma careta.

—Quanto lhe deste?

—Ao parecer mais do que deveria. Quis me assegurar de que nenhum se retiraria ao princípio do sonho. —Leta negou com a cabeça enquanto cravava os olhos no Aidan jazendo ali em perfeito repouso. Apesar da agitação e a luta no sonho, seus belos rasgos estavam tão tranquilos, e seu corpo ainda relaxado. Entretanto, o tempo para sonhar se acabou para eles. Agora tinham um inimigo ao que enfrentar neste reino—. Por favor, desperta. —sussurrou, mas sabia. Estava muito longe. Não despertaria. Ao menos não durante algum tempo.

Alguém golpeava contra a porta da cabana, tratando de rompê-la.

Passou a mão contra a bochecha a áspera de Aidan antes de levantar-se da cama.

—Temos que derrotá-los.

—Estou de seu lado.

Ela beijou impulsivamente ao Deimos na bochecha.

—Obrigada.

Ele assentiu antes de flutuar à sala de estar. Leta foi atrás dele, sabendo que eles eram o único que se interpunha entre o Aidan e a morte.

Ela olhou de novo o dormitório onde ele dormia antes de sussurrar uma solene promessa.

—Não te decepcionarei, Aidan. Juro-o.

Aidan se cambaleou pela surpresa quando ouviu a voz da Leta em seu estado de sono. Revooou pelo quarto, incapaz de despertar. Era como se ele estivesse apanhado entre o sonho e a realidade. Esse estranho reino inferior onde os sonhos se faziam realidade. Podia vê-la a ela e ao Deimos, viu dor e ao Donnie quando entraram através da porta e se disseminaram pela sala de estar.

—Tenho que despertar. —Mas não importava o que tentasse, não podia fazê-lo. Era a coisa mais lhe frustrar que podia imaginar.

Olhou a seu irmão, cujo cabelo loiro levava quase raspado. Donnie tinha ganhado músculo na prisão e os olhos verdes se viam enlouquecidos enquanto olhava ao redor. Aidan não estava seguro de como tinha tirado Dolor a seu irmão do cárcere, mas provavelmente não seria difícil para um deus fazer o que queria.

—Onde está ele? —grunhiu Donnie—. Aidan!

Leta se fortaleceu a si mesma no meio do quarto.

—Não o terá.

Donnie se voltou contra ela com um olhar de aço.

—Como o inferno, vadia. Ele é meu, e se não te move, então vou passar sobre ti para chegar a ele.

Ela fechou os olhos um instante antes que aparecesse uma vara em suas mãos.

—Então dancemos porque a única forma de que chegue a ele é através de mim.

Dolor, quem estava no corpo do Ronald, cravou os olhos em Deimos.

—Não deve estar nesta briga, Demon. Está seguro de que deseja estar por aqui?

—Não há lugar em que prefira estar.

Ronald/Dolor lançou uma descarga a seus pés. Deimos o esquivou antes de lhe devolver um próprio.

Leta chutou com uma tesourada ao Donnie e o atirou de costas por volta do quarto do Aidan.

Aidan observava a briga com ansiedade. Era inconcebível para ele que aqueles dois estivessem dispostos a ser golpeados para protegê-lo. Antes ninguém tinha feito algo assim por ele.

Donnie varreu Leta fazendo-a cair. Quando foi chutá-la, ela começou a escapulir-se e retorceu o corpo para lhe derrubar. Maldição, a mulher era melhor lutadora que Jackie Chan. Mas Donnie não era menos e obviamente o cárcere lhe tinha ensinado umas quantas coisas.

Deimos e Dolor estavam encetados em uma grande batalha enquanto se lançavam golpeando a parede, o chão e outra vez a parede. Estavam igualados, e vencer nessa briga não seria fácil.

E justo quando estava seguro de que Leta teria ao Donnie, Donnie a apanhou desde atrás com uma tensa corda.

O coração do Aidan se deteve enquanto observava a briga.

—Não posso me desvanecer —gritou em busca do Deimos.

Dolor riu.

—É um dos brinquedos do *Ártemis. Está apanhada.

—Não —Donnie riu em um tom sinistro—. Está morta

Aidan sentia sua raiva edificar-se a um nível incrível. Não havia forma no inferno em que fora a deixá-la morrer por sua culpa. Jogou a cabeça para trás e rugiu com a ferocidade de tudo o que sentia.

A adrenalina bombeando, ordenou-se a si mesmo despertar.

Donnie ainda apertava a corda.

—Leta! —gritou Aidan.

A cara lhe estava pondo azul enquanto lutava por respirar. Ele estendeu a mão para tocá-la, mas já era muito tarde.

Leta se desabou nos braços do Donnie.

CAPITULO 8

Aidan despertou com o sabor da amarga raiva na língua. Quando ouviu a luta fora do dormitório, sua ira cresceu a um nível estelar.

—Leta —grunhiu, atirando-se para a porta. Abriu-a com força para vê-la no chão aos pés do Donnie.

Sem deter-se, mergulhou-se para seu irmão, agarrando-o pelos ombros antes de cair ao chão. Seu olhar se voltou vermelho, Aidan lhe pegou com toda sua alma, uma e outra vez. Donnie tratou de tirar-lhe de cima, mas não o conseguia. Estava farto da merda de seu irmão.

—Odeio-te —gritou Donnie.

—O sentimento é mútuo —disse Aidan um instante antes de golpear a cabeça do Donnie contra o piso de piçarra tão duramente como pôde. O sangue estalou sobre o piso de madeira. O sangue de seu irmão deveria havê-lo apaziguado. Mas não.

E quando olhou aos olhos dilatados de seu irmão que eram exatamente iguais à sombra dos seus, Aidan quis chorar.

Como tinham chegado a isto? Como?

Esse momento de debilidade lhe custou enquanto Donnie lhe chutou. Seu irmão lhe agarrou pelos ombros e rodou até que Aidan estivesse sujeito no chão. Não havia compaixão nos olhos do Donnie enquanto choviam golpes sobre o Aidan.

—Como pode? —demandou Aidan furiosamente enquanto bloqueava a maior parte dos golpes.

—Porque te odeio, pedaço de merda. Conseguiu tudo o que deveria ter sido meu. Tudo! Olhada-las, o dinheiro, a amiga quente. Não é justo que você tenha tanto e para mim tão pouco.

Isso não era verdade. Donnie tinha sido mais bonito que Aidan quando tinham sido jovens. Onde Aidan tinha sido fraco e teve que trabalhar para ganhar tom muscular, Donnie sempre tinha sido naturalmente musculoso. Donnie tinha sido o único em casar-se e ter uma família. Tracy só lhe tinha abandonado porque a tinha enganado. Quanto ao dinheiro, Donnie poderia ter tido isso também, mas mais que começar um negócio se por acaso mesmo, tinha estado contente com o salário constante de um instalador de cabo. Bom dinheiro que tinha gastado em drogas, álcool e strippers, as quais tinham causado a ruptura de seu matrimônio.

—Está louco.

—Sim e você é um idiota. Tem alguma idéia do que é olhar a luxúria de sua esposa por seu irmão mais novo? Escutá-la cantar seus elogios por seu irmão e que não chega a sua altura?

Do que estava falando? Tracy nunca o tinha visto como nada mais que um irmão. A esposa do Donnie logo que tinha falado com ele o punhado de vezes que tinha estado a seu redor

—Você roubou a Heather.

—Não —disse Donnie amargamente—. A rameira ainda te queria depois de que enrolássemos. Tudo do que podia falar era a respeito de ti e o bonito foi. Quanto dinheiro tinha feito e todos os grandes lugares onde a tinha levado quando lhes saiam. Como não podia sair

sem ser assaltado pelas pessoas que te queria. Estava obcecada contigo ao igual a Tracy. É pelo que lhe ofereci sua alma a primeira Dolor.

Aidan estava tão aturdido pelas palavras que permitiu que Donnie lhe desse um murro sólido na mandíbula. Ele provou sangue antes de chutá-lo.

—O que?

Donnie se agarrou. Parou-se ante o Aidan com os lábios torcidos, apertando e afrouxando os punhos.

—Fodida puta reclamão. A única razão pela se veio comigo foi te ferir. Eu não lhe importava. Só queria que acreditasse que havia alguém aqui que não te encontrava irresistível. Ela pensava que iria te arrastando atrás dela, lhe rogando que voltasse contigo. Assim entrei no cárcere, cortei-lhe a garganta e usei seu sangue para despertar a Dolor.

Aidan amaldiçoou. Com o coração desolado, apressou-se para o Donnie e o agarrou com uma chave de cabeça. Olhou a Leta no chão que parecia estar respirando mais facilmente que antes. Queria comprová-lo, mas sabia que era melhor que não o tentasse. Donnie não lhe permitiria aproximar-se dela até que ele não estivesse a cargo.

Aidan apertou seu cabo no pescoço do Donnie.

—Como pôde matar ao Ronald? Era seu filho!

—Pode ter sido de meu sangue, -disse em tom abrasivo mas não era meu filho. Queria-te mais que a mim. Sempre o fez. Minha casa não era tão fanfarrona como a do tio Aidan. Meu dinheiro não era tão bom. Queria desculpar-se ante ti. Dizer-te o arrependido estava por tudo o que tínhamos feito. Disse que não tínhamos direito a te ferir, assim que disse a Dolor que o levasse e usasse seu corpo para chegar a ti.

Aidan se sentia doente com suas palavras. Como poderia ter sido seu irmão reduzido isto?

—Quero-te, Donnie. Faria tudo neste mundo por ti. —Seu punho se afrouxou enquanto tentava esticar-se através do ódio para encontrar ao irmão que uma vez tinha conhecido e querido.

—Então morre. —Donnie girou com uma patada que aterrissou duramente nas costelas do Aidan.

Aidan grunhiu enquanto recuperava o equilíbrio.

Donnie tirou uma faca de seu bolso e o voltava abrindo-o. Aidan lhe agarrou a mão antes que Donnie pudesse afundar-lhe. Abriu a mão do Donnie e enviou a faca voando antes de dar um reverso ao Donnie e chutá-lo.

Aidan se burlou dele.

—Nunca em minha vida pensei que era melhor que você até agora. Eu nunca poderia ter ferido a minha família do modo em que você o tem feito. A lealdade é tudo para mim. Sempre o foi e sempre o será. Mas você... você não sabe como amar. Seus ciúmes nem sequer lhe deixarão reconhecê-lo quando o tiver. Não posso te odiar mais, é uma desculpa desprezível para um ser humano. Tudo o que posso fazer é sentir compaixão por ti.

Donnie chiou antes de correr para ele.

Aidan o agarrou e o jogou no chão.

—É patético.

Donnie se empurrou para cima.

—Você é o único patético. Não tem nada agora.

—Não é verdade. Tenho minha dignidade e a um milhão de pessoas no mundo que me querem. A única coisa que você tem em sua vida é ira, amargura e uma desconfiança que nunca vencerá. Tudo o que sabe fazer é invejar a outros. Nunca terá nada. Seu ódio e avareza não lhe permitirão isso.

Donnie se lançou contra Aidan, mas antes que o pudesse alcançar, Leta estava ali entre eles. Chutou ao Donnie.

Aidan lhe beijou a mão antes de dar um passo ao redor dela.

—Obrigado, Donnie, por me permitir reconhecer e apreciar a amizade verdadeira. Se não me tivesse atropelado, me teria casado com Heather e lhe tivesse permitido me fazer miserável durante o resto de minha vida, porque a diferença de ti, não me afasto das relações importantes. Não lhes dou as costas às pessoas que amo. Infernos estive a um passo de assinar minha propriedade inteira sobre ela antes de nos casar. Mais que isso, limpou meu jardim de todas as serpentes e me liberou.

Olhou a Leta e ao Deimos.

—Agora sei de quem posso depender. Entendo o que é o amor verdadeiro e o que significa pôr a alguém mais sobre minha própria pequenez. Estou agradecido a Deus de que seja tão desprezível e de que tratasse de me arruinar, tudo o que fez de minha vida um inferno muito melhor. Obrigado.

Donnie chiou e Aidan riu.

No momento em que o fez, Dolor elevou o olhar com um cenho.

Donnie fez gestos ao deus.

—Mata ao bastardo!

Aidan se reforçou para a briga, mas não sentiu que sua ira se reavivasse. Tudo o que sentia era compaixão pelo irmão que tinha permitido que seus ciúmes insignificantes arruinassem sua vida inteira. Mais que isso, os ciúmes do Donnie lhe tinham feito matar a todas as pessoas que o amavam.

O estômago lhe retorceu com o pensamento do que Donnie se feito.

Não havia mais dor dentro dele agora. Nenhuma amargura nem ódio. Aidan não sentia nada exceto gratidão por não ser Donnie. Mais que isso, estava agradecido de que Leta lhe tivesse impedido de converter-se em uma sombra de seu irmão.

Dolor, quem olhava exatamente como Donnie fazia quando Aidan se foi casa para procurar sua fortuna, deu um passo para diante. Aidan

queria chorar pelo fato de que seu sobrinho estivesse morto. Mas não havia lágrimas. Outra vez, era compaixão o que sentia pelo Donnie. Pela primeira vez desde que Donnie lhe tinha atacado, não queria vingança.

Tinha-o superado.

—Não luta contra mim — grunhiu Dolor.

Aidan sacudiu a cabeça lentamente.

—Lutarei só pelo que importa — Olhou sobre o ombro a Leta—. Sua segurança.

O olhar de Dolor seguiu a sua até que descansou em Leta. A raiva lhe obscureceu a frente. Deu um passo para diante, logo se congelou.

Aidan franziu o sobrecenho enquanto via a luta do deus, como se contivera no lugar por alguma força invisível. Dolor se esticou para ele, e então se rompeu em um pó reluzente que caiu ao chão onde brilhou.

Jogou um olhar ao redor do quarto, esperando que o deus se imaterializasse.

Dolor não o fez.

Confuso, Aidan girou para a Leta.

—O que aconteceu?

— Foi-se — disse Deimos, sacudindo-as mãos contra as calças—. O derrotaste.

—Como?

Leta falou em um tom calado.

—A dor está aqui,

Aguda e claro.

Ainda assim, deve desvanecer-se,

E um novo caminho deve fazer ele. —Ela deu um passo para diante—. Isso é o que Lyssa tratava de nos dizer. Liberou a dor e a traição de dentro de ti... o temor... e o deixou impotente para lutar contra ti.

—Não! —gritou Donnie, apressando-se para o Aidan.

Aidan girou para encará-lo, mas antes que pudesse sentiu uma aguda dor em seu ombro. Voltou a seu irmão sobre o braço, e o sujeitou no chão. Foi só então que viu a faca na mão do Donnie. Com uma careta fera, Aidan o desarmou.

A fúria o agarrou, mas não permaneceu. Donnie não o valia. Não valia nada.

Deimos recolheu a faca do piso.

—Quer que o mate por ti?

Aidan sacudiu a cabeça.

—Quero que viva com o conhecimento de que destruiu tudo e a todos em sua vida que o amavam —Agarrou a mão do Donnie enquanto tratava de golpeá-lo e a sustentou no punho.

Donnie tratou de cuspir, mas Aidan o evitou.

Aidan tragou o nó da garganta que o estrangulava. Ainda depois de tudo o que tinha passado entre eles, havia ainda uma parte dele que queria amar ao Donnie... perdoá-lo.

Mas ao final, não pôde. Donnie nunca o permitiria e sabia.

—Foi meu irmão, Donnie. Tivesse morrido por ti. Fizesse neste mundo tudo o que me pedisse. Mas o problema é que não estaria satisfeito com isso. Tem que tomar. Que Deus tenha misericórdia de ti.

—Não necessito sua compaixão, imbecil.

Essas palavras esmagaram qualquer misericórdia que tivesse dentro de si no que a seu irmão concernia. Havia pessoas ali fora a que nenhuma quantidade de compaixão ou amor podia salvar e era tempo de encarar o fato de que Donnie era uma causa perdida.

—E não necessito lixo em minha vida. —Jogou uma olhada a Leta—. Alguma oportunidade de que o celular funcione?

—Sim, por quê?

—Porque quero chamar à polícia para que devam tirar a este saco de merda fora de minha casa.

—Isto não acabou! —grunhiu Donnie.

Aidan sacudiu a cabeça.

—OH, sim, tem-no feito. Vais sair daqui a uns poucos minutos e não pensarei nunca mais em ti e no que tem feito. Realmente não me importa. Não vale o sal de minhas lágrimas ou o poder do cérebro que me levaria conjurar seu rosto.

—Não te deixarei descansar.

Aidan bufou.

— Acredite-me, dormirei bem de noite. Tenho os recursos e o direito de lutar contra ti até o amargo final, por isso mais importa em... minha vida e... —olhou a Leta— meu coração... estou além de ti.

—Você...

Deimos terminou suas palavras com uma patada rápida à cabeça que deixou ao Donnie inconsciente.

—Alguém mais estava aborrecendo-se com esse merda?

Leta levantou a mão.

Aidan se parou.

—Matou-o?

—Nah. A meu pesar, respira. Sigo te dizendo que deveria me deixar cortar umas poucas partes de seu corpo.

—Não. Quero-o intacto para que o único em que se possa concentrar seja no que se fez. Mais logo ou mais tarde suas mentiras se desvanecerão e verá a verdade. Não sou quem o feriu. Ele o fez.

Deimos pareceu desiludido pelo fato de que não podia matar ao Donnie.

—Dado que isto parece estar superado, irei e forçarei ao Phobos para jogar outra série comigo. Até mais tarde —Desapareceu.

Aidan deixa sair um fôlego irritado bruscamente.

—Não tive a oportunidade de agradecer-lhe

—Não se preocupe por isso. Os demônios odeiam os agradecimentos.

—De verdade?

Ela assentiu.

—Como outra pessoa que eu sei, que se incomoda sempre que é gabado.

Aidan sentia que uma comissura de sua boca se elevava enquanto a atirava mais perto dele.

—Acredito que o superei.

—De verdade?

—Sim, mas só quando vem de ti.

Devolveu-lhe seu sorriso com um que lhe debilitou os joelhos.

—Convoquei à polícia faz um segundo. Estarão aqui em uns poucos minutos.

—Bem — Pelo menos foi o que pensou até que se deu conta de algo—. O que vai passar-te agora que Dolor se foi?

—Tenho que ir

O estômago do Aidan se encolheu quando um sentimento doente o atravessou.

—Ir?

Ela olhou ao longe como se fora incapaz de encontrar seu olhar.

—Sou uma deusa, Aidan. Não posso permanecer no reino humano. Não pertenço aqui.

Ele quis lhe rogar que ficasse com ele, mas não pôde. Já lhe tinha contado porque não podia ficar. Todos os rogos lhe fariam sentir mal por algo que nenhum deles podia evitar.

Como disse, era uma deusa.

Possivelmente poderia chegar a ser mortal. Mas ele não queria isso. Ela envelheceria e morreria.

Como poderia lhe pedir isso a alguém que era sempre jovem e formoso? Seria egoísta.

—Perderei-te.

Leta tragou ante a dor que ouvia em sua voz. O tratava tão

duramente de ser forte, mas por dentro estava quebrado. Podia senti-lo.

O temor marcou sua frente.

—Estará Dolor ali, te esperando?

—Não. Quando falhou em te matar e seu corpo humano se desintegrou, voltou-se impotente. Voltou para êxtase agora. Tomará outro sacrifício humano para voltar a despertá-lo — Pelo menos isso era o que acreditava que lhe tinha acontecido. A verdade era que não sabia e não saberia seguramente até que voltasse para casa.

Aidan franziu o cenho.

—Por que tem que ter um sacrifício humano para aparecer como um humano quando você não?

—Com a ajuda do Hades, eu o amaldiçoei a isso. Meu pensamento foi que ninguém seria o bastante vicioso para matar a alguém a quem amasse para liberá-lo. Pensei que tinha encontrado a maneira de encerrá-lo fora do mundo humano para toda a eternidade.

Aidan olhou a seu irmão, que ainda estava inconsciente no chão.

—Adivinho que ambos superestimamos a humanidade do Donnie.

—Possivelmente, mas recorda, ninguém mais no mundo está tão doente como ele.

—Mas você não está realmente neste mundo, verdade?

—Aidan...

Ele silenciou suas palavras colocando um dedo sobre os lábios.

—Não prolongue a ferida, Leta. Arranca a tira de minha pele e deixa que o ardor me recorde isso por um dia. Disse-lhe isso antes, prefiro um momento de incrível felicidade antes que uma vida vazia — Colocou um tenro beijo em sua frente— Agora vai. Só vai.

O problema era que ela não queria lhe deixar. Queria ficar, mas não havia modo de que pudesse. Seu corpo temporário não duraria neste plano da existência.

—Visitarei-te em seus sonhos.

—Não — disse ele, sua voz quebrada—. Isso só o faria pior. Não poderia suportar ver-te ali, sabendo que não posso realmente te tocar. Deixa que a ferida cure. Deixe-me ser capaz de pensar neste dia e recordar à mulher que salvou minha vida.

Tinha razão, e a matava admiti-lo.

—Não esquecerei, Aidan.

Aidan não respondeu verbalmente, mas a luz atormentada nesses olhos verdes disse mais que as palavras.

Ele a recordaria também.

O som das sirenes da polícia perfurou o ar.

—Vai, Leta.

Ela retrocedeu com o coração na garganta. Tudo o que queria era estar com ele. Se só pudesse. Mas os deuses tinham decretado um destino diferente para eles. Não havia necessidade de lutar uma batalha que não poderiam ganhar.

—Amo-te, Aidan —disse antes que cintilasse de volta à Ilha Ihe Desvaneçam.

Aidan parou ali no centro de sua cabana, olhando fixamente ao espaço onde Leta tinha estado. Foi só então que permitiu que as lágrimas aparecessem. A dor delas ardia em seu peito e o estrangulava.

Finalmente Ihe teria traído também. Todos Ihe traem.

Possivelmente, mas já não acreditava isso. Leta Ihe tinha ensinado melhor.

O ouviu o trovão da polícia correndo por seu alpendre.

—Ponha as mãos detrás da cabeça! Ajoelhe-se!

Aidan não se estremeceu enquanto os policiais entravam por sua porta rota com suas armas na mão. Obedeceu a suas ordens e se ajoelhou no piso enquanto um dos oficiais corria detrás dele e Ihe algemava as mãos juntas.

—Para o registro, eu sou a vítima.

Mas dado que não sabiam certamente, seguiram o protocolo padrão de assegurá-lo antes de chamar uma ambulância para o Donnie.

Uma vez que se deram conta de que Donnie era um criminoso fugido e de que Aidan de fato vivia na cabana e de que tinha sido ele o atacado, tiraram-lhe as algemas e lhe deixaram agarrar uma toalha fria para limpá-la sangue de seu rosto e ombro.

—Está seguro de que não quer ir a um hospital? —perguntou um dos oficiais masculinos.

Aidan negou com a cabeça enquanto lhes olhava conduzir a um semi-consciente Donnie fora de seu salão. Não havia ajuda para o que realmente lhe doía. Só Leta podia fazê-lo.

—Estarei bem.

—Está seguro?

Pela primeira vez em anos, estava-o.

—Sim. Que não nos matasse...

—Requer muita terapia tratar com ele.

Aidan deu uma pequena risada enquanto o policial se encolhia de ombros.

—Ouça, em meu negócio, é realmente verdade. —O oficial de repente parecia incômodo enquanto olhava ao suporte da chaminé onde Aidan tinha seu Oscar. Era uma postura tímida que Aidan conhecia muito bem.

—Quer um autógrafo?

A cara do oficial brilhou.

—Não queria pedir-lhe com você sangrando e tudo, mas minha mulher é realmente uma grande fã sua e isto me conseguiria alguns pontos com ela. Se pudesse pô-lo sob a árvore, sei que lhe daria o Natal.

Aidan sorriu embora lhe doía seu lábio partido.

—Pendure-o —Foi a seu escritório e tirou um montão de fotos publicitárias que Mori tinha enviado e que tinha ignorado e uma caneta

antes de voltar para salão- Qual é seu nome?

—Tammy.

Outro oficial entrou.

—OH, homem, posso ter um também? Adoro o filme Alabaster. Fez um grande trabalho nele e a garota que estava com você... Era ela tão quente na vida real?

—Não, era inclusive melhor.

O oficial riu.

Aidan vacilou enquanto a velha alegria que estava acostumado a sentir voltava como uma inundação. Ainda podia recordar a primeira vez que alguém lhe tinha pedido um autógrafo em todos esses anos. A primeira vez que alguém lhe parou na rua para lhe dizer quanto gostava de seu trabalho. Não havia nada como isso. Não importava quando ou onde, adorava ser parado por seus fãs. Compartilhar uns minutos conversando com eles.

Donnie e Heather lhe tinham manchado com seu veneno. Essas pessoas não se preocupam com você. São só parasitas que querem tocar algo que nunca serão. Deus, odeio que sempre estejam sobre nós. Nem sequer posso comer uma comida em paz. Por que não lhes diz que se vão e nos deixem sozinhos?

Mas ao Aidan nunca tinha importado. Ainda quando estava no ponto em que não podia conduzir pela rua com as janelas baixas ou às vezes que teve à imprensa escalando em seu pátio, não lhe importou. Estava contente de fazer algo que as outras pessoas desfrutassem, e se falar com ele os fazia felizes... Não havia sentimento maior que saber que havia tocado suas vidas e gasto um sorriso a suas caras, inclusive se só fora por uns poucos minutos.

Isso era o que tinha querido desde menino. Por isso se tinha quebrado o traseiro até obtê-lo. Tinha sofrido através de suficientes fundas e flechas para fazer ao Shakespeare orgulhoso.

E adorava cada minuto disso.

Entregou a foto assinada para Tammy ao oficial antes de olhar ao outro.

—Qual é seu nome?

—Ricky... e pode fazer um para minha amiga, Tiffany? Morreria se voltar para casa com ele. OH, e minha mãe, Sara. Ela foi sua fã desde esse filme de terror estranho que você fez. Adorava esse também, mas era um desmontador de mentes.

Aidan riu do entusiasmo de homem.

—Seria um prazer.

Antes de terminar, Aidan assinou um total de vinte fotos para a polícia e paramédicos. Donnie chiava indignado na ambulância, mas a ninguém importou.

—Que tenha Feliz Natal! —disse Ricky enquanto arrastava aos outros fora da cabana do Aidan. Ele vacilou na estilhada porta. Provavelmente precisará chamar a alguém para fixar isto. Não acredito que deveria ficar aqui acima sem uma boa porta, dado o que aconteceu hoje.

—Obrigado. Ocuparei-me disso.

Ricky reteve a mão.

—É você um homem decente, Sr. O'Conner. Muito obrigado pelos autógrafos.

—O prazer é meu, e me chame Aidan.

Ricky sorriu.

—Aidan. Foi um prazer lhe conhecer. Desejaria que as circunstâncias tivessem sido melhores.

—Sim, eu também. Tenha um bom Natal e lhe diga a sua mãe e ao Tiffany que disse olá.

—Farei-o. Obrigado.

Aidan o seguiu fora ao alpendre onde olhou ao Ricky andar até seu carro antes que todos eles partissem. Ainda podia ouvir a amortecida voz do Donnie lhe amaldiçoando enquanto ficavam em

marcha. A compaixão emanou dentro dele, mas logo então, pensou que possivelmente era uma boa coisa que Donnie estivesse sendo comido pelo ódio. Um dia, Donnie se daria conta exatamente do que o ódio lhe havia flanco... que tratando de arruinar ao Aidan, tinha destruído toda sua vida.

Que Deus ajudasse a seu irmão então.

A dor da traição do Donnie caiu sobre seus ombros agora. A ele realmente não importava

—Sou o último homem de pé.

O problema era que estava parado sozinho e pela primeira vez em anos isso lhe incomodava.

Fechando os olhos, sentiu a mordida do frio contra ele enquanto convocava a imagem da Leta em sua mente.

— Sinto sua falta, neném.

Mas não havia nada que fazer sobre isso.

A vida era o que era.

Derrotado, girou-se para entrar em casa e viu que a porta tinha sido substituída.

—Leta? —perguntou com uma nota otimista em sua voz.

Não era ela. Deimos estava parado dentro do salão, lhe olhando.

Aidan não podia entender sua presença.

—Acreditava que estava jogando xadrez.

—Ia fazê-lo, mas... — vacilou como se tivesse algo na mente.

—Mas? —incitou.

Deimos indicou a porta com uma inclinação da cabeça.

—Recordei que tinha uma porta rota.

—Obrigado por repará-la.

—Nenhum problema.

Aidan se deteve, esperando a que Deimos falasse ou fizesse algo. Quando não o fez, Aidan arqueou uma sobrancelha.

—Há algo no que possa te ajudar?

—Não realmente. É mais bem algo com o que eu te posso ajudar.
Agora tinha toda a atenção Aidan.

—E isso é?

Deimos lhe olhou aborrecidamente.

—O que daria para ter a Leta contigo?

Aidan não vacilou.

—Tudo.

—Está seguro?

—Sim —De repente, tudo se voltou negro. Aidan se moveu bruscamente, tentando orientar-se, mas não podia ver, sentir, ou ouvir nada. Somente estava obscuro— Leta?

Esta vez ela não respondeu. Não havia nenhuma mão amável para agarrá-lo. Nenhuma palavra de ânimo e sentia sua falta inclusive mais.

Quando a luz voltou, viu-se como um menino perto de uma árvore de Natal. Tinha onze anos e estava na casa de seu tio. Aidan franziu o sobrecenho enquanto tratava de recordar o acontecimento exato, mas não podia. Só recordava o cenário.

—O que conseguiu? —perguntou Donnie enquanto ia onde Aidan estava jogando.

Aidan levantou sua figura de ação.

—G.I. Joe e alguns doces.

Donnie curvou o lábio.

—Isso não é justo. Eu queria um G.I. Joe.

Aidan estava desconcertado por sua ira.

—Não, não queria. Disse que queria um Optimus Sobressaia e ao Grimlock, o que tem.

Donnie se esticou a pelo brinquedo na mão do Aidan e o arrebatou.

—Devolva-me isso.

Donnie se negou, e quando Aidan o tentou com mais força, golpeou-lhe com tudo o que tinha. Aidan gritou com fúria, o que

despertou a seu tio da sesta que tomava no sofá a uns poucos pés deles.

Dois segundos depois, com insultos enchendo suas orelhas, todos os brinquedos estavam no lixo, e ambos moídos. Por não mencionar os machucados do aborrecimento de seu tio.

—É tudo por sua culpa — grunhiu Donnie, empurrando ao Aidan escada acima enquanto se dirigiam ao quarto que compartilhavam.

—Eu não agarrei seus brinquedos, você agarrou o meu.

Donnie curvou o lábio.

—Isso é porque precisa aprender a compartilhar. É um safado tão egoísta. Odeio-te. Antes tivesse morrido com mamãe e papai.

Aidan se congelou ante a hostilidade na cara de seu irmão enquanto Donnie caminhava penosamente lhe passando. Com o coração pesado, investiu o curso e voltou para salão. Moveu-se furtivamente para a esquina, temeroso de ser agarrado. Por sorte, seu tio estava outra vez no sofá, desacordado por beber na farra de Natal.

Tão silenciosamente como pôde, Aidan arrastou a lata do lixo e tirou os brinquedos. Logo, em silêncio, voltou acima onde entregou os brinquedos ao Donnie.

—Pode os ter —disse, não querendo que seu irmão o odiasse mais.

Donnie sorriu.

Mas embora Aidan tivesse ganhado em seu irmão, não havia satisfação nisso. Somente sentia alívio de que Donnie não o odiasse...

O Aidan adulto olhava a cena enquanto finalmente recordou cada emoção desse Dia de Natal. Tinha-o esquecido tudo. Agora cada parte estava clara. E recordava outras vezes onde Donnie tinha atuado assim. Todas às vezes tinha tentado sossegá-lo porque Donnie não queria que ele tivesse nada.

Supunha-se que o mundo inteiro era do Donnie.

Então a cena trocou e viu seu agente Mori em casa com sua

última esposa. Alto, moreno, jovem e bonito. Shirley estava sentada no sofá enquanto Mori se sentava em frente dela em uma cadeira marrom de couro.

— Por que está tão infeliz?—perguntou ela silenciosamente.

Mori lhe ofereceu um sorriso cheio de desculpas.

—Sinto muito. Estava pensando no Aidan outra vez.

Ela pôs os olhos em branco.

—Não posso acreditar que ele se afaste de tanto dinheiro.

O olhar do Mori se voltou introspectivo enquanto embalava sua taça de brandy. Sua expressão dizia que o encontrava mais que plausível.

—O dinheiro não compra a felicidade.

Ela se burlou.

—Qualquer que diz isso não compra nas lojas corretas.

Mori não fez comentários a respeito disso.

—Odeio no que se converteu. É sem dúvida alguma um dos melhores atores de sua geração. Desejaria que houvesse algo que pudesse fazer por ele.

— Mande-lhe um presunto.

Mori a cortou um olhar aborrecido.

—Não para um presente. Quando lhe conheci a primeira vez, estava tão cheio de vida e risadas. Quando outros atores se fartavam da fama, ele não. Sempre a desfrutou. Inclusive as partes que faziam que os atores menores se derrubassem e caíssem. Agora... agora é um recluso azedo. Se tivesse um só desejo por Natal, seria lhe ver feliz outra vez.

Aidan estava assombrado pelo fato de que Mori não era tão sangue-frio como pretendia. Uau. Seu agente tinha estado guardando muitos segredos. Havia realmente um coração enterrado sob todo esse pavoneio.

Mas isso não trocava nada. Elevou o olhar para a escuridão.

—Supõe-se que isto significa algo para mim?

A resposta veio enquanto a cena se voltava branca outra vez e reaparecia, não em seu futuro como esperava, a não ser em um lugar que nunca tinha visto antes.

Parecia ser uma caverna escura com paredes que sangravam...

Débeis chiados e gemidos ressonavam enquanto andava para uma grande abertura, e quando a alcançou, congelou-se. Ali estava Leta com uma bata branca, larga que flutuava, de pé ante dois homens zangados quem a olhava enquanto um terceiro homem de branco estava a sua esquerda.

—Pede-me misericórdia para ela?—O homem loiro alto se mofou do homem de branco—. Entende o que tem feito?

—Sim, Zeus. Faço-o. Mas o que ela fez, fez-o para proteger um humano inocente.

Zeus se mofou da resposta.

—Nenhum deles é inocente. O que é a morte de outro humano mais neste mundo?

Leta começou a responder, mas o homem ao lado dela a parou lhe pondo a mão no braço.

Quando ele falou, sua voz estava desprovida de toda emoção.

—Ela foi atribuída ao humano por mim e levou a cabo sua tarefa até o final. Foi Dolor quem...

—Não te atreva a defendê-la — grunhiu Zeus—. Porque por sua morte, temos uma ruptura no universo. Tem alguma idéia do que poderia ter acontecido? O mundo poderia ter terminado.

—Mas não o fez.

Zeus lhe açoitou.

—M'Adoc! —disse Leta, apressando-se aonde ele jazia no chão.

Zeus levantou a cabeça ante isso.

—São emoções o que ouço?

Aidan viu o pânico nos olhos da Leta, mas dado que estava de

costas ao Zeus, não estava seguro de que o deus o tivesse advertido.

Em seu lugar um olhar estranho passou entre M'Adoc e o deus de cabelo moreno parado ao lado do Zeus.

—Eles não têm emoções, irmão—disse o homem de cabelo escuro—. aconteceu um tempo com os humanos e estes são os efeitos residuais.

O olhar do Zeus se estreitou perigosamente enquanto M'Adoc ficava de pé.

—Está lhes defendendo, Hades?

Hades se encolheu de ombros.

—Não realmente. Se quiser que a castigue, farei-o. É para o que vivo.

Aidan franziu o sobrecenho ante o tom sarcástico da voz do deus.

Zeus assentiu.

—Muito bem. Mata-a.

—Não!—Aidan arremeteu só para se chocar com uma parede invisível.

Os deuses se giraram como se lhe pudessem ouvir.

Aidan golpeou a mão contra a parede.

—Não te atreva a tocá-la!

Deu-se conta de que eles podiam de fato lhe ouvir enquanto Zeus avançava para lhe olhar fixamente como se fora um inseto em um frasco.

—Tem alguma idéia de quem sou?

—Não me importa. Leta não fez nada mau e não a verei ferida por mim.

—Nada mal? —Perguntou Zeus, as janelas do nariz dilatando-se—. Você, humano estúpido. Ela poderia ter destruído o universo inteiro com suas ações. O único que nos salvou foi o fato de que Dolor estava em êxtase e seus poderes restringidos. Se não o tivesse

estado... Tomemos um momento e estejamos malditamente agradecidos pelos pequenos favores.

Embora uma pequena voz na cabeça do Aidan lhe dissesse que não discutisse com o antigo deus, não podia parar-se.

—Ela não é a que matou a Dolor. Eu o fiz.

Leta ofegou com suas palavras.

—Aidan...

—É verdade —disse, cortando-a antes que o contradissera—. Eu o matei. Assim se for castigar a alguém, deveria ser a mim.

Zeus o considerou.

—Ignora-o, meu senhor —disse Leta rapidamente—. Ele é nobre, mas insensato. Fui eu quem ignorou sua ordem para deixar a Dolor sozinho. Eu o matei aqui enquanto dormia em êxtase contra seus desejos. Por causa disso sou o única deveria ser castigada.

Zeus se esticou como se algo o ofendesse.

—Isso que ouço em sua voz são emoções? Tem sentimentos por este humano?

Leta sacudiu a cabeça.

—Não, meu senhor. É somente lógica fria e dura.

Suas palavras atravessaram Aidan, que não podia suportar o pensamento dela sendo falsa com ele.

—Leta?

Seu olhar era vazio quando se encontrou com o seu.

—Como poderia ter jamais sentimentos por um humano quando sou incapaz deles?

Zeus se voltou especulativo.

—Assim se mato ao humano, não te importaria?

Aidan não tinha pensado que seu rosto podia voltar-se mais fria, mas estava equivocado.

Ainda assim, ela não respondeu.

—Não lhe importaria. —respondeu M'Adoc por ela—. Não é

capaz disso.

—Muito bem. Dado que se supunha que o humano morreria de todos os modos... —Zeus disparou um relâmpago desde sua mão, direto ao coração do Aidan.

CAPÍTULO 9

Aidan se cambaleou, apesar disso permaneceu de pé inclusive quando todo seu corpo era empurrado para trás. Olhou para baixo, esperando ver o sangue do ataque do Zeus. Mas não tinha nenhuma ferida. De fato, não sentia nenhuma dor.

Confuso, jogou uma olhada a seu redor até que viu a Leta atirada no chão a uns metros dele.

—OH, Meu Deus.— sussurrou, engatinhando para alcançá-la. Devia haver-se arrojado diante dele para protegê-lo.

Ajoelhou-se no chão, pô-la de barriga para cima, vendo-a lutar por respirar enquanto o sangue lhe cobria todo o corpo.

—Leta?

Ela tossiu sangue antes de falar em um tom lhe chiem:

—Não podia deixar morrer, Aidan. Perdoe-me.

Perdão? Por que lhe pedia perdão por lhe salvar a vida? Não tinha sentido.

Zeus se voltou para M'Adoc.

—Pensei que disse que era incapaz de sentir compaixão?

M'Adoc manteve seu estoicismo.

—Deve haver-se voltado Skoti sem que soubéssemos.

A fúria obscureceu a frente do Zeus. Manteve a mão em alto e M'Adoc foi atraído imediatamente para o centro de seu poder.

—Você não comete essa classe de enganos.

Hades fez um som de extremo aborrecimento.

—Perde tempo, Zeus. Despojou-lhes de suas emoções assim se está tentando lhe colocar medo agora...

— Cale-se.—respondeu Zeus bruscamente ao Hades antes de se separar de um empurrão a M'Adoc longe dele. Ficou rígido antes de lhe dar a M'Adoc uma terrível advertência—.Melhor manter um olho vigilante em seus irmãos. Faço-te pessoalmente responsável. Fracassa em mantê-los na linha e será em seu sangue em que me banhe.

Aidan viu a fúria e o brilho de medo nos olhos de M'Adoc antes que se endireitasse e fizesse frente Zeus. Nesse momento seu rosto estava tão carente de expressão como tinha estado antes que Zeus o atacasse.

—Entendo, meu senhor. Fará sua vontade.

—Pode estar condenadamente seguro de que o fará. —Zeus fulminou com o olhar a todos—.Agora tira esse humano fora daqui e ponha em ordem esta confusão—dizendo estas palavras, dissolveu-se em um ligeiro pó de bronze e se evaporou.

Ainda no chão, Aidan manteve a Leta perto de si enquanto ela lutava por respirar.

—Vais curar-te outra vez, verdade?

—Não—disse Hades enquanto se adiantava—. Foi golpeada pelo raio de um deus, do mesmo Zeus. Não há volta atrás.

Aidan franziu o cenho.

—Não o entendo.

—Está morrendo—disse Hades em um tom carente de todo sentimento.

Ao Aidan levou vários segundos fazer que essas palavras penetrassem em sua confusa mente.

—Não pode morrer. É uma deusa imortal.

—Que foi agredida justamente pelo rei dos deuses. —disse Hades com o tom de um professor que se dirige a um estudante

torpe—. Sim, pode morrer.

Aidan não podia respirar quando olhou para baixo, a ela.

— Por quê? Por que tem feito isto?

— Amo-te, Aidan — disse ela enquanto elevava seus olhos—. Não podia permitir que Zeus te matasse. Nunca poderia ver outra pessoa que amo morrer diante de mim. —Levantou a mão para posá-la brandamente em sua bochecha—. Foi por isso que tive que matar a Dolor. Sabia que Donnie unicamente o convocaria outra vez e não quis que te ferisse mais. Não podia me arriscar.

Suas próprias lágrimas aumentaram com as palavras dela. Apertou-a contra si antes de elevar a vista para Hades e M'Adoc.

— Temos que salvá-la. Digam-me que terá que fazer.

Hades deixou sair um fôlego cansado.

— O Thunder-Bluster a quer morta. Não há nada que podemos fazer. Se a curarmos, fará chover sobre ela todas as classes de dor. O menos mau que pode fazer é deixá-la ir.

— Não! Salva-a!

Mas o deus não lhe escutava. Hades retrocedeu e olhou a M'Adoc.

— Brinde-lhes intimidade para que se diga adeus.

Aidan viu a compaixão nos olhos de M'Adoc antes que este se desvanecesse. Hades atuou igual.

Agora a sós, aspirou o aroma do cabelo da Leta.

— Desejaria ter nascido humana.— sussurrou ela contra seu pescoço.

— Eu não trocaria nada de ti.

Ele sentiu seu sorriso quando ela rodeou o agarre em seu cabelo. Um instante mais tarde, expulsou seu último fôlego e caiu lassa em seus braços.

Por três pulsados completos de coração, Aidan não se moveu. Não podia. Levou-lhe muito tempo ajustar-se à realidade.

Leta estava morta. Tinha dado a vida para salvar a sua.

Negava-se a acreditá-lo. Atraindo-a para si, olhou-a. Seus olhos estavam parcialmente abertos, seu rosto cinzento. Não havia nenhuma vida em seus olhos. O sangue os cobria a ambos.

—Desperta. —disse em voz baixa, sabendo que isto era uma petição impossível—. Não me abandone, Leta. Por favor.

Mas todos os rogos do mundo não trocaram nada. Ela se tinha ido e ele estava sozinho.

Seu coração se fez pedaços, arrastou-a contra ele e fez uma coisa que não tinha feito da noite em que seus pais tinham morrido. Soluçou.

Balançando-a em seus braços, sustentou-a pelo que pareceu uma eternidade enquanto chorava. Tudo o que queria era retroceder no tempo e mudar tudo. Começar de novo.

Para lhe dizer que ele também a amava.

—Amo-te, Leta—sussurrou em seu ouvido, sabendo que não podia ouvi-lo.

Por que não o havia dito antes?

Mas claro, ele sabia. Tinha tido medo de expressá-lo. Medo a que ela o utilizasse alguma forma para lhe ferir. Agora simplesmente nunca saberia quanto tinha significado para ele. Era tão injusto.

—Ela sabe.

Aidan elevou a vista para encontrar uma alta e formosa mulher loira que estava de pé ante ele.

—Quem é?

—Perséfone. —ajoelhou-se a seu lado com compaixão nos olhos—. Sinto sua perda. Leta era uma mulher maravilhosa.—Tirando um pequeno lenço negro, enxugou-lhe os olhos—. Tem que voltar para casa agora. Cuidarei dela por ti.

—Não!

—Aidan —disse quedamente—.Não pode ficar aqui. Acredite-

me, realmente não quer. Assegurarei-me de que Leta esteja bem, mas tem que ir.

Doía-lhe profundamente dentro da alma mas Aidan sabia que ela tinha razão. Pressionou seus lábios contra a fria têmpora da Leta antes de permitir que Perséfone tomasse o corpo de entre seus braços.

—Enterrará-a com sua família? Não gosta de estar sozinha.

Brotavam lágrimas de seus olhos quando ela assentiu com a cabeça.

—A amas, verdade?

—Mais que a minha vida. Peço a Deus que me tivesse deixado morrer em seu lugar.

Perséfone sorveu pelo nariz enquanto agarrava a Leta de seus braços.

—Deimos—disse, convocando ao deus para que aparecesse ante eles—.Pode levar o de volta a seu mundo?

Deimos assentiu com a cabeça antes que ambos desaparecessem.

Logo que estive em casa outra vez, Aidan se voltou contra ele.

—Por que me levou ali?

—Queria que soubesse quanto se preocupa ela por ti.

—Por quê? Para que isto me obcecasse para o resto da eternidade? Sem animo de ofender, Deimos, mas como fantasma do Natal Presente, é uma merda. Ao menos ao Scrooge deram uma possibilidade para arrumar sua vida. Eu não posso arrumar isto. Por que diabos me mostrou isso?

Deimos se encolheu de ombros.

—Zeus ia matá-la de todos os modos. Como disse a Perséfone que não gostava de estar sozinha, pensei que seria agradável se ao menos você estava ali quando morresse. Necessitava-te.

Tinha razão, mas isso não deteve a dor dentro do Aidan.

—Obrigado, Demon. Por tudo.

Viu a compaixão na cara do deus antes que partisse.

Sozinho, Aidan ficou de pé no centro do salão, sentindo-se despojado. Se fechava os olhos, podia sentir a Leta aqui. Ouvir sua risada. Sua jaqueta estava ainda no gancho onde ela a tinha deixado.

Precisando estar mais perto dela, foi para esta de modo que pudesse tocar sua suavidade.

—Queria te ter de volta, Leta. Se pudesse, cuidaria melhor de ti, tanto como ninguém que tivesse conhecido jamais.

E se os desejos fossem cavalos, até os mendigos montariam.

Aidan tirou o pequeno gorro de seu bolso e o levou ao nariz. Continha seu perfume e aquilo lhe trouxe outro turno de lágrimas aos olhos. Com o peito tenso, foi ao suporte da chaminé onde tinha os retratos do Donnie, Heather, e Ronald. Um por um, tirou-os, jogou-os no fogo onde o cristal se esquentou e se rompeu e os retratos arderam.

A única foto que deixou foi uma de seus pais. Pôs o gorro de ponto da Leta ao lado desta e retrocedeu.

Sim. Era sua família, e só eles mereciam um lugar de honra no suporte.

Aidan despertou com o som de alguém batendo na porta principal. Olhou o relógio... logo que passava do meio-dia do dia de Véspera de Natal.

—Leta?—murmurou, retirando o edredom para correr à porta principal. Não tinha posto nada mais que um par de cueca verdes frouxas, lançou-se a abrir a porta para encontrar ao Mori e sua esposa com uma mala de tamanho médio.

Shirley lhe varreu com um faminto e divertido olhar inspecionando seu corpo.

—Sei que isto não vale nada para ti, Mor, mas para mim é

precisamente isto o que faz que subir a um avião e vir a este lugar deixado da mão de Deus valha a pena. Obrigada!

Mori pôs os olhos em branco enquanto dava um empurrão ao passar a sua esposa e entrava na casa.

—Feliz Natal, Aidan.

Aidan retrocedeu e permitiu ao Shirley deslizar-se detrás de seu marido antes que ele fechasse a porta.

—O que fazem aqui?

Logo que tinha fechado a porta quando soou outro golpe. Franzindo o cenho, Aidan viu a Theresa e Robert no alpendre, sujeitando uma pequena árvore entre eles.

Tinha contratado ao Robert para que fora seu gerente duas semanas antes que Donnie tivesse começado a chantageá-lo. Baixa e miúda com cabelo castanho e brilhantes olhos azuis, Theresa era sua publicitária.

—E de novo digo, sem ânimo de ofender, o que fazem aqui?

—Não podíamos suportar pensar em ti passando um Natal mais solitário—disse Robert—. Mori chamou e nos perguntou se podíamos sair para te fazer uma comida decente na Véspera de Natal e estivemos de acordo. É momento de que te dê conta de que há gente neste mundo que realmente te quer, Aidan.

Antes que Leta tivesse entrado em sua vida, os teria jogado de sua casa e teria fechado com chave a porta detrás deles.

Hoje, eram mais que bem-vindos.

—Venha entre. Deixe-me ir colocar um pouco de roupa.

—Não sei. —disse Theresa com uma risada.—Como que eu gosto de seu traje de Natal.

Shirley riu.

—Quererá dizer “Traje do Adão”, não?

Theresa pôs a árvore na esquina perto da chaminé.

—Pareceria-me ainda melhor, mas ele está vestido de verde

para as festas. Traje Natalino.

Aidan sorriu antes de ir-se a seu dormitório e vestir jeans e um pulôver. Para quando voltou, Shirley tinha servido ponche de ovo a cada um enquanto Robert e Mori decoravam a árvore com o festão e Theresa desembulhava um presunto Honey Baked na cozinha.

Estava assombrado por suas ações.

—Tios, sabem que não têm que fazer isto. Sei que vocês têm família com a que prefeririam estar.

Robert se burlou.

—Seu mal-humorado traseiro ou minha cleptomaníaca tia Coco, que sempre rouba a prata colocando-a na bolsa quando ninguém está olhando... difícil eleição, companheiro.

Theresa o repreendeu.

—Você é nossa família também, Aidan. E este ano, acredito que é o que mais nos necessita.

Ela não tinha nem idéia exatamente de o acertada estava.

—Obrigado, tios.

Robert sorriu abertamente.

—Dê-nos obrigado até que lhe incendiemos a casa com estas luzes de Natal.

Aidan riu enquanto Shirley lhe dava um copo de ponche.

—Pelo Aidan —disse ela alegremente— O qual me recorda um velho brinde que meu avô estava acostumado a fazer.

—E é?—perguntou Aidan.

—Por aqueles que me conhecem e amam, desejo-lhes todo o melhor. O resto pode ir-se ao diabo.

—Aí, aí—disse Mori enquanto fazia uma pausa para levantar a taça.

Robert esteve de acordo.

—Muito apropriado.

Aidan assentiu com a cabeça.

—Sim. Terei que recordar isso.

—Estou seguro de que o fará.

Aidan tomou um sorvo antes que se desse conta de algo.

—Não tenho presentes para nenhum.

Mori se burlou.

—Não se preocupe. Está aqui conosco e este é todo o presente que qualquer de nós necessita. Realmente estamos aqui por ti, Aidan. Não porque nos pague, mas sim porque realmente nos preocupamos com ti.

E pela primeira vez durante anos, ele acreditou.

—Graças a todos. —Então Aidan elevou a vista ao teto e sussurrou: — obrigado —também, esperando que de algum jeito suas palavras retornassem a Leta. Estava seguro de que ela tinha tido algo que ver com isto.

A tarde passou rápida enquanto Theresa esquentava a comida que havia trazido e faziam um bom almoço de presunto, batatas, molho, e feijões verdes, com bolo de castanhas para sobremesa. Aidan poderia contar com os dedos de uma mão, os Natais tradicionais como esta que tinha tido em sua vida.

E nenhum daqueles tinha sido nem de perto tão especial como este. Mas muito logo, terminou-se e seus convidados partiram.

Ficou de pé no alpendre, vendo-os ir-se com uma ligeireza no coração que nunca tinha estado ali antes. Sorrindo, agarrou o telefone e chamou o Mori, quem respondeu ao primeiro tom.

—Esquecemos algo?

—Pode chamar o estúdio na segunda-feira. Aceitarei o trabalho.

—Está brincando comigo?

—Não, Mori. É a sério. Farei-o.

O Town Car alugado se parou no meio-fio e Mori saiu fora para elevar à vista para ele. Levou-se o telefone à orelha.

—Quero-te, tio! —gritou—. De uma maneira puramente

platônica.

Aidan riu quando vários pássaros elevaram vôo assustados.

—Eu também te quero, Mor. Definitivamente de um modo platônico.

Mori o saudou antes de retornar ao carro e ir-se.

Aidan pendurou o telefone e voltou dentro onde o aroma do bolo de castanhas o esquentou totalmente da cabeça até os dedos dos pés. O dia teria sido perfeito se somente...

Não podia terminar aquele pensamento. Era muito doloroso.

Sim. Existia também algo que arruinava os momentos mais felizes de sua vida. Mas ainda assim, tinha-o necessitado e estava agradecido a seus amigos por fazer este dia especial.

Suspirando, pôs-se a andar para seu escritório quando ouviu um ligeiro tamborilar na porta. Jogou uma olhada à cozinha para ver se Theresa tinha esquecido algo. Ela sempre perdia e deixava coisas. Mas não viu nada.

Abriu a porta e então ficou gelado.

Não podia ser.

Uns olhos tão azuis que parecia que realmente não lhe estavam olhando.

—Leta?

Seu sorriso o deslumbrou.

—Posso entrar?

—Absoluta e fodidamente.

Ela se lançou a seus braços.

Sem fôlego, Aidan a abraçou estreitamente, tratando de lhe encontrar um sentido a isto.

—Como pode estar aqui?

— Hades me liberou do Inframundo.

—Não entendo. Não necessitaria um sacrifício?

—Não se ele o faz. Uma vez que morri, Zeus já não tinha poder

sobre mim. Só Hades.—Ela o apertava tão forte que suas costas se quebrava—. Perséfone estava tão comovida pelo que lhe falou que disse ao Hades que eu tinha que estar com meu amado... Você.

—Por quanto tempo?

Ela se encolheu de ombros.

—Agora sou humano. Igual a você.

Ele não podia acreditá-lo. Mais aliviado do que tinha estado alguma vez antes, agarrou-a nos braços e fechou a porta com o pé.

Ela franziu o cenho ante sua maneira de atuar.

—Aonde me leva?

—A meu dormitório onde me proponho te mordiscar da cabeça à ponta do pé. Amo-te, Leta, e tenho a intenção de me assegurar que nunca duvide de mim.

Apartou-lhe o cabelo dos olhos.

—Eu nunca duvidaria de ti, Aidan. E você nunca, nunca terá motivo para duvidar de mim.

EPÍLOGO

Um ano depois...

Aidan sorria enquanto via a Leta terminar de decorar a árvore. Sua aliança de casamento de três quilates cintilou à luz da vela, casaram-se no Dia de São Valentim.

—Sabe, mata-me que celebre meus dias de festa comigo quando você estava acostumado a ser uma deusa Grega.

Leta se encolheu de ombros.

—Todos os deuses e as tradições merecem respeito.

Ela era assombrosa e sua vida não tinha sido nada salvo um milagre do momento em que tinha entrado nela.

Sua presença era lhe subjugué quando atravessou a distância

até ele e lhe deu uma pequena caixa.

—Para ti.

Ficou desconcertado pelo presente.

—Acreditei que não trocaríamos presentes até a meia-noite.

—Sei, mas isto esteve me matando durante semanas, e se não o abre, poderia morrer.

Ele aspirou bruscamente.

—Não brinque sobre isto. Já te perdi uma vez. Não estou disposto a te perder de novo. Rasgando o papel, encontrou uma caixa de ouro que abriu.

Continha uma só folha de papel escrita à mão por ela.

—Vinte e três de julho. O que é vinte e três de julho?

—Olhe debaixo.

Fez-o e o que encontrou ali lhe tirou o fôlego. Era a ecografia de um menino.

—É este...?

Ela resplandeceu.

—Em vinte e três de julho.

—OH, Meu Deus! —disse em voz baixa, contemplando a enquanto se fazia à idéia gradualmente. Ia ser pai. Sorridente, a tomou em seus braços e girou em redondo com ela—. Amo-te, Leta. Muito obrigado por minha vida.

—Não, Aidan, obrigado por me recordar como é sentir outra vez. Despertar cada manhã nos braços de alguém que me ama.

Aidan riu enquanto a alegria corria por todo seu corpo. Estava finalmente no último status do homem. Mas pela primeira vez em sua vida, não estava sozinho. Estava mais forte que nunca antes porque sabia que tinha a uma pessoa a seu lado que nunca o enganaria. Alguém que tinha morrido para mantê-lo a salvo.

A vida realmente nunca tinha sido melhor.

—Feliz Natal Aidan.

—Feliz Natal Leta... e bebê.

Umas especiais palavras natalinas de Sherrilyn Kenyon

Que demônios é isto? Vejamos, posso ler as hortelãs, haha. Olá leitores. Para aqueles que estão acostumado a seguir minha série, possivelmente reconheçam às pessoas das seguintes páginas. Para aqueles que não, possivelmente lhes percam um pouco.

Tentarei fazê-lo o melhor que pude para explicar as coisas a aqueles novos em meu mundo, mas não queria entupir cada cena para aqueles que estão familiarizados com os livros. É uma delicada balança e espero havê-la encontrado.

Queria incluir as seguintes vinhetas como um presente extra para os leitores para instruí-los sobre que estão fazendo as pessoas dos anteriores livros antes de nos colocar de cabeça no livro do Xypher (Dream Chaser) e mais importante, o livro do Ash, os quais sairão ambos no 2008.

É um rápido vislumbre em seu mundo, e espero que o desfrutem.

Felizes festas a todo mundo! Pode que sua estação seja brilhante e espero que retornem para a história do Xypher em Fevereiro o qual levará a série de volta a Nova Orleans onde ele estará à caça da Dimme fuga e exigir vingança sobre um antigo amor. Enquanto ali, vai conhecer a Simone, uma diferente médica que compartilha algumas coisas e com o Talon e que tem um fantasma por amigo—um que está apanhado desde finais de 1980. Sim... Jesse é muito divertido e somente Simone pode encurralá-lo. De fato, ela é o única poderá medeio encurralar ao Xypher.

Até a próxima, cuidem-se!

OH, e uma rápida advertência. Haverá spoilers se não tiver lido os anteriores livros, incluindo Devil Mai Cry.

REUNIÕES NATALINAS

Nova Orleans

Bar o Santuário, Natal

Aimeé Peltier se deteve enquanto observava a reunião a seu redor. Este era o único dia do ano em que o Santuário estava oficialmente fechado. Inclusive embora muito poucos membros de sua extensa família eram Cristãos, ainda se tomavam tempo para celebrar os Natais. Para recordar suas próprias crenças e voltar a pensar naqueles que amaram e perderam.

Como indicava o nome do bar, este era o céu para os animais, trocadores de forma quem era caçados uns pelos outros e pelos humanos. Seus pais tinham baseado o bar fazia um cento de anos depois de que os irmãos maiores de Aimeé tivessem sido assassinados na guerra sem sentido que dividia a suas pessoas uns de outros.

Tinha sido o solene voto de sua mãe que nenhuma mulher choraria jamais a perda de um filho se ela podia ajudar. Mas após, a visão de sua mãe do que era correto e o que estava mal tinha trocado um pouco. E para manter a paz aqui no bar, sua mãe tinha tomado decisões com as que Aimeé nunca estaria de acordo.

Mas então, as desavenças entre mãe e filha eram mais antigas que os próprios animais anime.

O bar estava atenuado, iluminado só por velas. Seu irmão Dev estava na esquina, pondo bebidas. recolheu-se seu comprido e encaracolado cabelo loiro em uma rabo-de-cavalo enquanto brincava com o Colt e Angel, quem estava em forma humana, sentados sobre tamboretes em frente da barra bebendo cervejas.

A mãe do Aimeé, Nicolette, estava do lado de fora em forma

humana enquanto jogava com os osednos de Czar. Havia vários tigres, um jaguar, e ursos vadiando ou lutando de brincadeira enquanto outros estavam em sua forma humana jogando às cartas, apostando, ou só saíam a passar a noite.

—Está bem?

voltou-se ante a profunda voz detrás dela para encontrar-se a Maxis ali de pé. Alto e magnífico, tinha escuro cabelo loiro e olhos verde-chapeados que brilhavam a débil luz. Atônita, tinha piscado um par de vezes para assegurar-se que não estava imaginando sua presença. Maxis tinha chegado ao santuário gravemente ferido. Um dos estranhos dragões Katagaria, não se mesclava facilmente com outros grupos. Preferia ficar isolado no apartamento de cobertura onde podia dormir em forma de dragão e não ser incomodado.

—O que está fazendo aqui embaixo?

Max cruzou os braços sobre o peito.

—Senti sua dor e me estava perguntando que o causava.

Sua preocupação a tocou profundamente. Era verdade, vendo a família a seu redor se doía por o único mais queria.

Fang Kattalakis. Um lobo que tinha estado meio morto, tinha sido gasto aqui por seu irmão e Aimeé o tinha atendido lhe devolvendo a saúde da mesma maneira que tinham feito ao Max. Mas ao contrário que com o Max, apaixonou-se pelo Fang incluso embora sabia que não havia oportunidade de que houvesse algo entre eles.

Se só pudesse convencer a seu coração disso.

Ela ofereceu ao Max um sorriso que sabia era falsa.

—Estou bem.

—Não está bem, Aimeé. Não estiveste bem da noite em que Fang partiu.

Ela ficou nervosa.

—Por favor baixa a voz...

—Melhor assim?

Ela podia ouvir sua voz na cabeça. Assentindo, aplaudiu-lhe o braço.

—Estarei bem, Max. Obrigado por preocupar-se, mas já me conhece.

—Conheço-te, Aimeé. E se que essa solidão é um calabouço de espinhos que perfuram cada capa de armadura que tenta construir para isso.—Ele manteve a mão em alto de modo que ela pudesse ver a tatuagem que tinha colocado ali em lembrança de sua família—.Eu perdi o que mais significava para mim. Não cometa o mesmo engano.

—Mas Fang e eu não somos companheiros. Não há marcas...

—Tampouco havia marcas para nós. E ainda assim meu coração está quebrado. Não deixe que os Destinos rejam sua vida. Algumas vezes temos que tomar essa responsabilidade por nós mesmos.

Ele deu um passo atrás e passou seu olhar ao redor dos outros.

—Eu não gosto de estar aqui com essas pessoas e animais. vou retirar me, mas recorda, valor é fazer o que sabemos que é perigoso. É arriscar nossa segurança por uma oportunidade de fazer algo melhor. Não deixe que seus temores dêem forma a sua realidade porque não importa o cautelosa seja, alguém ou algo sempre entra às escondidas pela porta de atrás para manifestar esse temor. Melhor enfrentá-lo e derrotá-lo que deixar que te agarre despreparado.

antes que pudesse responder, ele se desvaneceu.

Aimeé ficou ali de pé enquanto considerava suas palavras. Tinha razão, mas saber algo e atuar sobre isso eram duas coisas completamente diferentes.

—O que queria?

Ela vacilou ante a pergunta de seu pai. ao redor dos dois metros treze, seu pai intimidava a tudo o que o via. Mas não a ela. Como sua única filha, Aimeé sabia que nunca lhe faria mal.

—Estava-me desejando umas Felizes Festas.

Seu pai sorriu antes de atraí-la contra ele e beijá-la no

cocuruto.

—Atraí a estranhas criaturas.

—Isso é algo mau?— olhou significativamente a seus irmãos.

Seu pai riu.

Mas sua risada não a aliviou.

—Papai? Posso te perguntar algo?

Ele entrecerrou os olhos sobre ela.

—Não estou seguro de que eu goste desse tom de voz, mas pode tentá-lo.

antes que falasse, jogou uma olhada aonde sua mãe jogava com os cachorrinhos.

—Se não te tivesse emparelhado com Mamãe, Ainda te teria ficado com ela?

Seu olhar se obscureceu.

—Por que o pergunta?

—Curiosidade.

Sua expressão se endureceu e podia ver que sua resposta não lhe tinha agradado.

—Não me minta, Aimeé. Posso cheirá-lo em sua pele. Está pensando nesse lobo, Não é verdade?

Ela apartou o olhar incapaz de lhe responder. Não é que não soubesse já.

Os olhos de seu pai arderam ante ela.

—Ele não é de nossa espécie.

E em sua mente isso não trocava nada.

—Sei, Papai. Digo-me isso a meu mesma cada dia.

—Se nos deixar por ele, não sei se Nicolette poderá dirigi-lo. Sua mãe pode ser dura, mas te quer e só deseja o melhor para todos nós.

—Sei.

Ele se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido.

—Mas esta é sua vida, MA petit cour. Sempre estarei aqui para ti.

Aimeé fechou os olhos quando essas palavras aliviaram seu coração.

—Obrigado, Papai. Quero-te.

—E eu a ti. Agora sorri e te una à festa.

Deixou-a para falar com seu irmão Serre enquanto Aimeé se sentia repentinamente desconjurado e não sabia por que. Esta era sua casa. Ali estava suas pessoas e família, e ainda assim...

Nunca tinha experiente nada igual a isto antes e fazia que lhe doesse.

—Está bem, irmãzinha?

Assentiu a seu irmão Kyle quando se deteve seu lado.

—Está-me começando a doer a cabeça.

—Quer que te traga algo?

Sorriu ante seu juvenil rosto. Era o mais precioso de todos seus irmãos.

—Está bem, bebê. Acredito que vou jogar me uns minutos. Lhe diga a Mamãe que voltarei a descer breve.

—Vale.

Lhe apertou o braço antes de sair pela porta que conectava esse edifício com a casa em que viviam. Estava estranhamente silenciosa com todo mundo no bar. Este era o único momento em que a casa estava completamente tranqüila.

Aimeé subiu para seu quarto.

Empurrando a porta para abri-la, deteve-se quando captou uma essência familiar.

Fang.

Seu coração se acelerou quando fechou a porta de repente para lhe buscar. Mas ele não estava ali. Queria chorar... ao menos até que se deu conta de que sua essência ainda era forte junto a seu

penteadeira.

Olhou debaixo de uma pilha de papéis para encontrar uma pequena caixa. Levantando-a, inalou a essência inequívoca do Fang. Como sentia saudades. Seus olhos choravam, desempacotou o presente e abriu a caixa para encontrar um pequeno medalhão. Tinha uma garra de urso sobrecarregada ao redor de um diamante no fronte. Na parte de atrás estava a garra de um lobo. Mas era o que havia em seu interior o que fez que caíssem suas lágrimas.

Era uma parte de seu cabelo. Aimeé soluçou ao vê-lo. Os animais não davam coisas assim. Com esse cabelo, um inimigo poderia rastreá-lo através do tempo.

Mas ele confiava o bastante nela para lhe deixar o ter. Nada lhe tinha chegado mais.

Sua mão tremendo, fechou o medalhão e o pendurou ao pescoço. A larga cadeia caía entre seus peitos, e o meteu em seu prendedor de modo que pudesse o ter tão perto como fora possível de seu coração e mantê-lo fora da vista dos outros.

Quando se esticou a pela caixa, deu-se conta de que havia uma nota no fundo. Desdobrando-o, sorriu ante o típico comentário do Fang.

Você estranho.

Não “te amo”. Nada tolo ou romântico. Só uma curta e clara verdade.

—Eu também sinto saudades.—sussurrou ela, tentando deter as lágrimas. E foi então quando levantou o olhar para ver a marca de uma mão impressa em seu espelho.

a do Fang.

Aimeé levantou a mão para isto, colocando a palma contra a impressa dele.

—Um dia, Fang. Um dia...

Fang piscou enquanto observava ao Aimeé através da janela. Em forma de lobo, era capaz de ocultar-se através do escurecido céu. Queria abraçá-la tão desesperadamente, mas sabia que era melhor não tentá-lo. Sua mera presença a punha em perigo.

—Um dia, Aimeé...

Com o coração rompendo-se, deu a volta e se escondeu cruzando o telhado até que houve bastante distancia entre eles de modo que pudesse trocar a forma humana, cintilando nas roupas que tinha estado levando, e baixou. Foi até onde tinha deixado seu Suzuki GSX-R. ficou o casco antes de arrancar o Jixer e dirigir-se a casa para passar a noite.

Era difícil estar com sua família quando o que realmente queria era Aimeé. Seu irmão Vane era um lobo com sorte. Sua companheira humana, Bride, tinha-o aceito, e os destinos os tinham decretado como companheiros de vida.

Se só um lobo pudesse emparelhar-se com uma vas.

Suspirando, Fang estacionou a moto e entrou na casa através da porta de atrás.

Bride tinha engalanado toda a casa para as festas de Natal. Havia sinos, acebo, e flores de páscoa por todos os lados. Ele ouvia risadas procedentes do comilão quando deixou as chaves sobre o mostrador.

Seu irmão Fury se deteve na soleira. Ele inclinou a cabeça antes de fazer um som licano com a garganta.

—Melhor lava o urso de ti antes de te aproximar do Vane. Entrem ali cheirando dessa maneira e te tosquiará seu peludo culo.

Fang começou a lhe dizer o que podia fazer com essa advertência. O último queria era tirá-la essência do Aimeé, mas era natal.

Tempo de paz e família.

- Descerei em uns minutos.

Fury assentiu enquanto via o Fang dirigir-se de volta às escadas. Sentia-o tanto por seu irmão. Se pudesse, entregaria ao Aimeé, mas isso não podia ser. Os ursos nunca tolerariam que sua única filha se emparelhasse com um lobo. Isso só não se fazia. E se os destinos não o decretavam...

Homem, isso devia emprestar.

—Fury?

Ele se voltou para ver o Maggie vindo pelo corredor para unir-se a ele na cozinha.

—Necessita uma mão?—perguntou ela.

—Nah.—disse ele, dirigindo-se ao frigorífico—.Só devi buscar um pouco de água. Eu não gosto de beber essa coisa humana. Não vai comigo e não acredito que queira que seu pai me veja trocar à forma de lobo enquanto está aqui-.Seu pai não tinha idéia de que estava rodeado por animais os quais tomavam forma humana para aplacar às famílias do Maggie e Bridge—. Com minha sorte, estarei tão bêbado que mijarei sobre sua perna.

O companheiro do Maggie, Wren, riu quando se uniu a eles.

—Por isso, possivelmente te pague.

Maggie lhe deu uma cotovelada a seu companheiro no estômago.

—Prometeu-me que te comportaria.

—Estou-me comportando. Mas se Fury de repente se ma sobre seu pai...

—Wren!

Ele sustentou as mãos em alto a modo de rendição antes de lhe dedicar uma piscada.

—São todos tão maus.

Wren só sorriu quando agarrou a água do frigorífico antes que voltassem para comilão onde a família do Bride estava cantando canções de natal Natalinos. Bridge estava sentada no sofá com seu filho sobre seu regaço enquanto Vane se sentava no chão, sustentando

sua mão enquanto se encolhia um pouco pela desafinada canção a capela.

Fury sentia uma profunda necessidade de uivar, mas o agudo olhar do Vane lhe manteve a boca fechada. Ele se encontrou com o olhar do Fang quando seu irmão se uniu a eles. Seu cabelo escuro estava ainda molhado por sua rápida ducha.

Farejando, Fang se encolheu muito ao lobo quando seu nariz foi assaltado pela essência de o humanos o rodeavam. Sempre era difícil estar com tantos ao redor. Mas tinham chegado a ser professores em mesclar-se com eles.

Algumas vezes.

Fury foi para ele e lhe estendeu uma garrafa de água.

—feliz Natal, irmão.

Fang assentiu antes de tirar o plugue e tomar um sorvo. Mas inclusive assim, Fury via o desejo na cara de seu irmão e se perguntava que seria pior. Saber que queria e não ser capaz de reclamá-lo ou ser como ele e não ter nem idéia de se encontraria a alguém que pudesse lhe tolerar...

Nova Orleans

Casa dos Hunter

Kyrian Hunter olhou ao redor a seus amigos e família quem estava reunidos para o jantar de Natal. Seu filho Nicky, e sua filha, Marissa, estava jogando sob a árvore com sua sogra enquanto seu melhor amigo, Julian, e sua esposa Grace estavam ajudando a seus filhos a abrir o último dos presentes.

A família de sua esposa, o clã Devereaux, estavam todos ali, rendo e celebrando.

Tinha que ser o bastardo com mais sorte do planeta. Parecia que ontem tinha estado sozinho no mundo sem ninguém que o amasse. Ninguém que se preocupasse com ele.

E uma noite um letal inimigo quase tinha tomado à maioria das pessoas que estavam agora reunidas em sua casa.

Sua cunhada, Tabitha, levantou-se e golpeou seu copo para atrair a atenção de todos.

—Sinto interromper, mas queria ter um segundo e lhes dizer Feliz Natal a todos.

elevou-se um grito, mas Tabitha lhes indicou que guardassem silêncio.

—Sabem, minha avó Romaní sempre me disse que os inimigos e os amantes fazem estranhos companheiros de cama.

Kyrian encontrou o olhar do Valerius por cima da cabeça da Tabitha. Os dois tinham acontecido séculos odiando o um ao outro. Mas por suas algemas que eram irmãs as gema, tinham enterrado a tocha, só que não na cabeça do Valerius como tinha querido Kyrian. Ele levantou seu copo em um silencioso brinde ao Valerius quem lhe devolveu o gesto antes que seu olhar encontrasse a de seu irmão, Zarek, quem estava da mão com sua esposa, Astrid. Ao igual a Kyrian, Zarek também tinha passado a eternidade odiando ao Valerius.

Agora os irmãos estavam reunidos.

Os milagres aconteciam. As pessoas nessa sala era a prova vivente disso.

—Pela família,—disse Tabitha, sustentando seu copo—.E por esses que perdemos, mas que ainda estão em nossos corações, eu quero propor um momento de silêncio por eles...

Todo mundo inclinou suas cabeças em respeito.

Mas não era tristeza o que sentia Kyrian, era gratidão por todos aqueles que estavam aqui esta noite, vivos e bem.

Levantou a cabeça ao mesmo tempo em que o faziam Talon e

Sunshine. Kyrian lhes sorriu, recordando um tempo quando ele e Talon tinham sido os únicos dois Dark-Hunters para patrulhar Nova Orleans. Tio, quantas coisas tinham trocado do fatídico dia quando despertou algemado a sua esposa, Amanda.

E graças aos deuses por isso.

Nick retrocedeu da janela quando viu o grupo de dentro inclinando suas cabeças para rezar. Colocou a mão contra o cristal da janela e recordou os natais passados quando ele e sua mãe tinha estado em casa do Kyrian, celebrando-o.

Cada ano com sua mãe tinha exigido que assistisse a missa de meia-noite com ela. Cada ano até que tinha sido brutalmente assassinada.

Agora Nick não tinha a ninguém.

Poderia dizer-lhe Kyrian e Amanda lhe dariam a bem-vinda. Mas ele não podia permitir-lhe. Tinha vendido sua alma ao diabo por vingança e o que queira que ele visse, via-o Stryker.

E Stryker queria a filha do Kyrian.

Não importava quando Nick odiasse possivelmente ao Acheron por permitir que morrera sua mãe, não podia deixar que Kyrian sofresse. Devia- muito ao Kyrian para isso.

Fechando os olhos, Nick se afastou deles e girou o pescoço de seu pulôver de pescoço alto para bloquear o frio. Deveria haver alguma classe de volta para os enganados. Mas não o havia. A vida era fria, e esta era brutal.

Para ele, nunca haveria perdão. Não havia maneira de retornar à vida que tinha tido uma vez.

Nenhuma maneira de trazer de retorno à mãe que uma vez tinha amado mais que a sua própria vida. Realmente o havia fodido todo.

Com o coração quebrado, Nick deixou a casa do Kyrian e cruzou a rua até onde tinha estacionado seu Jag. depois de meter-se dentro, Nick se deteve para observar a casa do Kyrian. As luzes vermelhas e

brancas brilhavam na noite e podia ouvir as risadas que vinham da festa no interior.

—Feliz Natal,—sussurrou antes de acender o carro e conduzir para o Cemitério do St. Louis na Rua Basin. Estacionou no posto de gasolina cruzando desde esta e atravessando a rua vazia até que esteve ante as portas fechadas. Nick olhou à direita e depois à esquerda antes de elevar-se por cima da grade de três metros e médio e então saltar ao interior.

Estava negro como o carvão, mas como um Dark-Hunter, podia ver melhor na escuridão que a plena luz do dia. Ignorou as famintas almas que se estendiam a por ele quando caminhou para a tumba de sua mãe. Por causa de seu vínculo com o Stryker, era imune à posse de suas almas.

Nick apartou seu casaco e tirou as rosas que tinha comprado para ela. Destroçado pela tragédia de sua vida, ajoelhou-se ante sua tumba e apoiou a frente contra a fria pedra.

—Você estranho, Mamãe. E o sinto.

E ali na escuridão por um breve momento, pensou que podia sentir sua presença. Mas sabia melhor. Ela estava tão perdida como o estava ele.

Caindo de joelhos, Nick se enroscou contra a tumba e fechou os olhos com força enquanto a pena o atormentava.

Stryker pôs os olhos em branco quando viu a imagem do Nick ante a tumba de sua mãe em sua mente.

—Por que o fiz meu servente de novo?

Sua irmã, Satara, levantou o olhar desde sua esquina.

—O que?

Stryker suspirou quando se moveu no trono.

—Seu mascote. Está choramingando outra vez. Vê por ele.

Satara deixou escapar um som de desgosto.

—Por que não o matas já?

Stryker o considerou.

—Porque ele será minha ferramenta para matar ao Acheron. Confia em mim.

—Confio em ti...—Ihe soprou um beijo. Levantou a mão para formar umas bodas de modo que pudesse ver o Nick—.OH, só Ihe deixe. Ihe deixe derrubar-se em sua pena. quanto mais sinta sua perda, melhor para nós.

Possivelmente sua irmã tinha razão.

Inclusive assim, vendo o Nick com sua mãe recordava ao Stryker a perda que tinha sofrido uma vez, e Ihe doía ver o Nick com uma pena igual a essa. Mas mais que sua perda, ele pensava na de seu próprio filho.

Urian.

A dor da morte de seu filho ainda Ihe queimava por dentro, e fazia que odiasse à deusa a que servia a qual Ihe tinha ordenado matar a seu próprio filho.

—Um dia, Apollymi, servirei-te o que você me serviu —.e ele riria enquanto ela chorava a morte de seu precioso Acheron.

Katoterós.

Ash sorriu enquanto via sua filha, Simi, e a sua irmã, Xirena, abrindo presentes. Vestida em um traje gótico de Ajudante da Santa, Simi tinha o cabelo vermelho e negro. Suas asas de demônio eram de um vermelho a jogo, e se ondeavam enquanto desempacotava uma caixa grande.

O cabelo da Xirena era loiro, e estava vestida em verde escuro e ouro.

De repente, Simi chiou de prazer.

—Bonecas B-Goth!—. sorriu ao Acheron de orelha a orelha quando rompia a caixa para abrir a da boneca Slayer Storm e a

colocava junto a sua boneca Pandora.— Akri, você consente a seu Simi e ela adora a seu akri. Obrigado!

Xirena deixou escapar um ruído similar quando abriu seus presentes para encontrar uma coleção de Bebês Vodú. voltou-se para o servente do Acheron, Alexion.

—OH, akri, sabe o que gosta a seu demônio. Obrigado.

Danger se inclinou contra as costas do Ash para lhe sussurrar ao ouvido.

—O que crie que farão quando abrirem suas bolsas Tokidoki?

Um penetrante, dilacerador grito respondeu à pergunta. Ash realmente se encolheu.

—Acredito que perdi toda a audição.

Alexion bufou.

—Acredito que acabamos de ficar sem alguns cristais nas janelas.

Danger pôs os olhos em branco a seu marido antes de apartar-se do lado do Ash para rodear o peito do Alexion com um braço.

—Então deveríamos ver de substituí-los?

—Não...—Alexion se deteve como seu de repente captasse o que ela queria dizer—.Um, sip, acredito que deveria. —ele olhou ao Ash—. Se me desculpar...

Ash não teve tempo de responder antes que os dois se desvanecessem.

Simi franziu o cenho.

—aonde vão?

—Suarento sexo humano,—respondeu Xirena antes de comer-se um dos qees plásticos de sua bolsa.

Ash se encolheu ante o comentário da Xirena que era muito provavelmente certo.

—Xirena, Importa-te?

Ela o olhou inocentemente.

—O que? É o que vão fazer. Esses o fazem sempre. Todo esse ofegar e...

—Xirena, por favor!

Simi deixou escapar um comprido e sofrido suspiro quando captou a atenção de sua irmã.

—Não é você, Xirena. Akri teme que seu Simi vá encontrar a outro humano com o que ter sexo.

Xirena fez um estranho som demoníaco.

—Lhe sigo dizendo isso precisa me deixar que lhe presente a alguns de meus amigos demônios. Têm muita mais energia que a desses humanos. Podem passar dias sem deter-se. E se vêem muito melhor. Nenhum humano se volta azul quando...

Ash se levantou.

—Senhorita Demônio? Importa-te? Realmente eu gostaria de trocar esse sujeito.

Simi soprou.

—Lhe escute. Pensaria que akri nunca teve sexo antes da maneira em que se conduz, o qual a Simi sabe definitivamente que não é verdade. Akri tem mais sexo que dez humanos suarentos qualquer que possa nomear.

—Simi! Compaixão, por favor.—o único queria era ter que falar abertamente de sexo com sua filha.

Ash se deteve quando uma repentina idéia o impactou. Estalou os dedos. QVC apareceu na TV, e as demônios imediatamente se transladaram aos monitores.

Graças aos deuses que conhecia menos uma coisa que podia as distrair. Deixou escapar um aliviado suspiro quando se estenderam no chão e manifestaram seus telefones móveis de modo que pudessem começar a comprar.

—Problemas com os demônios?

Ash se congelou para ouvir a voz de seu irmão detrás dele.

Alexion lhe tinha advertido que lhe tinha permitido ao Styxx cruzar a seu lado do Katoteros para as festas.

Ainda assim, isto o chateava.

Ash se voltou para encarar à única pessoa que era quase uma cópia idêntica dele. A única diferença eram seus olhos. Os do Styxx eram de um brilhante azul enquanto que os do Ash era um redemoinho de prata.

—Pensei que passaria disto. Não são exatamente suas festas.

Styxx olhou a árvore de natal na esquina da sala do trono da Ash, lá metade dos adornos tinham desaparecido desde que as demônios tinham decidido comer-lhe a primeira hora da tarde.

—Nunca pensei que veria algo assim no hall dos deuses atlantes. Pensa muito em sua família, não?

Ash vacilou. Como humano, tinha rogado uma vez que seu irmão o quisesse. Ao menos, reconhecido como sua família. E cada vez que tentava alcançar ao Styxx, Styxx o tinha esbofeteado brutalmente apartando o dele.

Agora as coisas tinham dado a volta, e era Styxx o único que se estendia por ele. Seu instinto era lhe devolver o favor.

Mas Ash se negava a ser dessa maneira...ao menos hoje.

—Levou-me muito tempo ter uma família que me reclamasse.

Styxx suspirou.

—Alguma vez vou ser capaz de me provar a ti, verdade?

-Quantas vezes tentaste me matar até agora?

Styxx colocou sua mão sobre o ombro do Ash e lhe dedicou um sincero olhar.

—Desculpei-me por isso.

—E eu aceitei suas desculpas.

—Mas não me crie.

—Faria-você?

Styxx apartou o olhar enquanto tirava a mão do ombro do Ash,

e Ash se arrependeu pela ferida no olhar de seu irmão. Queria confiar em seu irmão, mas não era tão simples. Separavam-nos séculos de traição.

—Olhe, tomemos o com calma, Styxx. me dê tempo.

Styxx assentiu.

—Ao menos não me está lançando à rua nu, huh?

Ash ficou rígido ante as cruéis palavras e as lembranças que o atravessaram do dia em que Styxx e seu pai tinham feito isso com ele.

Styxx parecia horrorizado quando se deu conta do que havia dito inadvertidamente.

—OH deuses, Acheron. Esqueci-o. Sinto-o muito.

Isso havia ainda uma cunha entre eles. Styxx tinha esquecido um sucesso que tinha deixado uma cicatriz indelével na alma do Ash. Uma de abjeta humilhação e amargura.

E isto fazia que Ash queria lançar a seu irmão à parede detrás dela. Tinha o poder para fazê-lo sem fazer um movimento.

Assim de fácil.

Mas se refreou a tempo.

—O que está fazendo aqui, Styxx?

—Eu não gosto de estar sozinho todo o tempo.

Quando Ash falou, assegurou-se que suas emoções não se revelassem em sua voz.

—Sim, realmente é ruim estar sozinho, especialmente os dias de celebração.

Styxx saltou.

—Fui estúpido, Acheron. Por favor, me dê outra oportunidade.

—Quer que o largue fora?

Ash olhou acontecendo o ombro do Styxx para ver o Urian aproximando-se deles. Alto e magro, Urian tinha o cabelo loiro esbranquiçado que normalmente tinha pacote atrás com uma cinta. Desde dia em que o pai do Urian, Stryker, tinha-lhe talhado a garganta

e o desse por morto, Urian tinha vivido aqui com o Ash, Simi e Alexion.

—Está bem, Urian. Tenho-o.

-Seguro? passou todo um dia da última vez que matei a alguém, e estou me pondo ansioso.

Styx voltou um ameaçador olhar sobre ele.

—Não pode me matar. Se o fizer, Acheron morre.

Urian estalou a língua.

—Bonito truque, mas o conheço melhor. O laço funciona ao reverso. Se Mato ao Ash, você morre. Se lhe Mato a ti, é só outro dia para alegrar-se.

Ash sacudiu a cabeça.

—Pensei que estava acontecendo as festas com o Wulf e Cassandra.

—Estava-o, mas então Cassandra ficou a chorar pelo das festas e não posso me fazer cargo disso.

Apesar de suas duras palavras, Ash sentia a pena que levava ainda Urian pela morte de sua esposa, Phoebe. Ela tinha sido a irmã da Cassandra, e não duvidava que isso era o que tinha posto a Cassandra tão triste esse dia.

—Ainda é seu dia livre.

Urian se encolheu de ombros.

—Ódio os dias livre. São uma perda de tempo. Demônios, nem sequer há algum Daimon aí fora perto. Todos eles estão metidos em um buraco como se houvesse alguma classe de trégua ou algo.

—Não se preocupe. Sairão e com força em ano novo.

Urian parecia esperançado.

—me envie adiante no tempo, Ash. Quero começar a limpar a casa.

—Sabe que não posso fazer isso.

Urian bufou.

—Quer dizer que não quer. Ambos sabemos que pode.

—Só por que possa...

—Não significa que deva.—Urian negou com a cabeça—. Realmente desejaria que conseguisse outro dito. Esse coxeia—. Urian caminhou para as demônios e se deixou cair no chão entre elas.

—Alguma oportunidade de que possamos ver um filme de terror?

Simi levantou a cabeça para olhá-lo.

—Há alguma onde os demônios ganhem?

—Não realmente.

—Então pooh para eles. Prefiro comprar.

Urian fez uma careta.

—Eu prefiro me tirar os olhos.

Simi arqueou uma sobrancelha.

—Se o fizer, A Simi pode comer-lhe Urian gemeu em fingida dor.

Xirena tirou uma garrafa de molho andaime de sua bolsa.

—Tem que compartilhá-los se o faz.

Urian choramingou em fingida dor.

Ash não lhes emprestou atenção quando começou a afastar-se do Styxx.

Styxx lhe agarrou do braço e atirou dele para detê-lo.

—Não pode me ignorar para sempre, irmão.

—Certo,—concordou Ash—. Mas posso te ignorar por agora.

E com isso, estalou os dedos e deixou Katoteros para visitar o Olimpo.

Normalmente, estaria como Urian e preferiria tirá-los olhos que estar aqui. Hoje, entretanto, era diferente.

Abriu as portas do balcão do templo da Artemisa para encontrar a sua filha, Kat, visitando sua mãe na sala principal. Kat se sentava sobre o almofadado trono com seu comprido cabelo loiro

brilhando. Seu marido, Sem, permanecia parado detrás dela com uma possessiva mão sobre seu ombro enquanto Artemisa o fulminava com o olhar. Seu comprido, ondulado cabelo vermelho caía ao redor de seu corpo, e Ash podia dizer que ela estava a um passo de fazer voar a Sem de seu templo.

—Perdi-me algo?—perguntou Ash quando se uniu a eles.

Artemisa se voltou para ele com um vaio.

—Arbusto já a Sem.

—Faria-o, mas acredito que Kat sentiria saudades.

—Como se me importasse.

—Matisera!—disse Kat, pondo sua mão sobre seu dilatado ventre—. Se agradável. Ele é o pai de seu neto.

Artemisa deixou escapar um chiado de dor e cintilou fora da habitação.

— Vovozinha, vovozinha, vovozinha,—disse Sem em uma maneira muito infantil.

Ash lhe olhou com diversão.

—Isso era realmente necessário?

Sem riu.

—Absolutamente, e não pretenda nem sequer por um instante que não adora cada minuto disto.

Ash não pôde resistir sorrir.

—Não, todos e cada um dos minutos.

Kat pôs os olhos em branco ante eles.

—Vós dois são horríveis.

Unindo-se à risada, Ash se moveu para tomar a mão do Kat, e quando o fez, captou um brilhante brilho de algo em sua mente.

Ofegou.

—Solren?—perguntou Kat, usando o termo atlante para Pai—.Acontece algo mau?

Ash não podia falar quando um estranho sentimento o

sobressaltou. Havia algo...algo...

Não, era alguém, deu-se conta, e isto jogava um horrível manto sobre tudo. O olhou ao Kat como se tentasse fazer todo o possível por esclarecê-lo.

Não funcionava. O que queira que fosse, foi-se. Mas ainda assim, deixava detrás uma greta.

Algo estava chegando para ele.

E ia trocar lhe para sempre...

Notas:

***Maurits Cornelis Escher** ou **M. C. Escher** foi um conhecido pelas suas , e (*mezzotints*), que tendem a representar construções impossíveis, preenchimento regular do plano, explorações do e as - padrões entrecruzados que se transformam gradualmente para formas completamente diferentes

*¹Phobos: deus grego do medo, filho de Ares (deus da guerra) e Afrodite

Simbolizava o temor e acompanhava Ares nos campos de batalha, injetando nos corações dos inimigos a covardia e o medo que fazia-os fugir.

*Deimos: é de e de . Como seu irmão Gêmeo , acompanha seu pai nas

ba
tal
ha
s.
O



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>

terrível Deimos é a do . Acompanhava seus pais em inúmeras batalhas, com e sua irmã, Enya.

***Têmis** era a guardiã dos juramentos dos homens e da lei, sendo que era costumeiro invocá-la nos julgamentos perante os magistrados. Por isso, foi por vezes tida como deusa da justiça, título atribuído na realidade a Diké.

*Na mitologia grega, **Lissa** era o que personificava a ira frenética, a (sobretudo na) e a produzida pela .

***Sibilas** são um grupo de personagens da . São descritas como sendo mulheres que possuem poderes sob inspiração de .

*Phthonu, personificação do mal e do ciúmes, principalmente em questões amorosas.